

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Liane Goia de Araujo Marson

**A polêmica no espaço escolar em torno do conto
“Obscenidades para uma dona de casa”, de Ignácio de
Loyola Brandão**

TAUBATÉ – SP

2015

LIANE GOIA DE ARAUJO MARSON

**A polêmica no espaço escolar em torno do conto
“Obscenidades para uma dona de casa”, de Ignácio de
Loyola Brandão**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada
pelo Programa de Pós-graduação em Linguística
Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas
estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

TAUBATÉ – SP

2015

Liane Goia de Araujo Marson

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a.: Claudete Moreno Ghiraldelo - ITA/UNITAU - Orientadora

Assinatura: _____

Professor Dr.: Eduíno José de Macedo Orione - UNIFESP, Guarulhos – Membro Titular

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Eliana Vianna Brito Kozma –UNITAU– Membro Titular

Assinatura: _____

Dedico esta pesquisa a todos os profissionais da
área de Literatura, que em algum momento de sua
atividade docente encontraram obstáculos ao estudo
do erotismo em sala de aula

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Claudete Moreno Ghiraldelo, pelo apoio e incentivo ao tema.

À Profª Drª Elzira Yoko Uyeno (in memoriam), que sempre me levou para frente.

Aos professores doutores da Unitaui pelas contribuições ao meu crescimento.

Ao meu marido, por estar sempre por perto.

À minha filha Ana Carolina que muito colaborou com reportagens sobre o meu tema.

Aos meus filhos, pela compreensão do momento vivido.

À colega Evelise Morari, pela preocupação e apoio ao meu tema.

A sexualidade [...] é a transformação dos desejos sexuais em construção de si, já que a sexualidade transforma um dado não social em afirmação – ela também não social – de uma liberdade criativa. (Alain Touraine)

RESUMO

O conto *Obscenidades para uma dona de casa*, de Ignácio de Loyola Brandão, inserido em um livro de contos adotado pelo Governo estadual de São Paulo para as escolas públicas, gerou polêmica em 2010 pelo seu teor considerado obsceno. Pais de alunos de diversas cidades do estado de São Paulo denunciaram em redes de TV e na internet a escolha do livro devido ao conto que, segundo eles, não poderia ser estudado em sala de aula por uma turma de adolescentes. A polêmica gerada pelas reclamações desses pais, contudo, se deve ao rigor de julgamento da sociedade em relação ao quê se estuda na escola. A sexualidade, na visão de alguns pais, precisa ser interdita por ir de encontro às suas expectativas no que concerne ao currículo escolar. Uma possível causa dessa atitude deles é a memória histórica que faz com que reproduzam, inconscientemente, o modelo de educação dado, desde tempos remotos, aos filhos, numa época em que a sexualidade era vedada às jovens. Muitos pais dizem não estar preparados para esse assunto com seus filhos; outros dizem que essa função deve ser da escola; professores alegam não saber como trabalhar esse tema, ou seja, eles preferem ignorar o assunto alegando o despreparo de seus jovens para discutir sexo e sexualidade e, quando um livro, com histórias de temas polêmicos como esses, é entregue nas escolas, os pais denunciam como imorais. Entretanto, apesar da polêmica gerada pelos responsáveis dos adolescentes, percebe-se uma permissividade em relação à indústria cultural. Em vista disso, essa pesquisa tem como proposta analisar as contradições entre o que circula culturalmente na sociedade – livros, filmes, músicas etc. e a reação conservadora dos pais por meio da materialidade de seus dizeres. Assim, a pesquisa aprofundará o estudo histórico sobre os dizeres que estão subjacentes às objeções dos pais criadores da polêmica e, a partir disso, entender como e por que a polêmica se sustentou. Tendo como ponto de partida o conto de Ignácio de Loyola Brandão, pretende-se fazer uma análise comparativa no que diz respeito ao conteúdo envolvendo a sexualidade ou o sexo de produções culturais consumidas pelos estudantes adolescentes que, não fazendo parte do universo educacional, não são interditados pelos pais. Para a base teórica da pesquisa, será utilizado o quadro de referências teórico da análise do discurso de Michel Pêcheux em sua interface com a psicanálise e estudos de Foucault a respeito do significante do discurso, buscando compreender as fantasias sexuais criadas pela dona de casa do conto de Brandão. Os materiais culturais consumidos pelos estudantes, assim como os dizeres dos pais recolhidos da imprensa, serão analisados a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e de alguns conceitos da psicanálise. Também me valerei das teorias da feminista Simone de Beauvoir para fundamentar o corpo da pesquisa referente à visão que a sociedade teve das mulheres, além dos estudos de Mary Del Priori acerca da figura feminina e sua posição social em uma sociedade patriarcal e conservadora do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE – Ensino de Literatura; Literatura erótica na escola; Padrões culturais e sexuais; Linguagem obscena.

ABSTRACT

The tale *Obscenity for a housewife*, of Ignacio de Loyola Brandão, set in a storybook adopted by the federal government for public schools, sparked controversy in 2010 because of its content deemed obscene. A parent of a public high school student called the report from TV Globo to show their outrage at the choice of the book due to the tale, could not be studied in the classroom by teenagers. Working with adolescents for over twenty years and watching today's youth, the programs they watch, the music they listen to and the books they read, I noticed an inconsistency in the father's complaining. What I realize is a rigor in relation to what is studied in school, where current issues involving sex must be interdicted for going against expectations of parents regarding the school curriculum. Thus, school and reality would be dissociated from each other, as many parents still have a certain expectation of what should be taught to their children. In view of this, my research is to analyze the contradictions between what circulates culturally among young people and the conservative reaction of parents through the materiality of his sayings. Thus, the research will deepen the historical study of the words behind the objections of parents creators of controversy and, from there, understand how and why the controversy was sustained. Taking as starting point the tale of Ignacio de Loyola Brandão, aims to make a comparative analysis of some songs lyrics, the subject of some films, the subject of some best-selling books whose comments circulates on social networks urging other young to read it, newspaper articles on the subject of controversy with works of classical literature. Supported the theoretical assumptions of discourse analysis of the French line, the speech of the parents will be analyzed, as well as the lyrics, the mentioned films and some literary references will also be used to compared to the tale of Ignacio de Loyola Brandão, present conflicting Brazilian educational standards of education responsible for a paradoxical values and, in some cases, without parameters. Supported the theoretical assumptions of discourse analysis of the French line, the speech of the parents will be analyzed, as well as the lyrics, the films and some literary references will also be used to compared to Brandão's tale. In field theory, the theoretical framework of reference of discourse analysis of Michel Pecheux in its interface with psychoanalysis and Foucault's theory is used, seeking to reveal the sexual fantasies of a housewife. The theories of feminist Simone de Beauvoir will be also used to support the body of research on the vision that society had of women, in addition to studies of Mary Del Priori about female figure and her social position in a patriarchal and conservative society of the nineteenth century.

KEYWORDS - Literature. Obscenities. Cultural patterns. Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	16
1.1. Análise do Discurso de Linha Francesa.....	16
1.2. Conceitos da Psicanálise.....	19
1.3. Estudos Históricos sobre a Mulher.....	25
2. CAPÍTULO 2 - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	32
2.1. Os PCN e o Componente Curricular	32
2.2. Painel da Polêmica	37
2.3. Apresentação do Autor Ignácio de Loyola Brandão	45
2.4. Contexto Histórico da Época do Conto	47
2.5. Cultura de Massas	50
3. CAPÍTULO 3 - ANÁLISES.....	54
3.1. Análise do Conto “Obscenidades para uma dona de casa.....	54
3.2. Obras de Interesse dos Adolescentes e uma Breve Análise	61
3.2.1. Obras Literárias	61
3.2.2. Músicas	65
3.2.3. Filmes	67
3.2.4. Programas de Televisão	68

3.3. Análise dos dizeres dos pais polemistas	70
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS.....	95
OBRAS CONSULTADAS	96
SITES PESQUISADOS	97

INTRODUÇÃO

O amor é finalmente
um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias
Uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboiço de ancas,
quem diz outra coisa é besta.
(Gregório de Matos - 1636-1696)

O conto “Obscenidades para uma dona de casa”, de Ignácio de Loyola Brandão, inserido em um livro de contos adotado pelo governo federal para as escolas públicas, gerou polêmica e foi assunto da TV Vanguarda, transmissora da Rede Globo do Vale do Paraíba paulista, em 2010, por causa de seu teor considerado obsceno. Um pai de aluna do ensino médio público chamou a reportagem da TV Globo para registrar sua indignação perante a escolha do livro devido ao conto que, segundo ele, não poderia ser estudado em sala de aula por uma turma de adolescentes. Ao se fazer uma pesquisa a respeito do que circula na mídia com alto índice de aceitação na sociedade, livros, filmes, músicas e alguns programas de TV, percebe-se uma incoerência em relação à reclamação do pai da aluna envolvendo a polêmica, porque o conto está dentro do programa de Literatura e, assim como toda obra literária, se insere em um determinado contexto que justifica o conflito vivido pela personagem e o vocabulário obsceno presente na estória. O que se percebe é um rigor em relação ao que se estuda na escola, onde questões atuais envolvendo sexo¹ precisam ser interditadas por irem de encontro às expectativas dos pais no que concerne ao currículo escolar. Dessa maneira, escola e realidade estariam dissociadas uma da outra, pois muitos pais ainda têm uma determinada expectativa do que deve ser ensinado aos seus filhos nas instituições educacionais.

Esse descompasso entre a realidade externa e a escola parece estar na raiz da nossa formação cultural desde os anos do Brasil colônia, anos em que a escola literária Barroco surgiu e encontrou terreno propício no Brasil para proliferar e durar quase cem anos, estilo de época que tem como principal característica a oposição de ideias e os conflitos do homem dividido entre o

¹ Nesta dissertação usaremos o termo “sexo” para designar práticas sexuais, como o próprio ato sexual, e “sexualidade” para designar a condição humana de homem ou mulher.

sagrado e o profano. Quanto às músicas, aquelas tocadas nos bailes funk², muito concorridos, são um exemplo de letra obscena numa festa permissiva; assim como as músicas do funkeiro Naldo Benny, conhecido como MC Naldo³, que são um convite explícito ao sexo. As jovens cantam tais composições tocadas em festas de adolescentes, ou até em churrascos de família, aparentemente sem problema. A letra da música do Luan Santana, *Sogrão caprichou*⁴, parece relatar algo que acontece entre as atuais adolescentes: na frente dos pais demonstram ser de um jeito e, em suas costas, são outra coisa.

Como professora de Literatura no Ensino Médio, trabalho com jovens entre 15 e 17 anos há mais de vinte anos e conheço o teor das músicas que ouvem, o assunto dos livros que leem e dos filmes a que assistem. Há vinte anos, devido ao fato de sempre trabalhar com filmes que retratassem o momento histórico estudado, alguns alunos me pediram para passar o filme *Kids*⁵. Por desconhecer o conteúdo, aluguei e assisti. O conflito central gira em torno de problemas típicos de adolescentes, com envolvimento com drogas, bebidas e sexo descompromissado com a consequente aquisição da Aids.

Hoje, a preferência dos jovens não mudou muito. Programas como Big Brother Brasil são os preferidos entre eles que, assim que o ano letivo se inicia, trazem para a sala de aula algumas situações eróticas do programa que tem suas edições iniciadas no mês de janeiro de cada ano. A título de exemplo, em meados de 2014, quando o conteúdo estudado em Literatura era o Realismo/Naturalismo, uma aluna do segundo ano do Ensino Médio da escola particular onde eu trabalhava me pediu nomes de livros do estilo daqueles que eu comentava em sala, tais como *O primo Basílio*, *O Cortiço*, *Bom-Crioulo*, *A Carne*, dentre outros, porque, para ela, tratavam de assuntos interessantes, além de filmes que tivessem erotismo para assistir junto com o namorado.

² Baile funk é uma espécie de baile onde se toca o ritmo musical funk e reúne de centenas e milhares de pessoas, entre elas muitos menores de idade, em lugares fechados, como casas noturnas, ou abertos, improvisados, onde álcool e drogas circulam livremente.

³ Vai descendo, baby /Ah, vai subindo, baby /Me instigando /Que eu quero te provar / Eu tenho o que você quer / Você tem o que é meu /Cê sabe bem o que é.

⁴ (...) Perto de papai, você é santinha/ Quando o sogrão não tá, você perde a linha (...).

⁵ *Kids* (1994, Estados Unidos), dirigido por Larry Clark, escrito por Harmony Korine e produzido pelo cineasta Gus Van Sant. O filme foca a vida de um grupo de jovens sexualmente ativos de Nova Iorque e seu comportamento diante do sexo e das drogas durante a época da eclosão dos casos de Aids.

Apesar de ser uma escola particular, os jovens não se diferem muito uns dos outros e, essas preferências dos meus alunos podem revelar a preferência dos jovens de hoje, independentemente de estudarem em escolas pública ou privada.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o texto é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, portanto é importante que se estude todos os tipos de texto na escola para que os alunos aprendam a se relacionar com as diferentes linguagens conscientes de que sua utilização expressa questões existenciais vividas por personagens de determinados contextos culturais, políticos, econômicos e culturais. Se é pela linguagem que a realidade é concebida, a linguagem deve ser fiel para que sua representação aconteça verdadeiramente.

Pesquisas anteriores sobre a questão feminina desde o século XIX mostraram que os diferentes parâmetros em relação à educação que os rapazes e as moças recebiam surgiram a partir da visão que a igreja, o Estado e a ciência tinham a respeito da figura da mulher que, sendo considerada inferior tanto física quanto intelectualmente, estava restrita ao âmbito familiar, ficando a cargo do homem os registros sobre as mulheres. O estudo do contexto histórico e familiar visa buscar elementos comprobatórios desse equívoco educacional que leva pais atuais a adotarem atitudes retrógradas com as filhas acreditando serem as mulheres passíveis das más influências, portanto a necessidade de mantê-las longe de todas as informações envolvendo sua sexualidade que poderiam levá-las a se perderem.

O estudo da obra de Mary Del Priore e Simone de Beauvoir mostra que a educação recebida pelas moças dos séculos XIX e XX tinha relação com a visão religiosa e biológica sobre o sexo feminino: pela visão da igreja, as mulheres eram seres frágeis mentalmente e suscetíveis das más influências, o que levou à necessidade de pais reprimirem-nas para que elas não sucumbissem, orientadas pelas paixões negativas; de acordo com a visão biológica da época, por serem detentoras do útero, o cálice, o que recebe. O sexo feminino é entendido como o sexo passivo, receptivo e, portanto, cabia a elas se prepararem apenas para serem mães e boas esposas, sem a participação na vida educacional e social, fazendo apenas o que os pais ou maridos permitiam que fizessem.

Em vista disso, essa pesquisa tem como objetivo analisar as contradições entre o que circula por meio da cultura de massas na sociedade – livros, filmes, músicas etc. – e a reação conservadora de parte dos pais por meio da materialidade de seus dizeres em torno do conto de Loyola Brandão. Interrogo o motivo para esse tabu na escola em relação à leitura de uma

literatura erótica e fora da escola a permissividade ao que os jovens lêem. Não é pequena a quantidade de jovens que frequenta bailes funk, de meninas que engravidam na adolescência, de espectadores do BBB (número composto inclusive por adultos), de adolescentes que se filman nuas e postam na rede, portanto essas informações não podem ser desprezadas em relação ao conflito que um conto gerou. E os casos de pedofilia, de pais que estupram filhas, de assédio sexual em ônibus? Por que também não fazem boletins de ocorrência para essas situações que são noticiadas constantemente na mídia televisiva? Esses pais que se posicionaram contrariamente à adoção do livro provavelmente não leram o conto, pois as partes chamadas “obscenas” por eles aparecem grafadas em itálico, o que facilita encontrá-las sem precisar ler todo o conto porque, caso esses pais o tivessem lido, é possível que percebessem que as obscenidades estão dentro de um contexto pessoal vivido por uma mulher em busca de si mesma, como muitas vezes é retratado nas telenovelas.

Assim, esse trabalho aprofundará o estudo histórico⁶ sobre os dizeres que estão por trás das objeções dos pais criadores da polêmica e, a partir disso, entender como e por que a polêmica se sustentou. Por que determinadas leituras feitas pelos alunos fora do âmbito escolar não encontram objeção dos pais e aquelas que seriam acompanhadas das análises explicativas dos professores encontram uma barreira homérica para serem trabalhadas?

Portanto, esta pesquisa visa, a partir do conto de Ignácio de Loyola Brandão, fazer uma análise comparativa entre as letras de música dos pagodes, o assunto de alguns filmes, o tema de alguns livros best-sellers cujos comentários circulam nas redes sociais instigando outros jovens a ler que, não fazendo parte do universo educacional, não são interditados pelos pais, e notícias de jornais sobre o assunto da polêmica com obras da literatura clássica.

Apoiada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, a fala dos pais será analisada, assim como o tema erótico que atravessa as letras de músicas, os filmes citados e algumas referências literárias e como esse tema é discursivizado para, em comparação com o conto de Ignácio de Loyola Brandão, apresentar os conflitantes padrões culturais brasileiros representados pela polêmica.

No campo da teoria, será utilizado o quadro de referências teórico da análise do discurso de Michel Pêcheux em sua interface com a psicanálise e a teoria de Foucault, buscando revelar

⁶ Uma vez que o estudo histórico será feito aqui, faz-se necessário uma distinção entre o que faz parte da história de um povo e o que é uma história fictícia. Apesar de saber que a diferença entre os termos “história” e “estória” veio da língua inglesa “history” e “story”, e que no Brasil já não se faz mais essa distinção, utilizaremos o termo “estória” todas as vezes que se fizer referência às histórias dos romances – fictícias.

as fantasias sexuais da dona de casa. Também serão utilizadas as teorias da feminista Simone de Beauvoir para fundamentar o corpo da pesquisa referente à visão que a sociedade teve das mulheres, além dos estudos de Mary Del Priore acerca da figura feminina e sua posição social em uma sociedade patriarcal e conservadora do século XIX. O estudo proposto tem por finalidade compreender como esse descompasso aparece e se sustenta dentro desse contexto de oposição entre a permissividade da cultura atual com a educação que os pais supostamente querem dar aos jovens, não só no que diz respeito aos valores transmitidos em casa, como na visão que a sociedade tem sobre o que a escola pode trabalhar com os adolescentes, como se aquele ambiente não fosse adequado para se falar de sexualidade ou angústias e frustrações pessoais de personagens da Literatura. Ignorar o que está acontecendo dentro de casa e no cotidiano das adolescentes não é orientar para a vida, assim como impedir que o ambiente educacional seja o lugar de trabalho com as angústias existenciais de personagens fictícias não seria o mais acertado, pois, uma vez que a Literatura retrata a realidade, esse seria o momento de fazer um estudo de levantamento de hipóteses numa tentativa de desvendar os motivos que levaram aquela dona de casa a adotar as atitudes que adotou.

Esta dissertação está dividida em 4 capítulos, além desta Introdução e da Conclusão. No primeiro capítulo, “Pressupostos Teóricos”, é apresentada a base teórica deste trabalho. No segundo, “Os PCN e o Conteúdo Curricular”, algumas diretrizes dos PCN são introduzidas, a fim de comprovar que a escrita literária se justifica a partir das propostas curriculares governamentais. O capítulo 3, “Painel da Polêmica”, segue com uma breve biografia de Ignácio de Loyola Brandão, a contextualização da época em que o conto foi escrito, seguida por uma análise do conto. Ainda nesse capítulo, quando se aborda as Obras de Interesses dos Adolescentes, apresenta-se, primeiro, uma pequena teoria sobre a Cultura de Massas para então fazer a análise de outras produções culturais, tais como: Obras Literárias, Músicas, Filmes e Programas de Televisão. Na sequência, no capítulo 4, é apresentada a Análise dos Dizeres dos Pais Polemistas em comparação com as produções de cultura de massas, campeãs de audiência, com o objetivo de tentar compreender os motivos que levam esses pais à aceitação do erótico na mídia, mas impede seu estudo nas escolas.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Ela tinha tirado a roupa: peitos murchos e chatos, os bicos passas gigantes que alguém tinha pisado; coxas flácidas com nódulos de celulite, gelatina estragada com pedaços de fruta podre.

Estou toda arrepiada, ela disse.

Deitei sobre ela. Me agarrou pelo pescoço, sua boca e língua na minha boca, uma vagina viscosa quente e olorosa.

Fodemos.

(*O Cobrador* - Rubem Fonseca – 2006)

1.1. Análise do Discurso de Linha Francesa

Gostaria de perceber que no momento da fala uma voz sem nome me precedia há muito tempo. (Michel Foucault, 2012, p.5)

O que se dizia no que estava dito?

Falar em discurso é ter como pressuposto uma outra voz, ou vozes, que vieram antes do sujeito da fala, esse que utiliza a língua como veículo de exposição do pensamento e reflete ideias que não são somente dele. A crença na autonomia da língua é uma ilusão, pois como ser constituído pela família, história, ideologia, sociedade e economia, ele é um sujeito descentrado pelos diversos dizeres que o formaram ao longo da vida. Para entender o discurso, é preciso buscar esses dizeres no discurso, é entender que o que se fala está repleto de mitos do passado, ou da história, ou da sociedade, ou da economia; perceber que o discurso do homem é o mesmo proferido pelos antepassados, transformado pelo contexto atual. Partindo desse pressuposto, percebe-se a subjetividade do falante invadida por outras subjetividades, pois, de acordo com Piovezani e Sargentini (2011, p.7),

A alma das ideias materializa-se no corpo da história, corpo esse constituído por relações sociais de consenso e de conflito, por um conjunto heterogêneo de práticas e de representações que se modificam ao sabor das diversas épocas e lugares.

e, se são representações sociais, formam uma cadeia de três elos: o eu, o outro e a realidade vivida, sendo que a mensagem que o eu produz tem relação com o outro para quem essa voz se dirige, ideologicamente formado pela sociedade. Mesmo que o falante não diga: “Conforme minha avó dizia” ou “Minha mãe sempre diz”, percebe-se pelas incoerências entre pensamento e atitudes, ou realidade e discurso, as vozes constitutivas do indivíduo como ser histórico-social, porque o indivíduo somente se tornará sujeito por meio da linguagem, entrando, assim, na cultura do povo em que se insere, uma vez que é pela língua que se interpreta a realidade.

O dizer de alguém não só estabelece conexão com as ideologias anteriores responsáveis pela constituição ideológica do falante, mas também com o interlocutor que vai, em alguma medida, influenciar o próximo dizer. A preocupação com o entendimento leva o falante a organizar sua ideia de acordo com a ideologia e o entendimento de seu interlocutor, procurando utilizar um vocabulário que seja capaz de transmitir corretamente sua mensagem.

A partir dessas ideias é que se chega à noção de heterogeneidade do discurso – é pela fala que o analista do discurso busca revelar o falante, assim como também é possível desvendar as formações do inconsciente, verbalmente não-reveladas, mas constitutivas do sujeito. Essas formações inconscientes, uma vez percebidas, permitem a reconstrução de um outro discurso, mudo, muitas vezes quase secreto em sua autoria pela historicidade, mas pulsante e forte. Portanto, de onde vieram seus pontos de vista? De qual ideologia vieram seus valores? De que contexto social ele fala? O que se dizia no que estava dito?

Essa é a questão fundamental de Pêcheux quando analisa o enunciado de um discurso. Para ele, é importante estabelecer em que condições o discurso surgiu, se ele dialoga com outros dizeres, entender o que foi dito ou revelar o que está por trás do não-dito. O enunciado não se esgota em si mesmo porque ele é um registro da memória e a essência do discurso se insere na história, constituída pelas relações sociais, políticas, filosóficas, econômicas e familiares. Portanto, uma mesma ideia será diferente se materializada no dizer de um determinado falante, devido ao espaço, ao tempo e ao contexto sócio-histórico. É preciso, como Foucault diz (2013a, p.33)

encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas [...]

uma vez que o enunciado é único dadas as condições em que é produzido e, ao mesmo tempo, é repetição, recuperação e imitação. Se por um lado ele surgiu proveniente de situações que o originaram, ele não é de todo original porque o que se pronuncia está perpassado pelos vários dizeres que constituem o ser humano – o Outro lacaniano, o inconsciente do sujeito que se manifestará em alguns momentos, de alguma forma –, pela ideologia familiar antecedente ou atual, pela ideologia da classe dominante, pelos preconceitos inconscientes arraigados, pelos medos e fantasmas do passado e, muitas vezes, pela crença religiosa. Analisá-lo é um ato de investigação e dissecação. Saber o lugar social do enunciador e de que época ele é, é mergulhar no universo ideológico que possibilita o desvendamento dos elementos sócio-históricos do enunciado, e esse universo ideológico é imaginário, somente se configurando como real a partir da relação que o indivíduo tem com sua existência concreta porque, de acordo com Althusser (1985, p. 92)

(...) suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provém as ideias do dito sujeito.

A ideologia somente existe enquanto prática material nos atos materiais do sujeito que procura agir sempre de acordo com suas ideias, pois se a ação for diferente das ideias esse sujeito estará sendo contraditório. Essa contradição também poderá mostrar a verdade do sujeito já que as atitudes realizadas revelam o jeito de funcionar mais profundo do ser humano, estabelecendo a interface psicanalítica de desvendamento do eu. O que define a ideologia é a prática de constituir indivíduos empíricos em sujeitos, que por sua vez só se tornam sujeitos pela fala. O autor dos dizeres, assim como o interlocutor desse autor, são sujeitos ideológicos, pois de acordo com Althusser “o homem é por natureza um animal ideológico” (1985, p. 94).

Entretanto, de acordo com Foucault (2012, p. 47), parece haver uma espécie de medo de que o discurso possa revelar sua essência, pois

Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. De modo a que sua riqueza fosse aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais incontrolável; tudo se passa como se tivesse querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do

pensamento e da linguagem. Há, em nossa sociedade (...) uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso.

E, se quiser analisá-lo em seu jogo e seus efeitos, uma das regras que ele sugere é a da exterioridade que, a partir do próprio discurso, passa às condições externas de possibilidade, questionando o sujeito que fala por meio do enunciado, mas também questionando os enunciados a partir do sujeito que fala.

1.2. Conceitos da Psicanálise

Para Kehl (2008), a ética sobre a qual a prática psicanalítica se apoia aponta para um sujeito solitário que, embora seja habitante do mundo da linguagem, não se sente perfeitamente contido nele, vive eternamente se questionando sobre sua identidade, sobre o desejo que o concebeu e o desejo que nele habita.

Lacan (1956, apud KEHL, 2008, p. 23 a 25) parte da diferenciação que Saussure faz entre língua e linguagem e da teoria de que o ser humano não tem autonomia para criar nem modificar a língua, uma vez que seus sentidos são diacrônicos, vêm de um passado, para se chegar ao “sujeito do desejo, em busca de um significante que o realize”, e de acordo com Freud, esse significante se caracteriza como “formas de expressão ao recalcado”.

A história, por sua vez, não modifica a estrutura da linguagem, mas o uso da língua e, conseqüentemente, o lugar dos indivíduos na sociedade. No que diz respeito às mulheres, o lugar que ela ocupa ou deveria ocupar está explicitamente determinado pelas práticas falantes de linguagem que se transformam ao longo da história pelos deslocamentos de classe, gênero etc. que os agentes sociais sofrem, os quais, por sua própria força, não podem ser impostos.

A partir do pressuposto de que a estrutura da língua se apresenta como móvel, em sua diacronia, e aberta, em sua sincronia, o sujeito, por meio de sua fala, pode transformar o universo linguístico ao seu redor, buscando “um significante que o realize” (KEHL, 2008). Esse sujeito que falta, porque ao entrar em contato com a linguagem, obrigatoriamente ele entra em contato com o outro, é o sujeito desejante de Lacan e a realização de seus desejos se dá pela invenção de

formas de expressão. É a teoria de Authier-Revuz (1982 apud FERNANDES, 2005, p. 42) de que o Outro, em contraposição ao outro – exterior e social constitutivo do sujeito – “refere-se ao desejo e sua manifestação pelo inconsciente, sob a forma de linguagem”; é o indivíduo que intenciona tornar-se sujeito pelo desejo ou pelos dizeres dos pais, pois ele imagina fazer aquilo que os pais esperariam dele.

A cultura europeia dos séculos XVIII e XIX produziu vários discursos cujo objetivo era estabelecer uma adequação entre as mulheres e sua feminilidade, de acordo com os padrões da época – conjunto de atributos, funções, predicados e restrições ao seu ser. Discursos que, conforme Foucault (1988, apud KEHL, p.49), teriam a função de indicar às mulheres que seu lugar era aquele de acordo com sua verdadeira natureza – a família. A mentalidade da época apresentava as mulheres de maneira contraditória: por um lado, elas eram definidas a partir de sua natureza, ou seja, da anatomia e suas vicissitudes; de outro, a “natureza feminina” deveria ser “domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas” (KEHL, 2008, p.48). Conforme Roudinesco (2008), na Idade Média, o corpo humano era considerado a parte viciosa do homem, lugar de misérias e envoltório desprezível da alma, portanto, destinado à purificação.

Pelas particularidades dos corpos femininos e sua capacidade procriadora, à mulher só cabia um espaço na sociedade – o espaço doméstico –, a partir do qual se percebe a finalidade de seu nascimento – ser mãe. A fim de corresponder a essa imagem social, ela deveria ostentar determinadas virtudes, entre elas e, principalmente, uma constante preocupação com os desejos e necessidades dos homens e dos filhos, forma essa de pensar compartilhada por Kant, de acordo com Kehl (2008, p.57):

Embora Kant considerasse que, se a mulher é “um ser de razão”, deve necessariamente ser livre em suas escolhas, esta mesma razão, escreveu ele em *Antropologia*, destinará a mulher a seu papel de reprodutora da espécie e à submissão de seus interesses particulares aos da espécie, representada pela família.

De acordo com Fuentes (2009, p.16), outra autora que se reporta à obra de Kant, ele considerava a mulher um ser naturalmente inapto para “tornar-se um agente moral e dotado de inteligência, sendo que sua finalidade deveria resumir-se a um adorno que agrada o homem e ajude na perpetuação da espécie”, pensamento que mostra que, para ele, se a mulher é um ser de

razão, ela deve perceber que o objetivo de seu nascimento se restringe a utilidades práticas como agradar ao homem e procriar.

Ou ainda, conforme Peter Gay (1995, apud KEHL, 2008, p. 57), que lembra *Philosophie des Rechts*, de Hegel, é responsabilidade do homem “administrar as pulsões de morte – luta, inimizade e ódio -, enquanto que à mulher caberiam as pulsões da vida – o amor e a harmonia familiar”.

Essas responsabilidades do homem ou da mulher lhes são atribuídas já em crianças quando, pelo simples fato de serem do sexo masculino ou feminino, passam pouco a pouco a pertencer a “um dos dois grupos identitários, carregados de significações imaginárias” (KEHL, 2008, p.27), inscritos, então, no discurso da cultura a que pertencem e destinados a ocupar os lugares e a assumir os deveres que sua identidade lhes confere. A diferença anatômica será um importante significante responsável por reduzir a mulher a um ser faltante devido à falta fálica. De acordo com a sociedade em que se vive, o papel feminino pode ser muito rígido, cercado que está por padrões pré-definidos pelo discurso do Outro, entretanto, nem sempre esses padrões são seguidos devido às pulsões do sujeito contemporâneo quando ele se torna sujeito de seu desejo e se opõe ao discurso predominante. A presença ou não do apêndice sexual, para Lacan, “falo” é simbólico e muitos significantes podem ocupar esse lugar, por exemplo, o trabalho ou o interesse da pessoa por alguma coisa; ele não é elemento único e constitutivo do ser sexuado do sujeito. Muitos homens, assim como muitas mulheres questionam sua virilidade e feminilidade, respectivamente.

De acordo com Touraine (2010) a distinção entre os gêneros masculino e feminino é uma criação “do poder do macho” e exatamente aquilo para o qual ela se constituiu – dar prazer ao Outro. É pela sexualidade que as mulheres estão buscando se firmar como sujeitos livres, ficando a cargo do feminismo atual a refutação da diferença sexual, relegando-a ao que ela sempre foi: uma construção histórica, criada pelo sexo masculino devido às diferenças fisiológicas existentes entre homens e mulheres.

Seguindo na mesma direção de Touraine, Fuentes (2009) defende a necessidade de a mulher se reinventar, escrevendo sua história a partir desse século XX, quando os movimentos feministas inseriram-nas na cultura ocidental e lhes proporcionaram a possibilidade de se emanciparem jurídica e politicamente.

Mas o que é ser mulher se não existe manual de instrução definindo diferenciações de atos entre homens e mulheres? De acordo com a Psicanálise, não existe a Mulher como existe o

Homem, porque a mulher, pela falta do apêndice – o falo – será sempre castrada e dessa castração é que virá sua feminilidade, uma vez que a “falta fálica” faz com que ela se volte para o amor do homem. Para Soler (2005, p.26), a menina só se torna mulher quando espera pelo falo; será sua aproximação com o homem que a definirá como mulher com m minúsculo, jamais maiúsculo. A partir desses estudos psicanalíticos o lugar da mulher foi definido, cabendo a ela ocupar o lugar do “ser o falo”, aquilo que falta ao Outro. Ela nunca é caracterizada como um ser em si, apenas como o objeto do outro, do homem, do macho, já que como ser faltante ela precisa se completar falicamente. De acordo com Freud (apud SOLER, 2005, p.30), o único destino adequado a uma mulher seria ser a mulher de um homem, teoria criticada pelas feministas do século XX.

Se ao homem cabe a pulsão de morte, é aceitável que ele sinta impulsos de adquirir, de conquistar, de buscar o sucesso e o reconhecimento, situação vetada às mulheres, responsáveis pela pulsão de vida e, portanto, voltadas para a harmonia familiar, a vida, a paz, o equilíbrio. Provenientes desse discurso, o prazer das mulheres ficou confinado durante muito tempo ao âmbito espacial doméstico, não lhe sendo permitido encontrar prazer em situações externas, como trabalho e realização profissional e pessoal. A classe masculina não compreendia o que poderia estar faltando a uma mulher que materialmente era presenteada com todo tipo de mimo material e/ou emocional, uma vez que os estudos psicanalíticos diziam que a mulher seria sempre o objeto do homem pela sua falta fálica.

Para os psicanalistas, há uma dificuldade grande em saber o que realmente caracteriza a mulher devido ao seu ser faltante e, para Freud, essa incógnita sobre as mulheres levou-o a vê-las como masoquistas em seu gozar o que, em outras palavras, seria dizer que essa é a “expressão do ser da mulher”, opinião rejeitada por Lacan que defende o masoquismo como “suplência da relação sexual que não existe” (apud SOLER, 2005, p.59). Sendo a mulher o outro no par sexual, ser espancado na relação sexual representa “ser amado”, ser objeto do Outro.

A ambiguidade que permeia os estudos sobre o feminino é aquela que apresenta a mulher como um “ser dividido entre o que é para o Outro e o que é como sujeito do desejo” (SOLER, 2005, p.62), permitindo uma suposição de que o consentimento dado à relação masoquista seja indicador de desejo, desse ser para o Outro. A permissão estaria relacionada ao sentimento feminino de querer agradar ao homem para se encontrar nesse desejo do Outro, pois sendo ele o sujeito do desejo e ela o objeto, ao concordar em ser amordaçada, espancada e abusada, ela se realizará pelo prazer que proporciona ao sujeito. Para Lacan (apud SOLER, 2005, p.66),

não há limites para as concessões que a mulher se dispõe a fazer por um homem com seu corpo, seus bens, sua alma; está tudo bem para ela quando se trata de se enfeitar para que a fantasia do homem encontre nela sua hora da verdade.

As concessões femininas têm origem em seu ser fálico, elemento que define a condição de ser mulher e se sustenta no amor, relacionadas que estão à pulsão de vida, diferente dos homens, cuja virilidade se firma e reafirma pela potência sexual e pela prática do ter, que representa a conquista.

A educação recebida pelas moças dos séculos XIX e XX defendia como requisito primordial para o sucesso do casamento a docilidade, fragilidade, recato, desproteção, passividade e submissão para que o homem pudesse exercer sua virilidade, força, comando e, uma vez afirmada sua masculinidade, mostrar que era ele quem deveria protegê-la dos perigos que a sociedade representava para uma moça educada longe da maldade e da malícia sociais.

Entretanto, sendo a sedução originariamente feminina, a partir dos estudos bíblicos que mostram Eva como a responsável pela queda do paraíso por ter seduzido Adão, essa ação não tem nada de passividade, sendo o oposto do que se espera de uma mulher, originando o grande paradoxo que gira em torno dos estudos sobre o sexo feminino.

Quando as mulheres aceitaram ser o “outro do discurso”, aceitaram que homens falassem por elas, perdendo a própria voz e, naturalmente, seu poder de mudar o próprio destino. Aceitar o papel de dona de casa e mãe é aceitar produzir somente esse discurso, conversando com outras mulheres apenas o que se relaciona ao lar e à família. É a situação que a leva a se perder como ser individual, expectante, realizante. Contudo, se elas não têm o poder de decisão pela fala, pelo posicionamento verbal perante a sociedade, entre quatro paredes, com sua sedução persuasiva, elas têm os homens sob seu domínio. Esse poder, paradoxalmente oposto ao discurso da educação que receberam, gera um conflito íntimo levando os estudiosos, assim como as próprias mulheres, a não saber o que elas querem.

De acordo com Kehl (2008, p. 69), “sempre haverá certos maridos para reclamar que, com a “pouca educação” que as mulheres adquirem, logo se voltam contra eles”, o que comprova que os homens não se sentem muito seguros ao lado de mulheres que tenham uma bagagem cultural suficiente para pensarem por si mesmas. Mesmo que as mulheres não tomem atitudes contrárias à decisão masculina, em seu complexo de castração, elas se voltam para a função de

“ser o falo”, um significante que tem seu lugar no discurso do Outro e, assim, o ato de agradar ao homem, principalmente sexualmente, conferem-lhe um poder jamais imaginado. Aceitar as fantasias sexuais do marido representaria poder agradá-lo em todos os níveis e torná-lo dependente de si.

Apesar da condição feminina como um ser subalterno desde tempos remotos, o paradoxo novamente se instaura, porque as mulheres vêm lutando pelos seus direitos numa guerra ideológica contra os homens. Passando pela Grécia antiga, Europa medieval, chega-se à França dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX, quando atitudes de rebeldia feminina revelam uma luta para dessexualizar as atividades exercidas na sociedade e acabar com a separação de cargos e funções pelo sexo: sexo frágil restringe-se a profissões de menor impacto e responsabilidade, sexo forte ocupa cargos importantes na decisão dos rumos da sociedade.

De acordo com estudos de Fuentes (2009) a poetisa Safo, da Ilha de Lesbos, no ano de 625 a.C. lutou pelo direito de serem as mulheres poetisas. Na baixa Idade Média, na Europa, mais precisamente na Bélgica, surgiram as beguinhas, moças que dedicavam sua vida à ajuda humanitária sem a necessidade de ingressarem em um mosteiro. Muitas delas tinham vasta cultura e se notabilizaram como sábias e místicas influenciando fortemente outras mulheres, situação que incomodava o poder da igreja, levando algumas delas à fogueira da Inquisição.

Já na França, desde o século XV, surgiram mulheres que se rebelavam contra a inferioridade de sua condição. De acordo com Fuentes (2009, p.12), a escritora e dama da corte francesa Christine de Pisan foi a primeira mulher a participar de um debate filosófico sobre o valor da mulher. No século XVII, Marie de Gournay dirige à rainha uma queixa sobre a defasagem cultural entre homens e mulheres, considerando-a como decorrência de ser o sexo feminino excluído dos “espaços de transmissão do saber”.

Delacroix, pintor francês da época da Revolução Francesa, apresenta em seu quadro “A liberdade guiando o povo” uma figura feminina que guia o povo devido à entrada de muitas mulheres na política. Essas e outras tantas situações confirmam a existência, desde muito tempo atrás, de mulheres que não aceitavam sua condição inferiorizada não pela sua falta de capacidade, uma vez que ela não foi testada, mas pela crença masculina decorrente de visões religiosas, científicas e históricas sobre uma suposta inferioridade feminina, considerando suas características físicas.

No fim do século XVIII, duas corajosas mulheres atuam, uma na França e outra na Inglaterra em defesa de seus direitos. Olimpe de Gouges, dramaturga revolucionária, foi

guilhotinada em 1793, dois anos depois de ter escrito “A Declaração dos direitos das mulheres e da cidadã”; Mary Wollstonecraft apelou ao governo inglês para que fossem garantidos pelo Estado os direitos à educação para ambos os sexos em sua obra *A vindication oh the rights of women*. Entretanto, somente no século XX, na Europa, é que a mulher alcançou seus direitos sociais, políticos e profissionais.

1.3. Estudos Históricos sobre a Mulher

No Brasil, durante a época colonial, século XVII a XIX, segundo ditames da igreja, a mulher estava e sempre esteve sujeita ao homem – pai ou marido – portanto, sua educação destacava a preparação delas para o casamento, desenvolvendo a habilidade na “arte de prender a seus maridos e filhos como por encanto, sem que eles percebam a mão que os dirige nem a cadeia que os prende” (DEL PRIORE, 2009, p.51). Isso requeria dizer que elas deveriam se preparar para seduzir seus maridos, entretanto, na idade adequada. Ainda jovens, em idade adolescente, as mães procuravam enfraquecer os sintomas da carne e, quando casadas, não havia nada mais escandaloso do que o marido sentir desejos ardentes pela própria mulher; esse sentimento não era permitido entre casais, apenas entre homens e suas amantes, conforme as palavras de Del Priore (2009, p.52) “moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos”. O desejo na mulher não deveria ser explícito, apenas sugerido, e ela deveria ser ingênua, recatada e envergonhada; a maternidade deveria ser o elemento responsável por coroar sua felicidade. Com essa atitude, ela estaria mais próxima da imagem da Virgem Maria, a imagem da pureza, e distante da imagem do pecado na figura de Eva.

No decorrer do século XIX, a família burguesa sofre alterações em seus costumes influenciados pela consolidação do capitalismo, mas o papel da mulher continua sendo o de esposa, mãe e dona de casa. Filhos educados e esposa dedicada ao marido eram os atributos essenciais que se esperava de uma mulher adequadamente educada para a sociedade da época. As máscaras sociais são pré-requisito para o sexo feminino, a quem não foi dada a oportunidade de fazer suas escolhas, sempre preocupadas com a imagem que as pessoas poderiam fazer delas.

Com o advento do século XX e o processo de urbanização acontecido na capital da República promovido pelo prefeito Pereira Passos, a noção de vida doméstica também se

urbanizou, mas para a mulher a opinião alheia continuava a ser importante. Os casamentos, muitos deles arranjados, eram vistos como degraus para a ascensão social e, portanto, cabia à mulher aceitar seu papel e procurar desempenhar bem sua função de esposa dedicada ao marido e fiel a sua casa, sem sobressaltos ou atitudes inconsequentes.

Nos chamados anos dourados, década de 1950, apesar das mudanças ocorridas e das possibilidades educacionais e profissionais apresentadas às mulheres, os papéis femininos e masculinos continuavam distintos entre si. O homem continuava sendo o chefe da casa e a mulher deveria continuar desempenhando adequadamente seu papel de excelente esposa, mãe e dona de casa. Esses eram os padrões ideais para as mulheres e aquelas que seguiam os modelos europeus e saíam em busca de realização pessoal e profissional eram vistas com muito preconceito.

Revistas da época, como *Jornal das Moças*, *Querida*, *Vida Doméstica*, *Você e O Cruzeiro*, traziam assuntos que defendiam as diferenças entre os papéis do homem e da mulher, além de apresentarem como ideal de felicidade propagandas em que as mulheres apareciam bem vestidas, maquiadas e felizes ao lado de um eletrodoméstico novo, ou usando um avental e servindo os filhos e o marido com um grande sorriso no rosto.

Na ideologia dos anos dourados, ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o máximo a se almejar pelas mulheres inteligentes. Eram as condições sociais femininas que trariam a felicidade porque ela estaria vivendo uma situação supostamente confortável e segura. A ideologia que se pregava desde o Brasil-colônia permanecia e essas atitudes eram as únicas capazes de conferir marcas de feminilidade. A mulher que saía para o mercado de trabalho era vista com ares masculinos, indo de encontro ao ideal feminino.

As próprias revistas da época traziam artigos que dividiam as mulheres em duas classes: moças de família e moças levianas. Às primeiras, tudo era reservado desde que elas mantivessem a pureza e o recato, enquanto que às segundas, por serem liberais, por permitirem liberdades com rapazes antes do casamento, seriam classificadas como moças não direitas. Apresentando esse último padrão, o cinema americano foi muito criticado como responsável por desencaminhar as moças de boa família com seu modelo de hábitos condenáveis, assim como a Literatura era considerada um “desvirtuador” de cabeças.

Não casar, ou “ficar pra tia”, era considerado a decadência para uma moça que, na velhice, só lhe sobraria cuidar dos pais idosos ou tomar conta dos sobrinhos. Para que isso não acontecesse, bons modos eram o elemento preponderante na conduta das moças decentes. Fugir

dos padrões e das regras seria o suficiente para que ela fosse considerada leviana e difamada nas rodas masculinas e femininas também.

Insatisfações femininas eram desconsideradas, porque às mulheres que, supostamente, não faziam nada durante o dia inteiro, cabia apenas serem dóceis e agradar aos maridos, enquanto que a eles tudo era permitido, porque trabalhavam duro o dia inteiro para dar conforto e segurança para a esposa e os filhos. Mesmo que elas tivessem motivos de estarem descontentes, era-lhes aconselhado por revistas da época, pela família e pela “ideologia dominante” evitar problemas, aceitar e ceder pelo bem da família e pela paz conjugal, uma vez que não existia a lei do divórcio e mesmo aquelas que se separavam sem se divorciar eram mal vistas pela sociedade.

O filme *O sorriso de Monalisa*⁷ retrata a década de 1950 e apresenta uma tradicional escola americana que preparava as jovens para o casamento. Em sua grade curricular, além das matérias comuns, incluindo arte, elas aprendiam etiqueta, boas maneiras, como colocar uma mesa adequadamente e como cuidar de bebês. Tudo isso para serem excelentes esposas e mães e qualquer outro destino que não fosse esse estava fora de cogitação. Tentar uma vaga em uma universidade era incompatível com o próximo passo depois de concluído o ensino médio, pois a única possibilidade era o casamento. Para aquelas jovens que estavam quase finalizando a escola e ainda não tinham encontrado um namorado, era natural o desespero e o medo de ficarem solteiras, restando-lhes a função de cuidar dos pais idosos. Em um momento do filme, a personagem de Kirsten Dunst, aluna já casada, recebe a amiga com o namorado em sua casa e exibe, orgulhosa, sua lava-roupas e secadora novas. Esse era o ideal da suprema felicidade.

O poder que o casamento tinha naquelas sociedades se relaciona com o poder que o homem tinha sobre a mulher. De acordo com Touraine (2010, p.16), a mulher era apresentada como ““proletário” do homem ou seu colonizado”, definição que a colocava na posição de inferioridade e submissão, devendo responder ao “patrão” ou seu “dono”. Ela não tinha voz, nem direitos, nem opiniões. Sua subjetividade se restringia aos seus sonhos e ilusões, pois elas eram obrigadas a agir de acordo com a conduta adequada a seu sexo frágil. De acordo com Del Priore (2013, p. 22) a submissão feminina como parte do contrato de casamento afirmava que o marido passava a ter direito sobre a mulher, inclusive sobre seu corpo, não lhe restando voz de decisão nem sobre si mesma. “A submissão feminina fazia parte do contrato”.

⁷ *O sorriso de Monalisa* (*Monalisa Smile*, 2004, Estados Unidos), dirigido por Mike Newell, dos estúdios Revolution e Columbia Pictures.

A imagem da mulher como proletária do homem acontece desde o momento em que a propriedade privada aparece, porque o homem, necessitando de mão de obra para expandir sua atividade com a terra, recorre ao serviço de outros homens que ele escravizará. Dentro desse novo contexto de senhor de escravos e de terras, ele passa a ser senhor também da mulher. De acordo com Beauvoir (2008), essa foi a grande derrota sofrida pelo sexo feminino e, desde então, nunca mais recuperou o status que sua figura tinha na Idade da Pedra quando havia igualdade entre os sexos, pois mesmo estando as mulheres restritas ao lar, elas desempenhavam um papel produtivo, então importante para a vida econômica das sociedades urbanas.

Se sua importância estava diretamente relacionada à atividade produtiva que exercia, essa mesma importância desapareceu no momento da descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro e do aparecimento da charrua, quando o homem resolveu estender os seus domínios. Utilizando instrumentos agrícolas mais pesados, não condizentes com a força física feminina, sua importância na atividade produtiva passa a ser nula, restringindo-se ao lar e à educação dos filhos. A mulher passa a viver a opressão social que, de acordo com Beauvoir (2008, p. 89),

é a consequência de uma opressão econômica. A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e só for solicitada pelo trabalho doméstico numa medida insignificante.

Analisando a organização social que se forma, percebe-se que a mulher será igualada ao trabalhador em sua relação com a figura masculina que é o opressor de ambas as classes; isso se deve ao fato de o homem viver em constante conquista, o que o faz ver os outros como inimigos e empecilhos para seus projetos. O imperialismo masculino fá-lo realizar sua soberania, configurando o domínio sobre esse Outro, ser frágil e dominável, seja pela ausência de força física, a mulher, seja pela condição inferior de seu nascimento, o escravo.

Essa relação de dominação do homem sobre a figura feminina tem origem mitológica. Gaia, a deusa cósmica, a deusa com forma fixa, surge como oposição ao elemento volátil que antes existia. É o princípio passivo e feminino, é o Yin e o *anima*, é a fixação, a densidade e fertilidade dos seios fartos, é o elemento matriz e gerador dos outros seres. É a mãe terra sulcada pelo instrumento do homem, o arado, instrumento de pontas afiadas, simbolicamente fálico, que

vai revirar a terra, trazer para cima o que está por baixo. O instrumento fálico é responsável pela transformação do elemento passivo, ou, de acordo com Apolo (apud BEAUVOIR, 2008, p. 120)

Não é a mãe que engendra o que se chama filho, ela é apenas a nutriente do germe deitado no seu seio: quem engendra é o pai. A mulher, como um depositário alheio, recebe o germe e, aprazendo aos deuses, conserva-o.

A mulher, definida como o princípio mal, está na mesma consideração negativa do caos e das trevas, enquanto o homem é o princípio bom, juntamente com a ordem e a luz. Desde a mitologia a mulher é vista de forma negativa. Começando com Pandora, ela é responsável pelos males que assolam a humanidade; passando pela Gênese, com Eva, ela é mulher sedutora e responsável pela perdição do gênero humano; chegando ao Cristianismo, com Maria Madalena, apesar de para alguns teóricos dos textos apócrifos ela ser considerada o espírito da sabedoria, para outros, como a tradição judaica, ela é uma mulher adúltera; para Pedro Crisólogo, sacerdote italiano que viveu em 406 d.C., ela é o símbolo da igreja santa e pecadora. E, no entanto, é preciso que haja o mal para que o bem se faça, assim como a ordem virá para substituir o caos e a luz para se opor às trevas.

Um pouco de mal, caos e trevas é importante para estimular a ação masculina. Se o mal não existir, o bem não tem como exercer o seu poder; se tudo é ordem, nenhuma ação é necessária, permanecendo o princípio ativo em estagnação; também um pouco de treva é útil para se quebrar o excesso de luz que, ao invés de clarear, ofusca e deforma a imagem. Portanto, apesar de a mulher, rica ou pobre, ser apresentada, a partir do surgimento da propriedade privada no século XVIII, como elemento inferior ao homem, sendo igualada aos escravos para seu senhor, que também era seu dono, ou como desvirtuadora da raça humana, pelo ponto de vista religioso, devido à crença na passagem bíblica de Gênesis, na história de Eva e o pecado original, nem sempre ela esteve qualificada assim, apenas depois da descoberta dos metais, porque antes dessas descobertas seu papel na família era de ativa participação na economia da família, ajudando o marido a plantar, a colher e a tomar decisões.

Na década de 1960, apesar de palavras como “relações sexuais”, “genitais”, “coito” e “orgasmo” já serem utilizadas, embora muito envergonhadamente pelos adultos, que revela uma mudança na educação das famílias, aos jovens ainda era vedado esse tipo de assunto, situação. Apesar dos tabus existentes em relação à sexualidade, surgem os chamados “moderninhos” que

liam e discutiam as ideias contidas no livro “A Revolução Sexual”, do psicanalista Wilhelm Reich⁸. De acordo com Del Priore (2013, p. 76) *era o início do direito ao prazer para todos*.

Apesar dessa pequena revolução ocorrida na questão sexual, as meninas eram educadas por mães conservadoras, portanto, ainda recebiam os valores de suas mães, que por sua vez receberam de suas mães (as avós), o que levava muitas a ainda sonharem em se casar virgens, entrando em uma igreja pelo braço do pai e usando um vestido branco, véu e grinalda, símbolos da pureza com que o rapaz a recebia. A mentalidade das moças pouco havia mudado.

No ano de 1974, a revista *Manchete* publicou uma pesquisa de opinião em que cem mulheres entrevistadas afirmavam sua preferência por serem objetos da história ao invés de sujeitos, além de defenderem a maternidade, a família, a contracepção e serem avessas à ideia do aborto (DEL PRIORE, 2013, p. 78). Era o momento de transição de uma sociedade de extremo conservadorismo para uma outra em que o assunto sexo começa a sair das quatro paredes de um quarto para as conversas entre amigas. Situação nova e, para muitas jovens, responsável por uma desconfiança e/ou insegurança devido às vozes interiores provenientes de uma educação historicamente repressora.

A década de 1980 apresenta uma situação paradoxal: a mulher brasileira que vivia em um contexto em que já existia o divórcio, aprovado em 1977, e que lhe dava o direito de decidir pelo fim do casamento em virtude da “incompatibilidade de gênios” – expressão muito usada como justificativa para o fim de muitos relacionamentos – ainda é conservadora e tímida, porque a opinião alheia pesava muito em suas decisões. Resquícios das vozes de sua educação ainda a barravam no momento de decidir algo tão definitivo. Por outro lado, ela sabia que devia educar sua filha de modo a conferir-lhe segurança para ser independente – “dividida entre valores novos e tradicionais, rejeitava a ideia da submissão da mulher. Ao mesmo tempo, na prática, deixava ao homem a maior responsabilidade pelo sustento da casa” (DEL PRIORE, 2013, p.82).

Toda a situação anterior se modifica na década seguinte. Nos anos de 1990, a mulher assume o fim do casamento e passa a ser, em muitos casos, a provedora da casa. De acordo com o censo feito pelo IBGE em 2010, 37% das famílias são chefiadas por mulheres que, acumulando as funções de pai e mãe, trabalham para se sustentar e os filhos, além de sua função histórica de educadoras da prole. É a nova realidade social.

⁸ Wilhelm Reich (1897-1957) foi um psicanalista austríaco, discípulo de Sigmund Freud que criou, a partir da Psicanálise uma nova abordagem terapêutica a qual, além das intervenções verbais, de fundamentação psicanalítica, também inclui intervenções corporais. Em seu livro *A Revolução Sexual* trata de temas como o orgasmo.

Esse novo contexto revela a pouca influência que a igreja ou a tradição familiar patriarcal exercem nas decisões das mulheres em busca de sua afirmação na sociedade. A importância do casamento na sociedade atual não diminuiu, o que se renovou foi a visão que muitos cônjuges passaram a ter dessa relação, não mais aceitando algo que se desgastou e que, ao invés de representar união e cumplicidade, revela a insatisfação de cada um e a solidão a dois. De acordo com o jornal *Gazeta do Povo*, publicado em 01 de dezembro de 2011, mais pessoas estão se divorciando porque a nova legislação facilitou a oficialização do fim dos casamentos. Em 2010, de acordo com Polianna Milan e Angélica Favretto, responsáveis pelo texto, foram registrados, segundo dados das Estatísticas do Registro Civil 2010, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 243.224 divórcios, maior taxa registrada desde 1984, quando se iniciou essa prática. Diferentemente do que acontecia até antes da lei do divórcio, quando os casais precisavam estar separados há mais de dois anos para se divorciar, além dos altos custos. Hoje, no Brasil, se não houver filhos ou litígio, o divórcio pode ser feito no cartório, pagando-se uma taxa fixa, ou seja, muito mais simples e rápido.

Apesar de toda essa revolução nos costumes, para as brasileiras o casamento ainda é um dos responsáveis pela sua realização, pois “elas precisam do olhar masculino para se sentirem aprovadas” (DEL PRIORE, 2013, p.97). Entretanto, como no século XXI valoriza-se mais a satisfação pessoal do que a relação conjugal, os relacionamentos duradouros são poucos. É o século em que o assunto principal é o amor, não um amor qualquer, mas um amor pleno e satisfatório, mesmo que dure pouco.

CAPÍTULO 2

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

– Vá amolar a puta que a pariu. Está mouca, aí com a sua carinha de santa? É isto: puta que a pariu. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa da sua sobrinha, compreende? Puta que pariu as duas.
(*São Bernardo*, Graciliano Ramos – 1892-1953)

2.1. Os PCN e o Conteúdo Curricular

Sendo o foco desse trabalho o que pode ou não ser estudado na sala de aula, faz-se necessário o conhecimento dos PCN, uma vez que eles são os reguladores dos conteúdos.

Os PCN, em consonância com a proposta da Linguística, defendem a ideia de que qualquer ato de linguagem tem como objetivo primário a produção de sentidos, assim como a compreensão da linguagem em sua arbitrariedade colabora com a problematização, por parte dos alunos, de sua maneira de olhar para o mundo e para si mesmos. É por meio da linguagem que o ser humano articula significados variáveis em sua representação de acordo com as necessidades e as experiências de cada um na vida social. Conforme se lê na apresentação dos PCN e o sentido do aprendizado na área:

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e as formas de comunicar, a ação e os modos de agir. (...) Produto e produção cultural, nascida por força das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se por seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo. (p.5)

A linguagem, sendo o instrumento da produção cultural proveniente do pensamento que se formou a partir das práticas sociais, apresenta significados que revelam o estudo histórico e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano. Sendo assim, toda obra artística, seja ela um romance, uma novela, uma pintura, uma escultura, uma música, enfim, qualquer manifestação artística, será sempre produto do meio, portanto, *nascida por força das práticas sociais* (p.5).

O espaço social com todas as suas normas, costumes, rituais, comportamentos e ações são organizados “influenciados na e pela linguagem, que se mostra produto e produtora da cultura e da comunicação social” (p.6). A linguagem utilizada em uma obra literária provém de uma série de elementos: quem escreve, para quem, com que intenção, relatando quais conflitos, decorrentes de qual contexto ideológico, histórico ou econômico.

Os PCN apresentam dez competências e a primeira delas vai ao encontro do assunto desse trabalho por propor *compreender e* “usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação” (p.6).

Nesse primeiro item, os parâmetros curriculares confirmam que a linguagem está repleta de significados e significações que ultrapassam o simples aspecto formal, pois em uma análise restritiva, o caráter intrassubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem se perderia para o aluno, assim como é necessário analisar a experiência construída no passado, porque o dado histórico se apresenta no contexto.

O conhecimento que pode parecer, em primeiro momento, como imediato, tem por trás de si uma história de lutas classificatórias que devem ser revistas no âmbito escolar. (PCN, p.7)

A compreensão dos significados e das significações da linguagem, de acordo com os Parâmetros Curriculares, contribuirá para “a formação geral do aluno, dando a ele a possibilidade de aprender a optar pelas escolhas, limitadas por princípios sociais, e de ter o interesse e o desejo de conservá-las e/ou transformá-las” (p.7). Em análise de obras literárias, o conhecimento da linguagem, associado à análise do contexto em que as obras foram produzidas, permitirá ao aluno uma compreensão maior da época retratada, das questões sociais e familiares, políticas e econômicas, dos conflitos existenciais e/ou particulares das personagens das histórias dos romances, novelas, contos etc.

Em uma análise de obra que utilize vocabulário obscuro, o peso da linguagem vulgar escolhida pelo autor se neutralizará em face da contextualização histórica da obra em questão, porque “a maior ou menor aceitação de determinada manifestação da linguagem na vida prática depende da representatividade que ela assume, nas normas de conduta social” (p. 7). A escolha da linguagem passa a ser representativa do conflito vivido pela personagem; a percepção do contexto em que a linguagem obscena aparece leva ao entendimento dos porquês da história.

Um escritor consagrado pela elite cultural pelo valor de suas obras não compõe literatura “a esmo”, ele tem uma estória em foco e uma personagem fruto de uma época. Uma vez que a personagem viveu/vive em determinado contexto histórico, ela é um reflexo desse momento - dos conflitos sociais e/ou políticos, da moda, da educação, dos costumes, da ideologia – ela é constituída pelas várias vozes que vão compor seu caráter/personalidade, de forma positiva e/ou negativa. Conforme os Parâmetros

O exame do caráter histórico e contextual de determinada manifestação da linguagem pode permitir o entendimento das razões do uso, da valoração, da representatividade, dos interesses sociais colocados em jogo, das escolhas de atribuição de sentidos, ou seja, a consciência do poder constitutivo da linguagem. (p.7)

Entretanto, para Apple (1982, p. 17), a constituição da maior parte dos currículos escolares é feita a partir de um consenso que dificilmente se voltará para uma escolha em que conflitos de classe, científico ou outros quaisquer sejam eleitos, uma vez que há uma ligação “entre o poder econômico e político e o conhecimento que é tornado acessível (e o que não é tornado acessível) aos estudantes”. Dentro desse painel, a chamada tradição seletiva permitirá que se ensine nas escolas a história das elites e a história militar, mas dificilmente a história da classe operária ou da mulher, considerados inferiores pelos donos do poder.

No caso das histórias sobre as mulheres, o que se percebe é a vida delas apresentada pelo ponto de vista masculino e, no que diz respeito à participação dessas personagens no ambiente revolucionário, eles apresentaram hostilidade à sua participação, considerando-as conservadoras.

O estudo das obras literárias em sala de aula, seja de obras clássicas, seja de obras modernas, sempre contribuiu para o conhecimento de um contexto histórico, político, religioso, social, ideológico, filosófico, apresentando ao discente uma época distante da realidade dele e permitindo seu conhecimento. E desde a Literatura de tempos remotos, até a Literatura pós-moderna, a linguagem chula, ou obscena, sempre esteve presente. No Trovadorismo, séculos XII/XIII, as cantigas de maldizer abandonaram completamente a sutileza das cantigas de escárnio e denunciaram a sociedade por meio de palavrões. No Barroco, estética conhecida como “Arte da Contrarreforma” por acontecer no período de grande influência da igreja católica, século XVII, Gregório de Matos e Guerra, o “Boca do Inferno”, fazia poesia fescenina, repleta de palavrões. O conhecimento da Literatura clássica mostra que a utilização de um vocabulário

vulgar, seja com termos grosseiros, seja com palavrões, sempre existiu porque se prestava a uma proposta de denúncia, uma vez que a Literatura reflete a vida.

No Realismo, escola literária do século XIX, período cientificista em que o homem – sexo masculino – era visto como uma “besta irracional”, e a mulher era vista como uma “fêmea no cio”, cenas de sexo eram descritas em detalhes, com muito erotismo e uma sensualidade próxima da luxúria, muitas vezes, retratando a relação homossexual, como a relação de Léonie e Pombinha, em *O Cortiço*⁹, obra de Aluísio Azevedo, ou a relação de Amaro e Aleixo, ambos marinheiros, da obra de Adolfo Caminha, em *Bom-Crioulo*¹⁰.

Em todas essas épocas, obras literárias com esse teor de obscenidade sempre chocaram a sociedade, principalmente no século XIX, com o Realismo/Naturalismo que apresentava o ser humano animalizado devido ao período cientificista vivido pelos autores. Eram épocas, entretanto, mais conservadoras em relação à própria educação que os pais davam a seus filhos, portanto, obras literárias naturalistas estariam fora dos padrões desejados pelos genitores e, conseqüentemente, alvo de muita indignação. Hoje, as obras citadas acima fazem parte do acervo cultural que os vestibulares entendem como obras de leitura obrigatória para se ingressar em uma universidade de qualidade.

De 2001 a 2003, livros como *O Crime do Padre Amaro*¹¹, de Eça de Queirós, que denuncia a hipocrisia do clero por meio da sedução de uma jovem pelo padre Amaro, e *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, que trata do amor homossexual entre Amaro e Aleixo, ambas

⁹ “O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes.”(p.137)

¹⁰ “Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo; o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...”

- Ande logo!Murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza.” (p.37/38 – retirado do site Travessia Poética)

¹¹ “Se tu soubesses como eu te quero, querida Ameliazinha, que até às vezes me parece que te podia comer aos bocadinhos! Responde pois e dize se não te parece que poderia arranjar-se a vermo-nos no Morenal, pela tarde. Pois eu anseio por te exprimir todo o fogo que me abrasa, bem como falar-te de coisas importantes... Adeus, anjo feiticeiro, recebe a oferta do coração do teu amante e pai espiritual, Amaro”(p.123)

pertencentes ao Realismo-Naturalismo, estiveram presentes na lista de leitura obrigatória da UNICAMP. Em 1997, o romance naturalista de Eça de Queirós, *O Primo Basílio*¹², esteve na lista da UNICAMP. Desde 2010, ano em que a polêmica sobre o livro *Os cem melhores contos do século* aconteceu, a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, faz parte das obras cuja leitura os vestibulares da Fuvest e da UNICAMP exigem, além de compor também as listas de leitura obrigatória da faculdade FGV e da Universidade Federal e Lavras – UFLA, em Minas Gerais. *Bom-Crioulo* esteve presente na lista de leitura do vestibular da UFPR, de 2015. Se Instituições de ensino superior consideradas de qualidade exigem a leitura dessas obras para avaliar o conhecimento do aluno que pretende ingressar em um de seus cursos, é porque elas trazem contribuições à compreensão do ser humano de determinada época, século XIX, quando a visão científica era fortemente estudada.

Essa seleção de livros de leitura extraclasse reflete, de acordo com Apple (1982, p. 19), “perspectivas e crenças de poderosos segmentos de nossa coletividade social”, portanto, determinados valores sociais e econômicos dessas instituições de ensino superior já se revelam nessas escolhas. Se, apesar das cenas de sexo homossexual explícito que obras como *O Cortiço* e *Bom-Crioulo* apresentam, essas instituições de ensino superior os colocam em sua proposta de leitura extraclasse obrigatória, a questão não está mais em questionar os motivos da escolha ou proibir, mas antes questionar quais são os valores que elas querem que o jovem conheça e avalie.

Atualmente, em vista do acervo “cultural” brasileiro, das novelas, dos programas de televisão, das músicas, dos livros considerados “Best Sellers”, não se justifica a indignação, pois de acordo com os PCN,

A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e as experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido (p.5),

¹² “Odiava-a pelas toilettes, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo homem que ia ver, por todos os seus regalos de senhora. “A cabra!” (...)

Na rua já se dizia que “a do engenheiro tinha o seu São Miguel. Apenas ela dobrava a esquina, o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. (...)

A estaqueira lamentava-se: uma senhora que era tão apositada!

- Vaca solta lambe-se toda, senhora Helena! – rosna o Paula. – São todas o mesmo! (p.139/140)

produção de sentido essa que permitirá aos jovens uma compreensão maior da sociedade pela “problematização dos modos de ver a si mesmos e ao mundo” (p.5), porque será pela linguagem que ele entrará em contato com os conflitos sociais e existenciais das personagens que são reflexo da sociedade de qualquer tempo e de qualquer espaço, será pela interação com um outro que a língua, produto humano e social que é, “organizará e ordenará os dados das experiências comuns aos membros de determinada comunidade lingüística” (p.5).

A linguagem tem esse caráter dialógico, portanto, sua função não se restringe ao simples ato da comunicação; os significados ocultos nos dizeres humanos precisam ser revelados e analisados à luz da história, da cultura, da educação recebida, da ideologia dominante e da sociedade para que uma obra não fique na superficialidade e, enganosamente, seja analisada de maneira negativa.

2.2. Paineis da Polêmica

O conto “Obscenidades para uma dona de casa”, responsável pela polêmica, se insere em um livro da editora Objetiva, organizado por Ítalo Moriconi, com uma seleção dos cem melhores contos do século, onde Ignácio de Loyola Brandão aparece ao lado de Machado de Assis, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Rachel de Queirós, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, Dalton Trevisan, Carlos Heitor Cony, entre outros muitos observadores da alma humana dentro da realidade brasileira.

O livro se apresenta dividido em seis partes cujos contos foram selecionados cronologicamente e por temas que seguem uma perspectiva histórica: (1ª) De 1900 aos anos 30 – Memórias de ferro, desejos de tarlatana; (2ª) Anos 40/50 – Modernos, maduros, líricos; (3ª) Anos 60 – Conflitos e desenredos; (4ª) Anos 70 – Violência e paixão; (5ª) Anos 80 – Roteiros do corpo; (6ª) Anos 90 – Estranhos e intrusos.

No caso do objeto desse estudo, ele se insere na seleção dos anos 80, cujo tema é “Roteiros do corpo” porque, de acordo com Moriconi (2009, p.14) *a exacerbação do erótico* – “principalmente feminino é a característica dessa época, assim como uma onda de baixo astral fin de siècle, (...) diante das limitações impostas pela epidemia da Aids”. Nas histórias dos contos dessa década, selecionados por Moriconi, há uma angústia existencial gritante, seja na relação

pais/filhos, seja na escolha sexual, seja na solidão pessoal e, dentro dessa perspectiva, mais de uma estória apresenta uma linguagem considerada chula ou depravada para os bons costumes.

Além de “Obscenidades para uma dona de casa”, os contos “Flor do cerrado”, e Maria Amélia Mello, “O vampiro da Alameda Casabranca” e “Hell’s angels”, de Márcia Denser, “I love my husband”, de Nélida Piñon, “Toda Lana Turner tem um Johnny Strompanato”, de Sonia Coutinho, “King Kong x Mona Lisa, de Olga Savary e “Intimidade”, de Edla Van Steen, todos compoem a seleção dos anos de 1980, trabalham o tema da solidão e da angústia existencial de mulheres em sua vida vazia, temática própria dessa década devido à revolução sexual ocorrida nas décadas de 1960 e 1970, com a geração hippie, desembocada numa sensação de fracasso e vazio fortemente marcada pelo advento e disseminação da Aids na década de 1980.

A polêmica surgida em algumas escolas estaduais da cidade de São Paulo, em agosto de 2010, estendeu-se para escolas de Guarulhos e Ferraz de Vasconcelos, na Grande São Paulo, e para escolas de várias outras cidades do interior paulista, como Jundiaí, Itapetininga, Votorantim, Ribeirão Preto, Americana, chegando a São José dos Campos em setembro do mesmo ano. Pais de alunos, indignados com o teor desse conto de Loyola Brandão, procuraram os órgãos competentes para mostrar sua indignação e exigir que o livro fosse retirado das escolas estaduais.

Na cidade de São Paulo, alguns pais procuraram o Inadec – Instituto Nacional de Defesa do Consumidor – presidido pelo Deputado Federal pelo PP (Partido Progressista), Celso Russomano, que apresentou uma denúncia contra a distribuição dessa obra no Tribunal de Justiça de São Paulo por concordar com o posicionamento dos pais, considerando, ele próprio, o livro obsceno.

Em entrevista concedida a Guilherme Lisboa e Amauri Moura, para o *Diário da Região*¹³, o Deputado Federal Celso Russomano apresentou seus argumentos para sua concordância com os pais e posterior encaminhamento da denúncia ao Tribunal de Justiça. Ele disse aos jornalistas: “eu comecei a imaginar se eu teria coragem de ler esse livro na frente da minha filha, de 23 anos de idade. Eu sentiria muita vergonha”. E ainda, em outra parte da entrevista acrescenta – “mesmo para essa idade recomendada (16 anos) é um absurdo, pois, lendo esses contos, você imagina a descrição de uma fita pornográfica”.

De acordo com suas palavras, ele teria vergonha de ler esse conto na frente da filha de vinte e três anos de idade devido à explicitação sexual que se associa a uma fita pornográfica, entretanto, ele não sente vergonha em exercer ilegalmente a advocacia. Conforme denúncia

¹³ webdiario.com.br – *Diário da Região*.

publicada na *Revista Consultor Jurídico*, em agosto de 1988, apesar de Russomano não ter passado no exame da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), se apresentou como advogado no Repertório Biográfico da Câmara dos Deputados. A moral do brasileiro parece estar ligada ao sexo, à sexualidade, mas não a preceitos de fato morais, como o exercício da profissão ou a honestidade em uma carreira política. A televisão pode noticiar casos de morte, sangue, guerra, estupros, pedofilia, corrupção, mas na Literatura esses temas são interditados quando vão para dentro da escola.

Em entrevista a Kiko Nogueira para o blog *Diário do Centro do Mundo*, em 2012, ele admitiu nunca ter lido uma única obra literária em sua vida. Considerando ser verdadeira essa declaração, que leitura ele fez do conto para conseguir afirmar com tanta propriedade que a história é pornográfica? Nunca ter lido uma obra literária na vida provavelmente dificultou seu entendimento da narrativa ou, por outro lado, questiona-se se houve uma leitura do texto integral ou apenas das partes eróticas destacadas em itálico, portanto fáceis de serem encontradas. Caso tenha ocorrido essa última ação, a apreensão do conteúdo foi equivocada por estar descontextualizada.

Assim como Russomano, é provável que os pais denunciantes também tenham feito essa leitura, atendo-se apenas aos registros eróticos destacados em itálico, sem a devida contextualização deles com a época, o contexto social e psicológico da protagonista, ficando com uma equivocada impressão sobre a obra do escritor Ignácio de Loyola Brandão, um observador das cidades e seus habitantes, em suas angústias, neuroses e frustrações.

A polêmica criada nos dias atuais não se sustenta porque pais com filhos adolescentes, em geral, devem querer uma vida melhor para eles e, portanto, devem incentivá-los a conseguir uma vaga em uma universidade pública, pela qualidade do ensino, universidades essas que cobram em seus vestibulares questões sobre obras literárias clássicas. Vestibulares das quatro maiores instituições de ensino superior de São Paulo – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular, que é responsável pelo vestibular de ingresso na USP) – cobram a leitura de obras como *O Cortiço*, do escritor brasileiro Aluísio Azevedo; *O crime do padre Amaro*, do escritor português Eça de Queirós; *O Ateneu*, do escritor brasileiro Raul Pompeia; *São Bernardo*, do escritor brasileiro Graciliano Ramos.

As obras *O Cortiço* e *O crime do padre Amaro* pertencem à estética literária do Realismo/Naturalismo, por meio das quais o homem é exposto como um ser irracional e a

mulher como uma fêmea no cio, ou seja, os seres humanos são vistos como seres animalizados e movidos pelos instintos. *O Ateneu* é uma obra memorialista, mas a denúncia que Raul Pompéia pretende fazer a respeito da decadência moral das instituições educacionais no período do Brasil Império, no caso, a respeito de um colégio interno masculino, onde a homossexualidade prevalecia, apesar de o diretor garantir a não existência desse tipo de situação em seu colégio, utiliza elementos naturalistas devido ao tema denunciado. *São Bernardo*, obra de Graciliano Ramos, não pertence ao Realismo/Naturalismo, mas apresenta em algumas passagens um vocabulário “chulo”, de acordo com a opinião dos pais polemistas.

A título de esclarecimento, segue abaixo tabela com os títulos de livros literários do Realismo/Naturalismo, constantes das listas de livros dos vestibulares, que são leitura obrigatória, das quatro grandes universidades do estado de São Paulo (três delas estaduais e uma federal). A tabela apresenta os títulos das listas de 2010, quando se deu a polêmica, até o presente ano. O livro *O Ateneu*, por exemplo, foi cobrado em suas questões no vestibular da Unifesp, de 2011, além de uma obra de Brandão, cobrada no vestibular da Unesp de 2012, somente com a intenção de mostrar que as Universidades públicas não desconsideraram o valor da obra desse escritor:

Ano/Vestibular	Instituição	Obras cobradas
2010	Unifesp Unicamp Fuvest	<i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo
2011	Unifesp Unicamp Fuvest	<i>O Cortiço</i> , Aluísio Azevedo; <i>O crime do padre Amaro</i> , de Eça de Queirós; <i>O Ateneu</i> , de Raul Pompéia <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo
2012	Fuvest Unicamp Unesp	<i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>Cadeiras Proibidas</i> , de Ignácio de Loyola Brandão
2013	Fuvest Unicamp	<i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo
2014	Fuvest Unicamp Unifesp	<i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O primo Basílio</i> , de Eça de Queirós
2015	Fuvest Unicamp	<i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo <i>O Cortiço</i> , de Aluísio Azevedo

Um ano após a polêmica sobre o conto de Brandão estar em um livro de Literatura para o Ensino Médio, no vestibular da Unifesp de 2011, os textos, ou fragmentos de textos utilizados nas questões, demonstram uma preocupação dos idealizadores das provas com o tema do desrespeito ao ser humano por meio de atos de violência física ou moral, humilhação, pois na mesma prova, duas questões de interpretação apresentam textos publicados na *Folha de S. Paulo* e um publicado no jornal *Le monde Diplomatique Brasil*, cujo assunto é a violência, seja por meio do bullying ou assassinato. Quando os textos são os clássicos da Literatura, os responsáveis pela prova trabalharam *O Navio Negreiro*, de Castro Alves; um fragmento do romance *O Ateneu* – romance autobiográfico que revela a promiscuidade de um colégio interno masculino, no Rio de Janeiro, no final do Império – retratando um momento de provocações, brigas e humilhação para um aluno; o fragmento de *Capitães da areia*, de Jorge Amado, que mostra a violência e a humilhação sofridas pela personagem Sem-Pernas na prisão. Além desses temas e obras, uma outra questão utiliza o fragmento do romance realista/naturalista do português Eça de Queirós, *O crime do padre Amaro*, cujo tema é a luxúria. O padre Amaro, hospedado em casa de uma viúva com uma filha adolescente, luta contra a atração física que sente pela jovem, imaginando-a em trajes íntimos em seu quarto.

Atualmente, para se ingressar em uma universidade pública, o jovem, obrigatoriamente, deve ter lido as obras, deve ter leituras diversas como bagagem para uma escrita de redação a fim de que tenha bons argumentos. Esses pais que se indignaram, assim como o Deputado Federal Russomano que nunca leu uma obra literária, não conseguem compreender a amplitude significativa de obras que tratem de conflitos pessoais, morais, psicológicos e sexuais para o entendimento do mundo em que esses jovens vivem.

O romance de Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, que apresenta, com riqueza de detalhes, uma cena de sexo entre duas mulheres – Pombinha, a donzela que só esperava menstruar para se casar, e Léonie, a prostituta, dona de um bordel no centro do Rio de Janeiro que seduz a jovem depois de muito tempo se sentir atraída por ela –, é uma das obras, de presença constante nos vestibulares, conforme tabela acima. Essa obra há muito tempo é cobrada nos vestibulares não só do estado de São Paulo, como de instituições de outros estados do Brasil, sejam públicas ou privadas. Em 1988, essa obra foi cobrada no vestibular da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP); em 1993, nos vestibulares da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC) e do CENTEC, organização mantenedora das FATEC na Bahia; em 1995, no vestibular do Instituto Tecnológico

da Aeronáutica (ITA) constou uma questão sobre *O Cortiço*; em 2006, uma outra Universidade Federal de prestígio, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) também utilizou o livro de Aluísio de Azevedo para alguma questão.

Como a polêmica aconteceu no estado de São Paulo, as obras listadas se relacionam aos grandes vestibulares paulistas, entretanto, não se pode ignorar que a lista de livros de leitura obrigatória dos vestibulares de outros estados do Brasil também priorizou temas polêmicos como sexo/sexualidade, drogas, prostituição e homossexualidade, por serem temas vivenciados pelos jovens atuais.

Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu, do vestibular da Universidade Estadual de Londrina (UEL), de 2009, trabalha em suas estórias, assunto como a homossexualidade que leva à crise existencial, daí a procura por drogas pesadas como LSD e crack como forma de sair da depressão causada pelo conflito vivido.

Dois Irmãos, de Milton Hatoum, do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de 2007, romance que trabalha o tema do incesto de Rânia, com seus irmãos Omar e Yakub.

O romance *Riacho Doce*, de José Lins do Rego, também do vestibular da UFSC, de 2003, apresenta em sua estória a violência que Carlos, marido de Edna, comete contra ela, estuprando-a duas vezes.

O Pardieiro, de Francisco José Pereira, assim como a obra anterior, cobrado no vestibular da UFSC do mesmo ano (2003), é um livro de contos e suas estórias relatam acontecimentos vividos em meio a muita angústia existencial, com cenas de violência doméstica, assassinato e suicídio.

O Cobrador, de Rubem Fonseca, do vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM), de 2008, é um livro de contos de temática densa, como atos de terrorismo, pedofilia e assassinato, com vocabulário, muitas vezes, “obsceno”.

O que nos faz interrogar é: por que respeitadas universidades públicas pela qualidade de seus cursos exigem o conhecimento de obras literárias contendo cenas eróticas e/ou violentas para o seu ingresso e alguns alunos não podem ler um conto, ou contos, com esses temas? Por serem obras literárias, na arte, em princípio, não deveria haver censura, por isso uma questão mais preocupante surge: por que o Estado recuou em sua escolha e interrompeu a distribuição dos livros, uma vez que a Secretaria da Educação, em nota ao *Jornal Cidade Rio Claro*, do dia 26/08/2010, informou que o livro havia sido analisado e aprovado por uma comissão composta

por professores de universidades como a USP e a Universität Heidelberg, da Alemanha? O recuo deve ter ocorrido por ser ano de eleições e, com isso, agradando aos pais, conseguir mais votos para o partido ou para o candidato. Teria o senhor Russomano se empenhado tanto em agradecer aos pais entrando com a ação no STF para angariar votos à sua candidatura ao Governo do Estado nas eleições de 2010?

Uma outra possibilidade que se evidencia para a atitude do Estado ao recuar em sua escolha e cancelar a distribuição dos livros pode ser a falta de segurança nas propostas que apresenta, ou uma falta de comunicação entre os responsáveis pelo pedido de análise e a equipe analista do material. No dia 6 de fevereiro de 2015, o jornal *O Estado de S. Paulo* trouxe uma reportagem com o título “Governo tira do ar peça acusada de machismo”, peça publicitária que integrava a campanha “BebeuPerdeu”, no Facebook, considerada, pelos internautas como “machista e indutora de bullying e assédio sexual”. Em junho de 2013, o Ministro da Saúde, na época, Alexandre Padilha, demitiu o diretor do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e Hepatites Virais do ministério, Dirceu Greco, pela veiculação da campanha “Eu sou feliz sendo prostituta” sem a autorização dos responsáveis pela Comunicação Social do Ministério da Saúde.

Independentemente de qual seja o verdadeiro motivo para a proibição do livro, pais de várias cidades do Estado de São Paulo, indignados com um único conto dentro de uma coletânea de 100 melhores contos do século, de autores respeitados no Brasil e traduzidos no exterior, fizeram tudo o que conseguiram para chamar a atenção para seu caso, inclusive boletim de ocorrência, como se tivesse acontecido um crime.

Um total de nove trechos de falas de pais de alunos, publicadas nos jornais *O Globo*, *Estado de São Paulo*, *O Regional*, no blog *Notícias Votorantim*, ou no *Guia do Estudante*, da editora Abril, contrárias ao livro, foram selecionados e, apesar de não se saber se o que foi publicado foi exatamente como disseram, pois a imprensa, muitas vezes, suprime partes do conteúdo das declarações dos entrevistados, podendo com isso modificar o teor das declarações, são essas falas publicadas que serão analisadas.

Nessa próxima seção será apresentada uma breve biografia do autor – Ignácio de Loyola Brandão –, o contexto histórico da época do conto e será feita uma análise do conto polêmico, assim como uma pequena análise a respeito de como essas obras de interesse dos adolescentes tratam da sexualidade e do sexo, público-alvo dos livros distribuídos pelo governo federal nas escolas estaduais.

A análise das obras de interesse dos jovens tem como objetivo revelar o gosto artístico e cultural dos adolescentes, cujos pais protestaram contra a existência do conto de Loyola Brandão considerado erótico por eles na coletânea do livro de Ítalo Moriconi.

Por trabalhar com jovens adolescentes, procurei detectar informalmente junto a estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular onde lecionava, seus gostos literários, musicais, fílmicos e de programas televisivos. Na sequência, por meio de pesquisas na Internet, conferi a aceitação das obras por eles indicadas a partir da vendagem, no caso dos livros, da bilheteria, no caso dos filmes, da audiência, no caso dos programas televisivos, e das músicas mais baixadas pelo aplicativo “Baixaki”. O que percebi foi que os romances que caíram no gosto popular e aparecem na lista dos mais vendidos foram a série de George R. R. Martin, *Games of Thrones*, traduzido como *Guerra dos Tronos* e a trilogia de E. L. James, *Cinquenta Tons de Cinza*, romances que apresentam, respectivamente, relação incestuosa e cenas de sexo explícito, doentio, do personagem masculino do livro de E. L. James, que tem um quarto vermelho da dor, onde todo tipo de fantasia sexual acontece.

A próxima referência será as músicas as quais os jovens costumam ouvir em seus momentos de lazer ou em seu cotidiano. São as músicas dos MCs – MCPedrinho, MC Magrinho, MC Dedé, MC Livinho, além de músicas de Cauê Moura e até Nirvana que, segundo Leonardo Daniel Tavares da Silva, em seu site *whiplash.net*, a polícia deduziu, a partir de provas que os investigadores recolheram de alguns manifestantes participantes de atos violentos durante as manifestações que antecederam a Copa do Mundo, no Rio de Janeiro, que gostar da banda “Nirvana” pode ser indício de associação com os grupos Black bloc¹⁴. As músicas citadas pelos jovens, em conversas informais, falam de sexo, estupro e muita violência.

Em seguida, vêm os programas de televisão, com ênfase para as telenovelas e o programa que está no ar desde o ano de 2000, chegando à 15ª edição neste ano de 2015 – BBB – Big Brother Brasil. As telenovelas apresentam situações com o teor erótico semelhante ao do conto de Brandão: garotas de programa agredidas pelos clientes, mulheres assassinando maridos, filhos agredindo pais, netos agredindo avós, além de cenas sem violência, mas com desrespeito explícito, em que jovens criam falsos vídeos de amigos e postam na rede para denegrir a reputação da pessoa. Já o BBB, programa que dura apenas três meses por ano, apresenta todos

¹⁴ De acordo com a Folha .Uol, o Black bloc é um grupo que se caracteriza por usar roupas e máscaras negras para não serem identificados pelas autoridades. A ideologia desse grupo se aproxima do anarquismo por questionar a ordem vigente e se manifestar contra o capitalismo e a globalização. Como oposição à ordem vigente, o grupo se volta para a violência e depredação. Surgido na Alemanha, na década de 1970, tem seguidores em diversos países.

os tipos de situação de desrespeito ao ser humano: intrigas, brigas com direito a ataques físico e verbal, mentiras para a desestabilização emocional dos participantes etc.

Por último, são apresentados alguns filmes de interesse dos adolescentes que tratam da relação dos jovens com o sexo e a prostituição, e uma pequena análise do filme *Bruna Surfistinha*, baseado na história da vida da DJ Raquel Pacheco..

2.3. Apresentação do autor Ignácio de Loyola Brandão

A biografia abaixo foi produzida a partir do livro *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles, e cotejada com a informação de dois sites¹⁵.

Ignácio de Loyola Brandão nasceu em Araraquara, em 31 de julho de 1936, é filho do contador Antônio Maria Brandão, funcionário da Estrada de Ferro Araraquara, que gostava de ler e comprava livros sempre que sobrava dinheiro, e de Maria do Rosário Lopes Brandão.

Incentivado pelo pai, que publicou algumas estórias nos jornais da cidade natal e formou, em casa, uma biblioteca com mais de 500 volumes, Loyola Brandão se dedica à leitura e, fascinado por dicionários, adquire um vasto vocabulário, o que ele utilizaria em seu benefício, trocando com os colegas de classe, toda vez que tinha trabalho escolar sobre sinônimos, palavras por bolinhas de gude, figurinhas e recortes de revistas. Essa prática lhe renderia, vinte anos mais tarde, material para escrever seu primeiro conto, que sairia na revista *Cláudia*, em 1965, “O menino que vendia palavras”.

Em 1948, escreveu seu primeiro romance, policial, “Dias de glória”. Em 16 de agosto de 1952, publicou no semanário araraquarense *Folha Ferroviária* seu primeiro texto crítico sobre o filme *Rodolfo Valentino* reproduzido três dias depois no jornal *O Correio Popular* da mesma cidade. Passou a escrever, mais tarde, reportagens, entrevistas e críticas de cinema no diário *O Imparcial*, de Araraquara.

No ano de 1957, mudou-se para São Paulo, onde foi trabalhar como repórter no jornal *Última Hora* graças ao fato de saber falar inglês. Sua contratação aconteceu pela necessidade que o diretor tinha em encontrar alguém que pudesse entrevistar o primo do presidente americano, na época, Dwight David Eisenhower. Sua entrevista mereceu a primeira página do jornal, tornando-se o repórter que ficaria com a cobertura de personalidades internacionais.

¹⁵ IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO - <http://www.ignaciodeloyolabrandao.com>
INFOESCOLA - <http://www.infoescola.com/biografias/ignacio-de-loyola-brandao/>

Em 1965, lançou na Livraria Brasiliense, em São Paulo, sua primeira obra literária, o livro de contos *Depois do sol*. Em 1968, publicou *Bebel que a cidade comeu*, seu primeiro romance. Em 1974, dada a censura durante o período da Ditadura Militar, seu romance *Zero* com tradução de Antonio Tabucchi, foi publicado na Itália. No Brasil, o romance seria publicado em 1975, pela Editora Brasília/Rio, o que ensejaria um debate com o público, no Teatro Casa Grande, ao lado de Antônio Torres, João Antônio, José Louzeiro, Juarez Barroso e Wander Pirolli, a respeito de sua obra e da situação política do Brasil na época. Em 1976, o romance *Zero* recebeu, da Fundação Cultural do Distrito Federal, o prêmio de melhor ficção, entretanto, a obra acabou sendo censurada pelo Ministério da Justiça e sua venda foi proibida.

Escreveu ainda o romance *Dentes ao sol*, o volume do contos *Cadeiras proibidas* e o livro-reportagem *Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida*, obra essa escrita após seu retorno de Havana.

Em 1979, a censura liberou o romance *Zero*, época em que deixou o jornalismo para se dedicar integralmente à Literatura. Outras obras de importância literária foram *Não verás país nenhum*, *O verde violentou o muro*, *O beijo não vem da boca*, *O homem de furo na mão* e *O ganhador*, entre muitas outras.

A escrita de Brandão, tanto a jornalística quanto a literária, se pauta pela observação das cenas cotidianas, dos conflitos, dos desequilíbrios emocionais, da percepção do outro. De acordo com Cecília Almeida Salles, no *Cadernos de Literatura Brasileira* (2001, p.136), seus personagens

lutam contra a pressão que o espaço exerce sobre eles, alguns são engolidos pelo ritmo e pela tensão, outros apenas conseguem sobreviver, sem atingir uma vida com um mínimo de dignidade. As cidades desempenham, sem dúvida alguma, um papel determinante sobre a conduta e as relações entre seus habitantes. A mediocridade e a falta de horizontes da pequena cidade têm poderes semelhantes à desigualdade e ao excesso de perspectiva da grande: expelem seus moradores. A subvida marginal da cidade grande e o marasmo da pequena tornam a vida, igualmente, insuportável.

Essa capacidade de observação Brandão adquiriu graças à professora, dona Lourdes, que dissera uma vez a respeito da “meninada” – *Essa meninada nunca vê nada, não vê o que está se passando* – frase que levou o jovem Brandão a querer saber o que era ver o que estava se passando, e a professora respondeu: *É ficar atento, não aceitar a primeira coisa que vocês veem,*

procurar saber o que está acontecendo, o que se passa: indagar, indagar, entende?. Essa professora ainda dizia que sempre havia mais alguma coisa por trás daquilo que eles estavam vendo, portanto, não deveriam acreditar na aparência, filosofia muito parecida defendida por Celso Jardim, chefe da reportagem do jornal *Última Hora*, que dissera ao jornalista Brandão quando, designado para fazer uma reportagem sobre o café, apesar de ir a todos os lugares, não encontrou a matéria: *A matéria está aí. Então você vai voltar e descobrir por que ninguém falou, você tem que descobrir sempre o que está escondido por trás disso, qual é a intenção, o que está escondido. O jornalista descobre o que está escondido.*

De acordo com uma entrevista concedida por Loyola Brandão aos editores dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, as pessoas, sejam as da cidade grande ou as das cidades pequenas como a pequena Araraquara, onde ele nasceu, se transformam em objetos, assim como os escritores também se transformam em objetos, apesar de tentarem humanizar essas personagens-objeto de cenas cotidianas. Em resposta a Roberto Drummond (um dos entrevistadores nomeados no *Cadernos de Literatura Brasileira*) sobre o motivo de sua escrita, ele diz ter feito Literatura primeiro para ele mesmo, mas, *se ela começou a pegar nos outros, é porque as neuroses, os conflitos eram os mesmos.*

A observação cotidiana das neuroses e conflitos pessoais é o que se percebe em sua personagem feminina do conto “Obscenidades para uma dona de casa”. Vivendo em um mundo impedido e conturbado sócio-politicamente, a personagem também se sente impedida e necessitada de objetivo para sua vida, uma vida onde ela se sente um objeto. O que o escritor faz é revelar o que está por trás da aparência de uma dona de casa supostamente feliz em sua vida tranquila de classe média, com um apartamento bem mobiliado, carro na garagem, filhos saudáveis e marido responsável. São as neuroses e os conflitos pessoais que ninguém revela a qualquer um, é preciso buscar a matéria que está lá escondida, conforme o ensinamento de Celso Jardim, chefe da reportagem do jornal *Última Hora*.

2.4.Contexto Histórico da Época do Conto

Esses pais que polemizaram a respeito do conto ou da seleção de contos feita por Moriconi provavelmente não leram a estória, nem a Introdução, muito menos observaram a época em que essas estórias foram escritas e o contexto ao qual as personagens pertencem, contexto vivido por esses mesmos pais.

A década de 80, do século passado, retratou uma época de mudanças e esperanças para o Brasil, trazendo um sentimento de “poder”. Em 1983, a usina hidrelétrica de Itaipu fez seu primeiro giro mecânico, funcionando definitivamente em 1984 ; também em 1983, Nelson Piquet tornou-se bi-campeão de fórmula I; em 1984, dois acontecimentos foram importantes para impulsionar o sentimento de “poder”: além do nascimento do primeiro bebê de proveta, o Movimento das Diretas Já defendia as eleições diretas para presidente. O fim da Ditadura Militar estava muito próximo, necessitando apenas de uma mudança na Constituição para restabelecer essas eleições. A Emenda Constitucional Dante de Oliveira (PEC nº 5/ 1983), que propunha eleições diretas para presidente, foi rejeitada, apesar do apoio popular. Mais tarde, em 1985, Tancredo Neves foi eleito de forma indireta o primeiro presidente civil, mas não viveu para governar, assumindo seu vice José Sarney. A Constituição foi reescrita e promulgada em 1988, estando em vigor até os dias atuais. Em 1986 o Plano Cruzado, plano que visava combater a inflação e a primeira edição do “Criança Esperança”¹⁶ trazem o sentimento de melhoras para o país.

O fim da Ditadura Militar e o processo de redemocratização do país geraram um sentimento de liberdade entre os jovens da época, período em que as chamadas “tribos” começaram a aparecer: punks, góticos, skinheads, rappers, new wavers; a música passou a ter grande influência na moda, que começou a ser cultuada entre homens e mulheres, ganhando status na sociedade. O elemento erótico entrou em cena com o culto à aparência: a roupa que se vestia, e o corpo que vestia aquela roupa devia ser bem modelado, escultural – a atividade aeróbica virou febre nas academias dando origem à geração saúde. As revistas femininas, como a revista *Nova*, enfatizavam o poder de sedução da mulher que passou a usá-lo; ela é forte, decidida e determinada. Entretanto, essa preocupação excessiva com a aparência física cultuou o individualismo, a sociedade passou a viver o “cada um por si”.

Apesar desse contexto de saúde, nem tudo era maravilha. Em 1959, nos Estados Unidos, surgiu o primeiro caso documentado de morte por sarcoma de Kaposi e, mais tarde denominado AIDS, surgiram novos casos atacando jovens gays americanos. Conhecida como câncer gay ou peste rosa, a AIDS chegou ao Brasil no final da década de 70, tendo sua difusão ocorrida na primeira metade dos anos 80, com uma notificação de 85% dos casos registrados na região

¹⁶ O *Programa Criança Esperança*, uma iniciativa da Rede Globo em parceria com a UNESCO desde 2004, compreende uma mobilização social que busca transformar o futuro de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Todos os anos, uma grande campanha na mídia mobiliza os brasileiros a fazer doações para apoiar projetos sociais nas cinco regiões do Brasil.

Sudeste de 1980 a 1987. Os homossexuais, então alvo de preconceito pela opção sexual, passaram a ser discriminados por terem sido os primeiros relatos de casos de AIDS. Os jovens, influenciados pela figura do Super-Homem¹⁷, acreditavam que a Aids estava longe deles, restrita ao continente africano.

Assim como o desenho ou o filme homônimo *Super-Homem*, ou seu original americano *Superman*, algumas minisséries americanas representadas no Brasil apresentavam personagens, fossem homens ou mulheres, sempre retratadas com muito poder: ou criativo, ou imagético, ou de força, ou de inteligência; personagens que defendiam a lei e a ordem e sempre tinham seu final feliz. Minisséries como *Casal 20*¹⁸, *Dallas*¹⁹, *As Panteras*²⁰ e *MacGyver*²¹ apresentavam pessoas inspiradoras dos jovens da época, principalmente as mulheres. Que jovem nunca sonhou em ter um relacionamento como o de Jonathan e Jennifer Hart, o casal que saía de sua mansão para combater os crimes em casos de espionagem e mostrava um entrosamento dentro e fora do casamento? Ou então em ser forte e determinada, apesar do marido dominador, como Mrs Ellie Iwing, a matriarca do seriado *Dallas*? Ou ser bonita, corajosa e detentora de uma forma física de fazer inveja a muitos, como as personagens de Farrah-Fawcett, Jaclyn Smith e Kate Jackson em *As Panteras*? Ou ainda, ser inventivo como a personagem MacGyver que sempre transformava algum objeto presente em uma arma ou uma maneira de se livrar de um final trágico? Eram os seriados que levavam os espectadores da época a querer ser igual ou fazer do mesmo jeito.

A década de 1980 foi, portanto, um período da história em que o brasileiro viveu uma realidade conturbada e problemática em oposição a uma convivência fantasiosa vista pela

¹⁷ Super-Homem – personagem das histórias em quadrinhos – DC Comics - que foi adaptado para o cinema em 1978, tendo Christopher Reeve como o primeiro ator a representar Clark Kent, o jornalista do Planeta Diário.

¹⁸ Casal 20 – minissérie americana representada no Brasil entre os anos de 1979 a 1984 que apresentava a história de uma casal – Jonathan e Jennifer Hart – milionários, sem filhos e aparentemente muito felizes - que deixava de lado seus negócios na empresa que tinham e viviam aventuras combatendo o crime. Eram os mocinhos e sempre obtinham sucesso.

¹⁹ Dallas – minissérie americana que se passava no Texas e mostrava os conflitos de uma família muito rica, detentora de vários poços de petróleo. No Brasil, a minissérie foi ao ar durante os anos de 1978 a 1991.

²⁰ As Panteras – minissérie americana que apresentava três belas mulheres detetives que enfrentavam os homens e todos os tipos de perigo. As três detetives eram vividas pelas atrizes Jaclyn Smith, Kate Jackson e Farrah Fawcett – Majors, na época esposa de Lee Majors, ator que fazia O Homem de Seis Milhões de Dólares. No Brasil a série estreou em 1976 e seguiu até 1981.

²¹ Mac Gyver – inicialmente batizada como Profissão: Perigo, mais tarde adotou o sobrenome da personagem principal Angus Mac Gyver, um agente secreto que não usava armas, resolvia seus problemas graças aos conhecimentos científicos que tinha, materiais comuns e um canivete suíço que levava sempre consigo. Tendo como protagonista o ator Jack Dalton, a minissérie se passou no Brasil durante os anos de 1985 a 1992.

televisão nos programas veiculados pelas emissoras, numa relação mitopoiética com os símbolos, pela identificação subjetiva que se estabelece entre um objeto ou imagem e sua finalidade objetiva. De acordo com Eco (2011, p.243):

O objeto é a situação social e, ao mesmo tempo, o seu signo: consequentemente, não constitui apenas um fio concreto perseguível, mas o símbolo ritual, a imagem mítica em que se condensam as aspirações e desejos. É a projeção do que gostaríamos de ser. Em outros termos: no objeto, visto inicialmente como manifestação da própria personalidade, anula-se a personalidade.

Essa imagem mítica condensa os desejos de cada ser humano de potencializar uma força interior que seja capaz de esconder de si mesmo suas dificuldades, limites e frustrações, assim como a presença do Super-Homem apaga o medo, a timidez, miopia (que pode ser metafórica) e a inteligência medíocre do jornalista Clark Kent.

O ser humano, não podendo se potencializar, apega-se a uma imagem construída pela televisão e sente-se como aquele signo, como se a existência dele pudesse transferir seu significado e representação para si. E isso não acontece apenas com personagens televisivos, mas também personagens reais que encarnam a representação de poder, glamour, empatia com o povo, como foi o caso da ex-princesa britânica, Lady Di, que morreu tragicamente em um acidente de automóvel em 1997, em um túnel em Paris. A morte da ex-princesa de Gales comoveu o mundo, como se o mundo estivesse órfão desse ícone inspirado pelos contos de fada, encarnação da figura da princesa boazinha e sofredora e, com isso, a identificação de muitas mulheres com sua figura. Seu casamento, em 1981, foi transmitido para o mundo todo e, mulheres do mundo todo provavelmente invejaram a sorte da professora primária que “conquistou” o coração do príncipe herdeiro do trono da Inglaterra.

Nesse contexto é que se encontra a personagem do conto de Ignácio de Loyola Brandão, responsável por tamanha polêmica, assim como é dessa época a adolescência desses pais polemizadores.

3.5. Cultura de Massas

Para que se possa realizar uma análise comparativa entre os produtos midiáticos e a obra literária “Obscenidades para uma dona de casa”, de Ignácio de Loyola Brandão, é preciso falar

sobre a cultura de massas e sua influência na sociedade, não só a influência exercida nos jovens, mas também nos adultos que sofrem uma “lavagem cerebral” acreditando que o que a mídia apresenta, principalmente se a mídia em questão é a “Vênus platinada”, a Rede Globo de Televisão, emissora ganhadora de alguns prêmios e cujas novelas são televisionadas em outros países, é algo de qualidade.

De acordo com Merton e Lazarsfeld (2002, p. 120) *como os “mass media” são sustentados pelos interesses das grandes firmas que se engrenam no presente sistema econômico e social, os media contribuem para a manutenção desse sistema*, o que importa dizer que o que circula nos meios televisivos e radiofônicos e jornais impressos e online, também, assim como cinema, pelo menos os comerciais, é e sempre será aquilo que proporcionará retorno financeiro. Mesmo que o produto anunciado cause uma revolução ética e moral nas pessoas, a publicidade em torno desse produto, seja uma música ou um programa, se não eliminar o mal-estar, pelo menos alivia pela campanha a favor do produto como se o consumidor não pudesse ficar sem ele. Se boa parte da população assiste a determinado programa, não assistir representa não participar das conversas nos meios sociais; se uma música é criticada pelo seu teor erótico, essa crítica é amenizada quando a mesma música se torna tema de abertura de uma novela e se populariza definitivamente. É a publicidade exercendo pressão *para que haja uma moralidade única em vez de uma moralidade dual, impedindo a contínua evasão do problema. Suscita a reafirmação pública (embora esporádica) e a aplicação da norma social* (2002, p. 117).

A mídia determina para boa parte da população o que se assiste, o que se ouve e o que se lê. Não é interessante um público de visão crítica a respeito da influência negativa que os meios de comunicação exercem, pois podem representar a queda da receita das empresas do setor, portanto, o conformismo e a aceitação pacífica e inquestionável acerca da programação televisiva é o que se adequa melhor aos seus intentos.

A situação exposta acima só é possível porque, hoje, mais pessoas frequentam a escola, diferente do que acontecia na metade do século XIX para trás, portanto mais pessoas têm uma capacidade de ler e compreender conteúdos básicos de informação. Entretanto, isso não representa dizer que os leitores compreendem o significado de tudo o que leem, como no caso do conto de Loyola Brandão. De acordo com Merton e Lazarsfeld (2002, p123), enquanto a educação ficava restrita a uma parcela pequena da população, a classe aristocrática, o gosto pelo que circulava era mais elevado; a partir da popularização da cultura, esse gosto decresceu.

Telenovelas lançam as tendências da moda, expressões, fazem propaganda de perfumes, carros, produtos de limpeza, produtos de beleza, bancos etc., envolvendo-se em uma rede extensa de publicidade com retorno financeiro das marcas propagandeadas por eles. E se essas marcas utilizam em seus anúncios imagens mais sensualizadas ou músicas de teor mais erótico, serão esses os produtos defendidos pelas emissoras de televisão.

Com a rapidez atual com que as informações chegam até as pessoas, não há tempo para uma análise crítica a respeito da qualidade do que se lê, ouve ou vê. Quando se percebe, a música que não prima por um conteúdo significativo “grudou como chiclete” e as pessoas não conseguem parar de cantar. O que é dito pelos meios de comunicação tem uma importância relevante, mas o que não é dito também, como questões acerca da estrutura social atual. Entretanto, pela “lavagem cerebral” pela qual os telespectadores passam, eles não têm discernimento para uma seleção do que usufruir culturalmente.

O que os “*mass media*” apresentam logo vira tendência, assim como o prestígio dos indivíduos, criadores dos produtos, levando a população, tanto a de baixa renda como a de classe média, a acreditar que seguir aquela tendência é conferir status a si próprios. É o caso do apresentador do BBB. Ter como apresentador de um programa alguém como Pedro Bial, com seu histórico profissional, inconscientemente passa a mensagem ao telespectador de que é um programa a que vale a pena assistir, acompanhar, participar votando ou quando um repórter faz perguntas. Ser testemunha do que acontece dentro da casa é estar por dentro da mídia, votar para que um “morador” seja expulso é participar da mídia, conferindo status a si mesmo. Para o telespectador, conhecer os programas, as músicas, as telenovelas e os romances que circulam na mídia, representa, mesmo que forma indireta, fazer parte simbolicamente da mídia.

Esta seção de capítulo apresenta algumas análises dos romances, músicas e dois ou três filmes e programas de televisão que estão em evidência na mídia, seja pelo sucesso de vendas, pelas considerações positivas por parte dos jovens em redes sociais, pelo sucesso de bilheteria ou índices de audiência, respectivamente, estabelecendo um paralelo crítico com o conteúdo literário do conto de Ignácio de Loyola Brandão censurado por pais e educadores e retirado do currículo escolar. O critério de escolha das obras selecionadas se deveu à repercussão que tiveram na mídia, o que se supõe serem obras de grande aceitação de público, no caso dos romances, filmes e programas de televisão. No caso das músicas dos MCs, a pesquisa foi feita na internet a partir de considerações dos jovens em blogs sobre alguns cantores de funk.

A partir dessa pesquisa, evidencia-se uma hipocrisia da sociedade que compra livros de temas eróticos, assiste a filmes pornográficos e programas de televisão de forte apelo sexual, além de apreciar músicas que defendem o estupro e tematizam o sexo de maneira explícita fazer boletim de ocorrência contra o Ministério da Educação e Cultura por causa de duas ou três estórias de teor mais erótico inseridas em um livro de cem contos. A situação piora quando se considera o fato de o Estado se render à exigência dos pais e retirar uma obra que, ao ter sido selecionada, segue um critério de seleção representativa da cultura do Brasil, principalmente se se levar em conta o acervo que ela reúne – contos de escritores consagrados e muitos deles membros da Academia Brasileira de Letras, como Machado de Assis, Alcântara Machado, Marques Rebelo, Rachel de Queirós, Lygia Fagundes Telles, Carlos Heitor Cony, Néida Piñon e João Ubaldo Ribeiro.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE

Agora, espolinhava-se toda,
cerrando os dentes, fremindo-lhe
a carne em crispações de espasmo;
ao passo que a outra, por cima,
doida de luxúria, irracional, feroz,
revoluteava, em corcovos de égua,
bufando e relinchando.
(*O Cortiço*, Aluísio Azevedo – 1857-1913)

3.1. Análise do Conto “Obscenidades para uma dona de casa”

Dentro desse contexto histórico é que se encontra o conto de Ignácio de Loyola Brandão, “Obscenidades para uma dona de casa”, escrito na década de 1980, que mostra uma dona de casa, casada e com filhos, provavelmente na faixa dos 30 anos, que teria vivido sua infância e adolescência por volta dos anos 50 e 60, e recebe cartas obscenas escritas por ela mesma. Essa mulher, considerando os estudos de Del Priore, se faz entender em sua complexidade pelas teorias psicanalíticas em questão.

A dona de casa do conto de Brandão vive um conflito que parece ser originário do momento em que vivia. De um lado, a produção cultural apontava para comportamentos independentes para as mulheres decorrentes dos acontecimentos vivenciados no Brasil e das aventuras vivenciadas pelas personagens das minisséries na televisão, de outro, estava a educação recebida, provavelmente dentro de padrões conservadores e repressores dos anos de 1950/1960. As diversas vozes constitutivas dessa mulher determinam seu padrão de comportamento – as vozes sociais geram o sentimento de liberdade, de poder ser, de poder fazer as próprias escolhas; as vozes familiares barram esse ser em busca de sua realização.

A personagem de Brandão, que *não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão, seria muito difícil viver. Cada vez que o trem saía da linha, era um sofrimento, ela mergulhava na depressão (p.464)*, caracteriza o modelo de educação do século

XX, quando as mulheres deveriam aceitar a rotina serena do lar e não buscarem situações que lhes pudessem trazer complicações para a vida doméstica, assim como a preocupação com a visão que a sociedade pudesse ter dela ou da família, como no momento em que, por meio do discurso indireto livre, ela se posiciona sobre o porteiro – *Porteiros sempre se metem na vida dos outros, qualquer situação que não pareça normal* – além do status –, *Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis para mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros...* (p. 469).

Entretanto, esse modelo de esposa ideal e mãe não se encaixa no perfil dessa mulher que adora as segundas, quartas e sextas, quando o marido não está em casa, além de nunca saber onde os filhos estão, o que parece não preocupá-la. Para uma mulher que pode ter sido educada com a visão de que a família vem em primeiro plano, essa atitude de não preocupação com o destino dos filhos parece refletir esse momento de intensa subjetividade, quando ela vive um momento conflitante por começar a se voltar para si mesma, tentando sanar sua solidão interior. Assim como a rotina da qual ela diz que precisa, apresenta indícios de estar cansada dela. Quando fala sobre o ato de fazer a barba, rotina do marido que, há quinze anos começa pelo lado direito, em seguida vai para o esquerdo, deixando o queixo para o final, ela se pergunta como eles conseguem fazer a barba na mesma hora, sem nunca mudar seu ritmo.

Apesar de estar cansada da rotina, apesar de apresentar indícios de querer romper com anos de dizeres repetitivos, ela não consegue e suas atitudes atestam essa dificuldade. Todas as tardes, quando desce de seu apartamento para buscar a carta que ansiosamente espera, para não denunciar sua ansiedade, ela vai ao supermercado, perto de sua casa, e compra puropurê. Tem dezenas de latas de puropurê (purê de tomate em lata) em sua despensa. Conforme ela diz: *O gesto é automático, não tenho imaginação de ir para outro lado.*

Esse outro lado para o qual ela não consegue ir representa a mudança na própria vida que ela não consegue fazer. Ela não consegue mudar o rumo das coisas, ela não consegue determinar outras situações em sua rotina matrimonial que trouxessem esse marido de volta para ela, que o tirassem das casas de massagens.

Personagem em grande conflito existencial, marcada pela dualidade de seus pensamentos e atitudes: acha um absurdo o vocabulário das amigas no chá de cozinha²², mas utiliza um

²² De acordo com o *Dicionário Eletrônico Houaiss*, “Chá de cozinha”- Regionalismo: Brasil. Substantivo masculino – reunião, geralmente feminina, em que todas os convidados trazem para a noiva presentes próprios para uso na cozinha ou na casa, frequentemente realizando brincadeiras maliciosas; chá-de-panela.

vocabulário mais vulgar nas cartas que escreve a si mesma; não aceita as fantasias sexuais do marido, mas fantasia uma vida sexual muito mais libertina; quer ir à polícia para descobrir o autor das cartas obscenas que ela mesma escreve; diz ser mulher limpa, por dentro e por fora, mas tem pensamentos “obscenos” impróprios para alguém que tivera uma educação repressora, além de tomar muitos banhos e se esfregar com bucha para realmente se limpar. É uma personagem que vivencia contradições cotidianas devido a sua neurose particular.

De acordo com Foucault (2013a, p.185), a contradição nessa personagem

longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo para que ele libere, enfim sua verdade aberta, constitui a própria lei da sua existência. (...) A contradição funciona, então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade,

seu *princípio organizador*, por meio do qual a memória histórica entra em choque com a realidade atual, revelada em atitudes e dizeres protagonizados por essa dona de casa. A contradição, portanto, demonstra explicitamente o choque que existe entre a verdade histórica e o desejo consciente de fazer diferente, mas amarrado aos dizeres constitutivos de sua educação moral e familiar. A escritura e envio de cartas obscenas para si mesma representa, por um lado, uma tentativa simbólica de libertação dessa moral reprimida por não chegar a se efetivar na prática e, por outro, a real necessidade de que essa libertação aconteça.

Na questão sexual, percebe-se que a dificuldade da personagem ter uma vida sexual plena com o marido faz parte de um discurso histórico proveniente de uma educação conservadora em que marido e mulher não poderiam ter muita intimidade, situação permitida apenas aos amantes, como na vez em que - *o marido tinha dito, resfolegante, no seu ouvido, minha linda bocetinha. E ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar.*(p.465). Ou em outra ocasião em que ele *estava com a cabeça entre as minhas pernas, brincando. Vinha subindo, fechei as pernas, não vou deixar fazer porcarias desse tipo.*(p.467)

O que se caracteriza é que a fala da dona de casa é inconsciente por não ser dela; é a repetição das vozes constitutivas de sua educação – a memória coletiva na qual a personagem se insere, elemento formador de sua moral e responsável pelo conflito em que ela vive - *Há que se ter compostura. Ouvi esta palavra a vida inteira, e por isso levo uma vida decente, não tenho do que me envergonhar, posso me olhar no espelho, sou limpa por dentro e por fora. Talvez por isso me lave tanto, para me igualar, juro que conservo a mesma pureza de menina encantada*

com a vida.(p.468). O ato de se lavar tanto reflete o conflito vivido: fantasia uma vida sexual de “baixarias” – palavra decorrente da educação recebida –, e as escreve, mas não se permite vivê-las com o marido, com quem ela poderia legitimamente fazer o que quisesse.

Esse dizer que ela repete na tentativa de personificar o ideal de filha é o responsável pela sua histerização, pois esse sujeito imaginado não permite viver as fantasias sexuais com o marido, mas sente falta disso e, para não enlouquecer, cria um mundo particular. Nesse mundo particular, o remetente das cartas não é um qualquer, é *alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas; usava papel fino, de bom gosto.* (p.464). O envelope era amarelo, com tarja marrom, bem discreto – contraste relevante em relação ao conteúdo. Metaforicamente a aparência discreta do envelope em oposição ao conteúdo erótico que está dentro é a caracterização da própria dona de casa que vive essa ambiguidade.

O ato de tanto se lavar revela quão suja ela pudesse se sentir pelos pensamentos e pelas atitudes, por isso ela diz que é para se igualar – por fora e por dentro, para que o interior seja tão limpo e discreto quanto o exterior. Acha um absurdo as palavras que aparecem nas cartas e afirma nunca ter usado esse vocabulário, outra contradição percebida no final do conto quando se revela que ela mesma escreve as cartas que recebe.

De acordo com Kehl (2008, p. 15), a natureza feminina deveria ser domada “para que seus desejos ilimitados não destruam a ordem social e familiar”, e é o que ela faz em prol de uma vida de aparências, permitindo que essa natureza apenas se revele a ela mesma, por intermédio das cartas que se escreve. Na intimidade pessoal ela pode viver a fantasia da existência de um homem interessado sexualmente por ela e se indignar com o teor das cartas, sentir-se desrespeitada, mas é dessa memória discursiva chamada desrespeito com a figura feminina que ela sente falta. Portanto, chama o correspondente de “querido” e confessa ter medo de se sentir apaixonada pelo homem que escreve tão cruamente, além de revelar amor pelas cartas e necessitar delas para sobreviver. É o tempero da vida dessa mulher que não se permite se realizar sexualmente com o marido.

A afirmação de Foucault (2013a, p. 30) segundo o qual *todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito* se concretiza nesse conto em que a protagonista traz os discursos familiares, as vozes da infância e ideologias correntes na sociedade: o falatório que se formaria se ela se atirasse do nono andar, a opinião das amigas da mãe se ela se separasse e a humilhação de que seria alvo por parte dos homens no bar que ouviriam seu caso contado pela boca do pai. A indignação dela pelas brincadeiras grosseiras das amigas durante o chá de cozinha

e até as cartas que recebia com seu teor obsceno – *ela se perguntava quem esse remetente pensava que ela era* – revelam a luta íntima voltada para uma questão social que essa dona de casa trava em relação ao outro, em relação à voz do outro que repercute em sua mente desde a infância. Ela se questiona se o remetente das cartas não seria um dos amigos do marido que, como homem, *fica excitado só de ver mulher*; ou alguém a mando do próprio marido que quisesse testar sua resistência a uma cantada. Novamente o ideal de esposa e mulher honesta ocupa espaço em sua luta íntima.

A dona de casa, de acordo com Kehl (2008), é o sujeito solitário que não se sente pertencente a esse mundo e está sempre se questionando sobre sua identidade e o desejo que nele habita. É o ser em conflito entre o que gostaria que fosse sua vida e o que ele se permite que seja. Ela acha loucura as situações propostas pelo remetente da carta e se pergunta se elas existiriam, mas toda essa “loucura” é fruto da criação de sua própria mente. Materializar em palavras aquilo que o pensamento julga errado e evita a todo custo é uma tentativa de se libertar das amarras de sua educação. As cartas metaforizam seu desejo por se libertar de todos os dizeres que a impedem de viver plenamente.

Essa dona de casa é um ser em constante conflito. A respeito do chá de cozinha que para ela tinha sido uma grosseria, comenta que *mulher, quando quer, sabe ser pior do que homem. Sim, só que conhecia muitas daquelas amigas, diziam mas não faziam, era tudo da boca para fora (p.466)*, diferente dela que se indigna com as brincadeiras entre mulheres apenas, mas cria um mundo onde o vocabulário utilizado supera a grosseria vocabular das amigas. Suas fantasias extrapolam as quatro paredes e sugerem a presença de um terceiro como observador e usufrutuário de sua louca experiência sexual: *coxas úmidas como a seiva que sai de você e que eu provoquei com meus beijos e com este pau que você suga furiosamente cada vez que nos encontramos, como ontem à noite, em pleno táxi, nem se importou com o chofer que se masturbava (p.466)*. Provavelmente a excitação que levou o chofer a se masturbar foi pelo sexo oral que os passageiros de seu taxi praticavam.

As amigas falam e ela sabe que não fazem nada; ela não fala, fica horrorizada, mas imagina as situações. Ela se encaixa no perfil de um determinado grupo de mulheres do quadro do programa do Silvio Santos²³, onde os casais respondem a perguntas sobre sua vida a dois, a que ela assiste aos domingos quando fica sozinha em casa. À pergunta do Silvio Santos sobre haver alguma coisa que o marido tivesse querido fazer e que a mulher não topou, dois casais

²³ Apresentador de um programa de auditório aos domingos, na rede de televisão SBT.

disseram que topavam tudo e outros dois disseram que não. Pela análise dela como telespectadora, uma das mulheres que dissera não topava tinha cara de quem topava, e a que tinha cara de que não aceitava novidades, topava tudo. Muito próxima dessa mulher, ela age no nível da aparência como quem não topa nada, mas intimamente ela quer e não quer, porque ela não aceita as propostas do marido, mas escreve cartas eróticas para si mesma.

A ideia da ida ao motel, proposta em uma das cartas, gera o sentimento de ser vista como prostituta, mas no exato momento da leitura ela se questiona para que lado eles ficariam (os motéis). É mais um elemento caracterizador da fantasia, da possibilidade de, como uma prostituta, ter o prazer que às moças direitas nunca foi permitido, apenas o sexo “papai-mamãe”.

O discurso reinante há algumas décadas de que a mulher deveria estar sempre disposta quando o homem chegasse em casa, assim como a necessidade de sempre satisfazer seus desejos, físicos ou sexuais, é outro elemento da educação feminina que incomoda essa personagem, porque ela diz *Se bem que se possa se divertir, sem precisar se sujeitar a certas coisas. Dessas que a mulher se vê obrigada para contentar o marido e ele não vá procurar outras. Que diabo, mulher tem que se impor! Que pensam que somos para nos utilizarem? Como se fôssemos aparelho de barba, com gilete descartável. Um instrumento prático para o dia a dia, com hora certa!*(p.467); informação que vai de encontro a tudo o que as cartas trazem, pois elas apresentam um homem “utilizando” a mulher para seu prazer, com a diferença de que é ela que escreve, então é ela que, teoricamente, estaria dando as cartas e, portanto, revela querer ser “usada” pelo(s) homem(ns).

Por essa atitude, ela se encaixaria na definição freudiana de *masoquista em seu gozar*, porque se horroriza com algumas atitudes do marido, elemento concreto em sua vida, presente e responsável pelas propostas sexuais que ela considera desrespeito a ela, sua mulher, mas cria um par sexual para quem ela será o Outro. Esse par sexual criado age em desacordo com o que ela acredita, na aparência, ser o correto, pois é quem vai desrespeitá-la, levando-a a se sentir amada como *sujeito do desejo* de seu ser para o Outro. Quando ela inventa um sujeito para quem será o Outro, é o ser fálico que está em evidência, permitido pelo inconsciente e que se opõe aos dizeres constitutivos de seu ser consciente.

Em um determinado momento da narrativa, existe uma clara referência aos leitores, como numa sessão de terapia, de conversa com o analista – *Disse que faz três meses que recebo as cartas? Se disse, me desculpem, [...]* (p. 468), informação que pode representar solidão e uma extrema necessidade de conversar com alguém, configurando-se como possibilidade ao final,

quando ela diz que está sozinha, o marido foi ao clube jogar squash e as crianças, ela não sabe onde estão, mas adora esses momentos para escrever as cartas que receberá.

Nesse momento terapêutico, ela se revela dizendo que não suporta mais a própria casa, não sabe o que fazer da vida e que uma hora acaba se desquitando²⁴, porque o marido está sempre nas casas de massagens e na várzea. Isso mostra que o marido busca satisfação sexual fora do casamento; ele não tem uma amante fixa, mas busca satisfação sexual em casa de massagens devido à dificuldade que encontra na própria casa, com a própria esposa.

A frustração pessoal em relação ao sexo faz essa mulher criar uma situação em que em uma das cartas seu “querido” diz que queria vê-la num sururu – *ia te pôr de pé no meio do salão e enfiar minha pica dura como pedra bem no meio de tua racha melada, te fodendo muito, fazendo você gritar quero mais...* – ao que ela diz ter ficado imobilizada depois de ler, imaginando, depois disso, que as pessoas a chamariam de “rainha das fodas” e assim, chamá-las para todas as festas, não por amizade ou carinho que tivessem por ela, mas porque ela satisfaria os caprichos e as fantasias dos homens. É como sujeito do desejo do Outro que ela quer ser, ela encontrará sua feminilidade quando se permitir ser o sujeito de todos os desejos do marido, aquela que satisfaz a todas as necessidades sexuais, sem que ele precise procurar profissionais em casas de massagens.

Quanto à construção do texto, o narrador de terceira pessoa sai de si e dá voz à personagem por meio do discurso indireto livre. Nos sete primeiros parágrafos do conto aparecem os verbos na terceira pessoa, caracterizando a presença de um narrador e, nas falas da personagem, no discurso indireto livre, seu distanciamento pelas informações também na terceira pessoa – *O que não diriam a respeito de sua vida?; E se o carteiro atrasar? Meu Deus, faltam dez minutos; Bem, para falar a verdade, não teria voltado. Porque a mãe iria perguntar, ela teria que responder com honestidade(p.465).*

O oitavo parágrafo tem início com o narrador de terceira pessoa que a seguir desaparece; o narrador recua e dá voz exclusiva à dona de casa. São as reflexões dela que vão aparecer até o final da estória, seus pensamentos, desejos, sua vida interior. Por meio do fluxo de consciência, a personagem se revela, domina a narrativa em sua ânsia de se encontrar. O narrador se distancia e o que se percebe são os elementos gramaticais caracterizadores da voz da personagem: pronomes

²⁴ Naquela época ainda não existia a lei do divórcio. De acordo com o artigo 5, parágrafo 1, de 1977, somente depois de comprovado que o casal não vive maritalmente há 5 anos é que o divórcio poderia ser pedido. Artigo revogado em 1992 que defende que o casal poderá pedir o divórcio se ficar comprovada a não existência de vida em comum há mais de um ano.

pessoais e possessivos e verbos em primeira pessoa: *ouvi, posso, me, recebo, meu, fico, sei, penso* etc. É nesse momento que a autoria das cartas começa a ser revelada, quando ela diz que ele pediu em uma carta: *não se esfregue desse jeito, ...* informação de conhecimento exclusivo das pessoas da intimidade. São as marcas linguísticas caracterizadoras da subjetividade que o texto começa a apresentar, levando o leitor a perceber muito mais a personagem do que o narrador; os conflitos íntimos da dona de casa do que a narrativa de uma terceira pessoa, porque o que ela revela é mais intenso do que o que ele conta.

Ao final, como elemento típico do gênero conto, a personagem, que a partir do oitavo parágrafo passou a ser a narradora de sua estória, revela que é ela quem escreve as cartas, informação antecipada num pré-clímax, no mesmo parágrafo oito, quando ela apresenta um pedido do autor das cartas a respeito de não se esfregar tanto no banho, informação de conhecimento exclusivo dela, uma vez que, teoricamente, o escritor era um homem desconhecido. Nesse parágrafo final, ela novamente está sozinha, numa sexta-feira, e, deitada na cama, posição em que, adolescente, escrevia em seu diário, pode escrever outra carta.

3.2. Obras de Interesse dos Adolescentes e uma Breve Análise

3.2.1. Obras Literárias

Em conversas informais com uma média de trinta adolescentes, alunos do Ensino Médio na escola particular onde trabalhei, levantei uma lista de romances, músicas e filmes de interesse deles, jovens que estão entre os dezesseis e dezessete anos, e cheguei a determinados nomes de obras envolvendo o assunto sexo. Entre os romances, estão obras, como a trilogia de *Cinquenta tons de cinza*, da escritora inglesa E. L. James, livros considerados os mais vendidos na classificação “obra de ficção” que apresentam como personagem principal um homem, Christian Grey, que se aproxima das mulheres para fazê-las suas Submissas, enquanto ele se intitula o Dominador, cuja principal dominação é a sexual.

Outro romance lembrado por eles foi *Algemas de seda*, do escritor Frank Baldwin, que relata os jogos sexuais de Jake Teller, observados por Mimi, a personagem principal. Esses jogos eróticos não envolvem apenas prazer, mas também muita dor e são praticados por um homem perturbado que tem como objetivo levar as mulheres ao próprio limite. Assim como *Cinquenta tons de cinza*, esse romance trabalha o tema do sexo que vai além do normal e do

natural, pois são práticas sado-masoquistas com a proposta de ultrapassar todas as barreiras do prazer.

Uma terceira referência a romances da lista é a série de livros do escritor americano, George R. R. Martin, nascido em New Jersey, *Game of Thrones*, traduzido para o português como *Guerra dos Tronos*, que apresenta a relação incestuosa entre os irmãos gêmeos da família Lanister, Cersei e Jaime, irmãos gêmeos que vivem um romance do qual nascem três filhos. Além das cenas de sexo incestuoso entre os irmãos, existem outras cenas de apelo sexual muito fortes. Envolvendo muita morte, trapaça, conchavo, violência física, dor e sexo, George Martin prendeu a atenção de seus leitores e congregou uma legião de espectadores fieis quando seus livros foram adaptados para a televisão e passaram a ser apresentados pela rede televisiva HBO.

Como uma amostragem do que os adolescentes leem, será feita uma análise de alguns aspectos que interessam a esta pesquisa dos 3 romances de E. L. James que já venderam 3,5 milhões de exemplares desde a publicação do primeiro volume em 2011, *Cinquenta tons de cinza*, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*.

Narrada em primeira pessoa, na figura de Anastasia Steele, a protagonista, a estória da trilogia gira em torno da vida sexual de Christian Grey, empresário de Seattle, profissionalmente bem sucedido e muito rico, que tem em sua propriedade um quarto de jogos usado para sua satisfação sexual – é o “quarto vermelho da dor”. Para começar os jogos, suas parceiras têm que assinar uma declaração de confidencialidade e, se aceitarem ficar depois de conhecer a dimensão dos jogos que ele vai jogar com elas, é necessário assinar um contrato em que estão listadas todas as exigências dele em relação à jovem Submissa. Autointitulando-se uma pessoa ávida por controle, ele amordaça; prende com correntes, algemas, tiras de borracha; açoita as moças e introduz objetos diferentes pelas várias partes do corpo das mulheres; tudo em nome da satisfação, lema que ele defende.

Essa Literatura erótica, sádica e masoquista, que apresenta um tipo de relação sexual baseada em violência sexual, mostra um homem atormentado pelos fantasmas de seu passado. Filho de prostituta viciada que tinha que trabalhar para um cafetão, esse menino/homem tem seu corpo tatuado de marcas de queimadura dos cigarros que o cafetão apagava nele quando estava com raiva da prostituta/mãe dele. Além de sofrer com a violência do cafetão, quando a mãe de Christian morreu, eles só foram achados quatro dias depois: a mãe morta com o filho amedrontado, sujo e faminto ao lado.

Sua vida voltada para o prazer sexual cotidiano somado às ações violentas contra as mulheres caracteriza um reflexo do passado vivenciado por esse menino/homem. As mulheres que escolhia para serem suas Submissas eram todas morenas, enquanto que as funcionárias de seu império eram todas loiras. As morenas tinham o mesmo tipo da mãe dele: eram altas, magras, cabelos castanhos e compridos, além do mesmo formato de rosto. A partir do momento em que assinavam o termo de confidencialidade, passavam para outro documento em que ficavam claras as regras: o que ele deveria fazer, ou não, e o que elas deveriam fazer, ou não, caso fosse alguma situação de risco. Apesar de poderem dizer “não”, quando esse homem era contrariado, ele descontava sua raiva com algum ato de violência física que, para ele, era apenas para aumentar o prazer. Como na parte em que ele diz, no livro 3: *Meu pênis se contorce. Porra! Quantos anos eu tenho, quatorze? Minha reação é irritante pra cacete. Talvez essa resposta adolescente pare se eu a acorrentar, se eu comer e açoitar essa garota.* (p.538)

Anastacia Steele é a jovem de 21 anos que o conhece por acaso e, encantada por seu charme e fascínio, aceita assinar o termo de confidencialidade para poder conhecer o estilo de vida desse homem estranho que diz muito claramente que não faz amor *Eu fodo ... com força* (p.89). Apesar de virgem e inexperiente, seu fascínio por esse “monstro” é maior que seu bom senso e ela entra de corpo e alma nessa experiência que já começa frustrante quando ele descobre que ela ainda é virgem. Como tirar a virgindade de uma moça se ele só pratica o sexo com força e brutalidade? Como uma série de situações que acontecerão pela primeira vez na vida dele, essa era uma primeira vez complicada.

A partir da convivência entre os dois, algumas antigas atitudes começam a mudar, mesmo com a convivência conturbada, mas Ana Steele, como ela gosta de ser chamada, vai ajudando-o a ver o outro lado da vida, a possibilidade de rever pensamentos e atitudes. Apesar de o relacionamento ter começado sob a proposta de ser a nova Submissa, ele nunca deu o contrato final para ela assinar. Outra primeira vez – situação anormal na vida dele depois que conheceu a jovem Anastasia, pois sua vida era regrada dentro de uma conformidade, sem nunca fugir das regras.

Apaixonada por ele e, sentindo amor da parte dele também, ela investe no ato de transformar esse homem que não consegue dar valor a si nem acreditar que mereça ser amado. Aos poucos, adquire a confiança dele e outras “primeira vez” vão acontecendo : dormir com alguém, apresentar uma suposta “Submissa” para a família, levá-la para conhecer a casa dele em Aspen e outras tantas situações.

Essa trilogia, apesar de apresentar elementos caracterizadores de um intenso conflito psicológico, enfatiza apenas o sexo. No primeiro livro, as cenas de sexo são intensas porque essa é a essência desse homem que ainda está sendo apresentado para o leitor. A partir do segundo livro, essa constância poderia mudar, uma vez que esse homem estava mudando, entretanto, apesar de o sexo começar a ser mais “baunilha”, como ele chama, ainda existe o sexo selvagem, com brinquedos sexuais e cenas de tortura. No terceiro livro, esse homem já entregou sua vida, seus bens e sua fortuna para Anastasia Steele, casou-se com ela, declarou seu amor, permitiu ser tocado, mas o apelo sexual do livro não diminuiu, como se isso fosse a única coisa importante na relação desses jovens apaixonados.

A autora dos livros se preocupou tanto em manter descritivamente essa rotina sexual que a vida particular deles parece não existir, principalmente o dia a dia no trabalho, que Ana sempre enfatiza ser o que ela gosta de fazer e que pretende continuar mesmo depois de casada, mas as cenas em que ela está no trabalho são poucas. Caracteriza uma mudança de atitude na vida dessa moça tímida, que ainda era virgem quando o conheceu, e se torna uma mulher ávida por sexo selvagem, passando a utilizar o mesmo vocabulário que ele: *Você me deixou excitada pra cacete. Agora trate de me levar para casa e de trepar comigo (p.400, livro II)*

Enredos desse tipo são muito comuns em Best Sellers porque são histórias que agradam ao público feminino e elevam a venda dos livros. Em geral, as personagens não fogem de um determinado padrão: o protagonista é um homem rico, viajado, dono de mansão, casas em lugares exóticos, jato particular, navio, mas de gênio forte, às vezes violento, ou apresentando algum desvio de comportamento que gera uma oscilação de humor incompreensível; a protagonista, geralmente de classe social inferior à dele, é sempre ingênua e tímida, mas com uma força moral e uma personalidade capazes de suavizar o mau gênio dele, operando verdadeira transformação, conforme se vê no terceiro livro da trilogia, quando a mãe de Christian diz, depois de Ana salvar a vida da cunhada, que ela salvou dois dos três filhos dela e que nunca poderá agradecer.

Romances desse tipo sempre trazem um final feliz, aquele geralmente esperado pelas leitoras românticas e sonhadoras que, bem ao gosto dos escritores da escola literária Romantismo e, apesar da distância desse estilo literário, ainda esperam que todos os conflitos se resolvam ao final da obra e a mocinha viva seu “happy end”, feliz para sempre.

3.2.2. Músicas

Quando a conversa se volta para as músicas em evidência, os primeiros nomes citados nas redes sociais são dos MCs: MC Pedrinho, MC Magrinho, MC Dedé, MC Livinho, além de outros como Cauê Moura e Nirvana, com a música “Rape me”, cujo verbo aparece no imperativo ordenando que alguém o estupre. O assunto das músicas dos MCs versa em torno de sexo explícito, vaginal, oral ou anal, entre parceiros heteros com um vocabulário direto e agressivo.

A música mais comentada nas redes sociais, Dom Dom²⁵, de MC Pedrinho, fala de sexo oral, dizendo que a noivinha já nasceu com um dom para esse tipo de prática; ela nasceu experiente. Já MC Magrinho explora o sexo vaginal²⁶ e MC Livinho²⁷ fala de sexo vaginal e anal. A menina, chamada metonimicamente de “Pepeca do Mal”, se recusa a fazer sexo anal, então ele pede para ela “se sentar em cima dele”.

Essas e outras tantas músicas com esse teor obsceno são as que os adolescentes ouvem, cantam e obrigam os transeuntes a ouvir também devido ao volume do som do alto-falante do carro. A utilização desse vocabulário, para tratar de sexo, é muito mais obsceno e depreciativo da figura feminina, que passa a ser vista como objeto de satisfação desses jovens. Dificilmente se vê, pelas ruas da cidade, alguém ouvindo música clássica em volume alto como o volume das músicas funk.

Cauê Moura é outro cantor de músicas de funk. Com a música “Pracabá”, ele desenvolve uma agressividade verbal que já começa com as informações a respeito dele mesmo. Ele se apresenta como feio, gordo e diz não gostar de você. Esse “você” pode ser qualquer interlocutor desse cantor, ou simplesmente os ouvintes a quem ele quer agredir verbalmente, relacionando à denúncia social: burgueses, filhinhos de papai, socialites, industriais etc.

Nessa música, percebe-se que a denúncia social se volta para os pastores das igrejas evangélicas, chamando-os de ladrões; mudando, depois, para a igreja católica, criticando a pedofilia, uma vez que o padre tocou em seu órgão genital.

²⁵ Vem mamando um, depois mama outro/Um de cada vez até mamar o bonde todo /Mama e não resisto, que tentação! /Novinha, tu (novinha, tu) faz um boquete bom.

²⁶ Se tu for educada tem pra tu e pra tua amiguinha/ Senta ni mim, xerecão/ Quica ni, quica mim, xerequinha /Senta ni mim, xerecão, quica ni mim, xerequinha

²⁷ Lá vem ela / Corrigir o meu bilau / Pepeca do mal, não deixa anal / Pepeca do mal, não deixa anal / Já que não quer dar o cuzinho / Então desliza no bilau

Sua raiva verbal também se direciona para os famosos: debocha do programa da Ana Maria Braga²⁸ *Outro dia, cedo/ Liguei minha televisão / Fui zapear de canal /Parei numa aberração /Uma loira velha escrota / Cara cheia de plástica / Cozinhando um rango estranho / Com um loro de borracha / Eu pensei / Até que eu 'tava com fome / Mas isso aí é terror / Só que mudaram de nome / Pela cara dela tá pra começar um ritual / Bota o loro na panela /Acende o fogo e taca sal, dizendo que ela deveria cozinhar aquele louro* (o papagaio de Ana Maria); depois diz que daria risadas se a ilha de caras²⁹ afundasse cheia de gente; então afirma que a Bruna Marquezine³⁰ jamais teria relação sexual com ele porque ele não tem iate, nem carrão - *Até assisto um telecine/ Mas prefiro a Marquezine /De biquíni, saia mini /Ai que crime, Marquezine /(Ei cauê, que porra é essa caralho?) / (...)' /Cê sabe que ela nunca daria pra mim / Eu não sou celebridade / E nem sou tão rico assim / Não tenho iate, nem carrão importado / Nem "dindin" /'Cê tá ligada que assim / Não vou comer "Marquezin"*. Em vista disso, ele tenta conquistar a garota com seu Chevette, mas como ela olha com desprezo, ele faz do jeito dele – dá um boa noite Cinderela e joga a moça para dormir em seu galpão. Diz que as leis que regem o planeta são o dinheiro e a vagina, por isso resolveu cantar funk: para ficar rico.

Nessa música de Cauê Moura, além de se perceber a revolta do cantor com a própria posição econômica, percebe-se que o vocabulário utilizado, a agressividade e a citada violência utilizada contra a menina que o recusou são formas de agredir o mundo, os poderosos, os ricos, a sociedade em geral. Como não faz parte do sistema e não tem poder aquisitivo, ele irrompe raivosamente contra o mundo sua denúncia violenta, cheia de palavrões e de desejos raivosos de *fudê todo mundo*.

Essa seleção de músicas provavelmente não abrange a realidade dos jovens, uma vez que foram selecionadas pela apreciação nas redes sociais, mas indicam um pouco do teor obsceno da preferência de alguns jovens, em idade de frequentar o Ensino Médio e entrarem em contato com a realidade literária.

²⁸ Ana Maria Braga – apresentadora de um programa na Rede Globo chamado *Mais Você*, que ela apresenta acompanhada de um papagaio chamado de louro José.

²⁹ Ilha de Caras – Ilha situada em Angra dos Reis, RJ, para onde são convidadas para passar temporadas e/ou participar de festas apenas as celebridades nacionais e internacionais, ricas e famosas.

³⁰ Bruna Marquezine, atriz da Rede Globo de Televisão e, na época de criação da música, namorada do jogador da seleção brasileira Neymar Junior, no ano de 2014.

3.2.3. Filmes

Se o objeto de estudo muda para filmes, os preferidos e campeões de locações são: *Confissões de Adolescentes*, *Bruna Surfistinha*, *American Pie*, *Não é mais um besteirol americano*, *Sexo sem compromisso*, *Amizade Colorida*, *Jovem e Bela*, entre outras tantas referências a filmes de claro apelo erótico e sensual. O que todos eles têm em comum é o tema relacionado a sexo, algumas vezes drogas e, em outros, cenas de violência e prostituição.

O filme *Bruna Surfistinha*, sucesso de público em 2011, que tem como protagonista a atriz Deborah Secco, explora o tema da prostituição. O filme, baseado nos livros – *O Doce Veneno do Escorpião*, *Na Cama com Bruna Surfistinha*, *O Que Aprendi com Bruna Surfistinha* – escritos por Bruna Surfistinha, nome artístico com que ficou conhecida na mídia a atual DJ Raquel Pacheco³¹, apresenta o tema da prostituição de uma jovem de classe média. Baseado em fatos reais, a personagem principal – Bruna – protagonizou a separação de um casal, João Correa de Moraes e Samantha Moraes, que têm duas filhas de seu casamento com ele. O filme foi lançado depois da publicação de três obras da garota de programa: *O doce veneno do escorpião*, obra que, de acordo com a reportagem de Laura Mattos para a Folha de São Paulo, no site da UOL, transformou-se em fenômeno de vendas, além de ser traduzido para vários países, *O que aprendi com Bruna Surfistinha* e *Na cama com Bruna Surfistinha* “consagrando-a” definitivamente em 2006. Naquele mesmo ano, o jornal *The New York Times* publicou um artigo sobre o sucesso do livro da DJ no Brasil.

Esse sucesso de público do filme *Bruna Surfistinha* deixa transparecer uma realidade brasileira: a pornografia faz sucesso no Brasil, não só em filmes como em livros, pois segundo a folha Ilustrada do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 19 de agosto de 2014, o primeiro livro da DJ lançado no final do ano de 2013, *O Doce Veneno do Escorpião*, ficou por vários meses na lista dos mais vendidos do país.

³¹ Raquel Pacheco – garota de programa que utiliza o nome artístico de Bruna Surfistinha, teve sua vida retratada no filme homônimo – *Bruna Surfistinha*, filme que foi sucesso de bilheteria em 2011.

3.2.4. Programas de Televisão

Além de livros, músicas e filmes, a lista de produção “cultural” de sucesso não para por aí; a programação da televisão aberta não é uma das mais ricas culturalmente, excetuando a TV Cultura³² que apresenta programas de interesses variados como: saraus, entrevistas com escritores, debates literários e programas infantis de qualidade.

A programação da Rede Globo³³ de televisão, a rede de maior audiência, tem em sua programação semanal muitas novelas. As novelas do horário das 18h, muitas vezes apresentam temas de época, como *Lado a lado*, que apresentava o contexto sócio-histórico do Rio de Janeiro no início do século XX, no governo do prefeito Pereira Passos, e os vários conflitos vividos naquele período, como a desocupação das áreas centrais para a construção da Avenida Rio Branco e a transferência dos moradores para os morros, a Revolta da Vacina, a Revolta da Chibata, a influência francesa no Brasil e o período em que a burguesia teve que aprender a viver sem a escravidão.

Já as novelas dos horários das 19h e das 21h apresentam muita violência, traição e muito sexo. Intrigas de família em que irmãos querem prejudicar irmãos, maridos humilham esposas e esposas se vingam deles prejudicando-os financeiramente são os principais assuntos.

O horário das 21h supostamente é um horário em que menores de dezoito anos devem estar na cama, portanto apresentar cenas de sexo quase explícito e situações em que trair, trapacear, enganar e lesar são apresentadas como naturais não seriam problema, entretanto, essas novelas são reprisadas no período da tarde no programa *Vale a Pena Ver de Novo*³⁴. Nessas novelas, como um claro reflexo do Brasil atual, vilões nem sempre são punidos, terminando, em alguns casos, fugindo e dando uma “banana” para o Brasil, como se viu em *Vale Tudo*, telenovela representada no ano de 1988, em que o personagem do ator Reginaldo Faria, o vilão

³² TV Cultura é uma rede de televisão brasileira de caráter educativo e cultural, fundada em 20 de setembro de 1960 e reinaugurada em 15 de junho de 1969 pela Fundação Padre Anchieta, sediada na capital paulista, que apresenta programas de televisão educativos.

³³ Rede de televisão brasileira, fundada por Roberto Marinho, que faz parte do grupo empresarial Organizações Globo.

³⁴ Programa em que novelas antigas de sucesso são reprisadas, independente do horário em que elas tenham sido televisionadas pela primeira vez.

Marco Aurélio, depois de aplicar muitos golpes, fugiu do Brasil em um jatinho fazendo o gesto da “banana” com os braços.

Na atual novela das 21 horas, *Império*³⁵, transmitida pela Rede Globo e atual campeã de audiência, atingindo 52 pontos no Ibope no mês de novembro, não há palavrões, nem cenas de sexo explícito, mas um claro estímulo à imoralidade. O dono das joalherias Império, pai de três filhos adultos, sendo um já casado e com uma filha, tem um caso com uma moça que aparenta ser mais jovem que a filha dele. Ele mantém financeiramente essa moça, que repassa uma parte do dinheiro para os pais que só visitam a filha para fazer a arrecadação. Esses pais, não só contam com esse dinheiro, como estimulam a filha a agradar mais o comendador, em franca convivência com essa situação, muito próxima da prostituição, além de estimularem o outro filho a trabalhar como garoto de programa.

Em outras novelas mais antigas, jovens universitárias, de família de classe média, se prostituíam transformando-se em garotas de programa. Como na novela transmitida pela Rede Globo no ano de 2000, *Laços de Família*, em que a personagem de Giovana Antonelli, a Capitu, universitária de família de classe média, fez o papel de uma garota de programas, sujeitando-se a todo tipo de humilhação, inclusive violência física. Assim como essas duas novelas relatadas, muitas outras apresentaram prostituição, cenas de sexo e cenas de violência.

Outros programas dessa mesma emissora também chocam pelas cenas picantes, como o *BBB* – Big Brother Brasil – programa apresentado durante três meses, a partir do mês de janeiro, desde o ano de 2000 e que visa somente ao lucro pelas marcas dos patrocinadores utilizadas em seus quadros/desafios para os “brothers”. Ele apresenta trocas de carícias e insinuações de cenas de atos sexuais entre pessoas dos dois sexos ou do mesmo sexo.

Em 2010, na 10ª edição do programa, Tessália Serighelli e Michel Turtchin foram para debaixo do edredom e, pelo movimento do cobertor e pelos sons que os microfones captavam, parecia que ela fazia sexo oral no rapaz. Apesar de negar, depois de sair da “casa”, Tessália posou para a revista *Playboy*³⁶.

A 12ª edição do BBB, em 2012, protagonizou as maiores baixarias: Daniel Echaniz e Monique Avin “brincaram” debaixo do edredom, o que virou caso de polícia, porque ela o

³⁵ Novela com estréia no ano de 2014, cuja trama envolve uma família rica que trabalha no negócio de diamantes. José Alfredo, personagem do ator Alexandre Nero, é amante de Maria Isis, personagem da atriz Mariana Rui Barbosa.

³⁶ Revista masculina onde mulheres posam nuas.

acusou de estupro. Outro casal protagonista de “brincadeiras” debaixo do edredom foi Yuri Fernandes e Laisa Portela, que não se intimidaram com as câmeras.

Nessa sequência progressiva de atos sexuais, o ano de 2014 foi o campeão. Diogo tomou banho completamente nu; Bella, sentada na sala entre outras duas participantes, levantou o vestido e mostrou que estava sem calcinha, mostrando os grandes lábios, cena que a câmera não desperdiçou; Clara e Vanessa, depois de trocarem beijos de língua, foram para o banheiro só de calcinha do tipo “fio dental” e simularam uma relação homossexual entre outras cenas semelhantes.

Relações sexuais, intrigas, discussões, brigas com direito a palavrões e ataques físicos, traições, valorização do corpo em danças eróticas em festinhas promovidas pela produção, falas racistas, tudo isso é o que a maior rede televisiva do Brasil apresenta durante três meses, todo ano, há 15 anos, desde 2000.

Essas obras da indústria cultural são produtos do mundo capitalista, globalizado, cujo objetivo principal é a aceitação do grande público e, assim, a obtenção de retorno financeiro, de lucro, com a venda de produtos. Como produtos de consumo, prestam-se ao entretenimento, diferentemente da Literatura que pode levar à reflexão.

3.3. Análise dos Dizeres dos Pais Polemistas

A atitude de estranhamento dos alunos ao encontrarem o professor em sua vida social, como se ele só existisse em sala de aula como transmissor de conteúdo, é a mesma que alguns discentes apresentam em relação ao próprio conteúdo que eles devem trabalhar. Alguns sentem dificuldade em trabalhar Literatura de crítica à igreja por serem religiosos ou por terem alunos de determinadas religiões; outros se sentem incomodados em falar de sexualidade por acharem que a aula vai perder o foco e os alunos vão tratar o assunto fazendo piadas; outros evitam assuntos relacionados ao tema do conto de Brandão por ser muito íntimo e não estarem preparados para imergir nesse universo.

A mesma situação envolve os pais que, tendo dificuldades de perceber o conflito de uma personagem sem voz ao longo de toda a história social feminina brasileira, preferem focalizar sua indignação no vocabulário sem ter a noção da profundidade que essa escolha vocabular atinge e de quais angústias existenciais ela revela. A partir de seus dizeres, percebe-se uma memória histórica que se repete e será analisada abaixo.

(1) Eu acho que essa linguagem é muito chula para os padrões acadêmicos. Acho que os jovens não mereceriam receber uma linguagem dessa dentro das escolas. (G.A.R., pai de duas adolescentes gêmeas de 17 anos – retirado do site *GI.globo.com*)

O dizer desse pai, que recorreu ao Ministério Público por achar o conto inapropriado para os estudantes, corrobora o que Apple (1982, p. 20) diz:

Encontramos formas de transformar o indivíduo concreto em uma abstração e, ao mesmo tempo, separamos o indivíduo dos movimentos sociais mais amplos que poderiam conferir significação às carências, necessidades e visões “individuais” de justiça.

acreditando que realidade e ficção estão e/ou deveriam estar dissociadas e que a escola não pode e não deve trazer para a sala de aula a realidade exterior com a qual os jovens estão constantemente em contato.

Essa preocupação mostra a distância que existe entre a realidade e o que pais esperam que se ensine nas escolas, enfatizando a representação abstrata que as personagens de romances – obras de ficção – apresentam para muitas pessoas que veem essa caracterização do conflito pessoal tão fictícia quanto as personagens e as obras em que elas se inserem. A dificuldade que se apresenta em estudar o homem em sua complexidade transforma essas personagens de romances em seres abstratos, distantes da realidade do ser humano econômico e social dentro do contexto de desigualdades que norteiam a vida social.

Em sua essência, o que se percebe é o dizer do sujeito descentrado pelos diversos dizeres constitutivos de sua subjetividade. A linguagem supostamente ofensiva e chula seria aceitável em qualquer outro contexto social, sem ser o espaço escolar, sobretudo a sala de aula, onde parece, pela fala dele, que a linguagem supostamente atingiria um padrão acadêmico que não permite esse padrão vocabular, elemento caracterizador da dificuldade dos próprios estudantes que não leem os clássicos da Literatura exigidos pelos professores como preparo para o vestibular porque acham a linguagem muito difícil. A linguagem “chula” pode ser encontrada na vida cotidiana, nas relações pessoais, nos programas de televisão, nas músicas que os jovens ouvem, mas não na Literatura. Por outro lado, como os clássicos da Literatura foram escritos em outras épocas, sua linguagem, além de estar um pouco distante dos jovens, torna-se de difícil compreensão porque, eles já leem pouco e devido às

redes sociais, estão cada vez mais desaprendendo a escrever e, por isso, é um desafio para os jovens todas as vezes que eles precisam ler algum clássico original, como as obras de Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio Azevedo ou qualquer outro escritor, sem adaptações ou simplificações de linguagem. Leitura de notícias de jornal também são evitadas por um grande número de adolescentes porque dizem não compreender o que os articulistas dizem.

Quando esse pai diz que os jovens não merecem receber uma linguagem como aquela, ele está apresentando a linguagem como algo violento, capaz de agredir as pessoas, mas e as programações de redes de televisão, tanto as pagas quanto as abertas, que estão repletas de filmes de violência física e verbal? A linguagem chula pode ser agressiva pelos termos utilizados, mas a violência que uma linguagem apresenta não se relaciona com o fato de o vocabulário ser chulo ou elegante; a violência está nos dizeres, no propósito a ser alcançado com determinada linguagem. Conforme se percebe no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, a respeito da atitude do diretor e dos professores com um aluno:

Franco não ria nunca. [...] Vivia isolado no círculo da excomunhão com que o diretor, invariavelmente, o fulminava todas as manhãs, lendo no refeitório perante o colégio as notas da véspera. Os professores já sabiam. À nota de Franco sempre má, devia seguir-se especial comentário deprimente, que a opinião esperava e ouvia com delícia, fartando-se de desprezar. Nenhum de nós como ele! E o zelo do mestre cada dia retemperava o velho anátema. Não convinha expulsar. Uma coisa dessas aproveita-se como bibelô do ensino intuitivo, explora-se como a miséria do ilota, para a lição fecunda do asco. (*O Ateneu*, p.37)

Sem ter uma única expressão obscena, o fragmento denuncia o desrespeito com que os responsáveis pela formação educacional e moral dos alunos (uma vez que esses jovens estudam em um colégio interno de onde somente têm permissão para sair no período das férias escolares) tratam os jovens a eles confiados. A humilhação sofrida pelo jovem Franco é mais violenta do que a linguagem utilizada por Brandão em seu conto, linguagem essa que tinha como objetivo apresentar a dificuldade vivida pela dona de casa em relação à própria vida sexual.

O que o pai G.A.R. parece não perceber é que sendo a Literatura a arte que reflete a vida, e sendo a vida retratada por meio de linguagens variadas, cada qual utilizada por determinada faixa etária, determinada “tribo”, como comumente se denomina os diversos grupos sociais, como punks,

skin heads etc., determinada situação comunicativa, determinada proposta de escrita, todas as linguagens são importantes, tanto na vida real quanto na fictícia. Compreender a importância da utilização daquela linguagem naquele conto específico é compreender a angústia de uma vida construída a partir de valores familiares conservadores e, para a época em que a personagem vivia, repressores. Talvez, se esse pai fizesse uma leitura mais cuidadosa da obra permitiria a ele perceber, por meio das contradições dessa personagem, o conflito em que ela se debate cotidianamente.

(2) São algumas terminologias realmente muito pesadas. Eu gosto muito de ler e acabei vendo esse conto. Os educadores falam tanto para tomarmos cuidado com a Internet e distribuem isso? Meus filhos contaram que as meninas da turma ficaram envergonhadas. Não sou nenhum tipo de moralista, mas acredito que isso é demais já que existem tantos autores bons da nossa Literatura que poderiam ser explorados. (A.M.M., pai de três filhos, de 10, 16 e 17 anos – retirado do blog *Papo de Professor*)

Curiosamente, nunca foram encontradas nos jornais, em revistas ou na internet denúncias feitas por pais sobre as terminologias utilizadas nas letras de músicas, em alguns programas de televisão ou em filmes de sucesso que agradem ao público jovem. Ao utilizar os termos “realmente” e “muito” ele enfatiza a palavra “pesadas”, conferindo a ela um peso muito maior ao que verdadeiramente o conto de Brandão propõe, diferentemente da linguagem que muitas vezes aparece nos programas das emissoras de televisão.

Muito mais grave e de maior impacto do que as terminologias do conto foi o vocabulário que José Luiz Datena, apresentador do programa *Brasil Urgente*³⁷, utilizou para xingar ao vivo o comentarista esportivo Milton Neves, depois de ter invadido os estúdios do programa *Domingo Esportivo*, em agosto de 2014. Com expressões, como “Meu, que merda é essa que você fala? Que merda é essa? É o caralho!”, José Luiz Datena invadiu o estúdio durante a transmissão do programa *Domingo Esportivo*”, comandado por Milton Neves, pelo comentário que este fez a respeito de Datena ter morado na casa do ex-jogador José Hidalgo Neto, em Curitiba, quando estava desempregado.

A referência que o pai A.M.M. faz aos outros autores – respeitáveis por estudiosos da Literatura e por críticos – da Literatura Brasileira englobaria autores, como Aluísio Azevedo, autor de

³⁷ Programa jornalístico brasileiro da Rede Bandeirantes apresentado por José Luiz Datena, que traz em seu noticiário casos policiais e matérias sobre crimes hediondos e bizarros.

O Cortiço, obra que, de acordo com a tabela apresentada no Capítulo 3, “Painel da Polêmica”, esteve e ainda está nas listas dos principais vestibulares do estado de São Paulo; ou Raul Pompéia, autor de *O Ateneu*, obra que, juntamente com o romance de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo*, já estiveram nas listas dos vestibulares paulistas da Fuvest e da Unicamp? Essas três obras pertencem ao Realismo/Naturalismo, escola literária que tem como temática a animalização do ser humano e as cenas de sexo, explícito ou sugerido, com utilização constante de vocabulário chulo e/ou obsceno.

O romance *O Cortiço*, publicado pela primeira vez em 1890, foi a obra que consagrou o escritor Aluísio Azevedo pelo poder de observação e representação da mobilidade humana em um espaço como os cortiços de sua época, fazendo do próprio cortiço a personagem principal. Devido a isso é que há muito tempo se mantém na lista de leitura obrigatória, entretanto é a obra que mais apresenta fragmentos contendo referências a atos sexuais e/ou à sexualidade das personagens.

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. Afigurou-se-lhe estar nos braços de uma amante apaixonada: descobriu nela o capitoso encanto com que nos embebedam as cortesãs amestradas na ciência do gozo venéreo. Descobriu-se-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio. (*O Cortiço*, p.24)

O que está por trás do medo desse pai é o que Foucault chamou de logofobia (2012, p.47/48), aquele *temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver de violento, e descontínuo [...] desse grande zumbido [...] desordenado do discurso*. O temor desse pai que afirma haver outras obras de qualidade na Literatura surge como uma desculpa para não precisar se deparar com a voz dessa mulher, a personagem do conto, que, sufocada entre as quatro paredes de sua educação repressora, sempre pensando no que os outros poderão dizer a seu respeito ou de sua família, sempre repetindo a fala da mãe que exigia que ela tivesse compostura e assim, mantendo a postura determinada pela mãe, se mutilou sexualmente. Esse pai que evita a leitura de uma obra que apresenta obscenidades declaradamente registradas não é a pessoa que, de acordo com Foucault, tem medo *dessa massa de coisas ditas* que possam revelar a voz das mulheres que eles, homens, durante muito tempo tentaram calar?

(3) A coletânea, distribuída pelo programa de apoio ao saber, teria sido bem aceita como um incentivo à leitura, não fosse o conto de Ignácio de Loyola Brandão, com texto até mesmo pornográfico, os alunos entre 15 e 17 anos não têm maturidade para compreender aquele tipo de leitura, a sociedade deve discutir a forma que o estado está educando os jovens (Inspetora de alunos e avó de uma estudante de 17 anos de um colégio em Votorantim – retirado do blog *Notícias Votorantim*)

O equívoco dessa avó se baseia na crença de que é o Estado que está educando os jovens, e não os pais, configurando uma dificuldade em separar as funções da família das funções do Estado. A educação dos jovens, seja pelas questões morais, éticas, sociais e até sexuais deveria acontecer em casa, lugar onde os pais preparassem seus filhos para o mundo. Entretanto, muitos desses genitores também não tiveram esse preparo e, portanto, acreditam ser função singular das escolas ensinar aos seus filhos um pouco de moral, um pouco de ética e um pouco acerca das questões sociais, mas jamais os assuntos sexuais, para os quais eles mesmos olham com certa preocupação, como se aulas de educação sexual fossem desvirtuar os jovens e levá-los a se considerar aptos a iniciar uma vida sexual, na visão dos pais, antes da hora ou promíscua. Tudo isso porque muitos brasileiros não estão acostumados a considerar a educação sob o prisma ético, político, econômico e até crítico, dificultando a aceitação de determinadas propostas curriculares por parte dos pais e, muitas vezes, por parte dos próprios educadores que não se sentem preparados para tratar de assuntos ligados à sexualidade, ou polêmicos, ou que são tabus. A associação que essa avó faz entre o conto de Loyola Brandão com a afirmação de que a sociedade deve discutir a forma de educação revela a educação que essa senhora teve, as vozes constitutivas de sua criação em uma época quando sexo e sexualidade eram ainda assuntos que não se discutia em casa, considerados tabu, portanto, deveriam permanecer longe das discussões familiares.

A alegação que essa avó faz sobre a falta de maturidade é um assunto contraditório e polêmico nos dias atuais, quando é comum jovens engravidarem ainda na adolescência, aos quinze anos ou antes dessa idade porque começam a vida sexual muito cedo. A pesquisa Durex³⁸ Global Face of Sex, realizada em 37 países, ouviu 30 mil pessoas entre 18 e 64 anos e descobriu que os jovens brasileiros são os que iniciam a vida sexual mais cedo. No Brasil, 66% dos

³⁸ Durex – nome proveniente das letras iniciais das palavras Durability (durabilidade) Reliability (confiabilidade) e Experience (experiência) – empresa londrina fabricante de camisinhas, lubrificantes vaginais e vibradores preocupada com o bem-estar sexual dos seres humanos. Trabalha com caridade, organizações internacionais e profissionais da saúde. A pesquisa realizada por ela tem como objetivo conhecer as necessidades de seus usuários e aprimorar seus produtos.

entrevistados revelaram ter começado sua vida sexual aos treze anos. De acordo com a coordenadora do Programa de estudos da Universidade de São Paulo, Carmita Abdo, *muitos brasileiros e brasileiras com menos de 13 anos começam a ter relações sexuais sem saber o que é sexo protegido*. Uma estudante de 17 anos, Natália de Lima, em entrevista para o site Saúde Plena, diz que quando estava na sétima série do ensino fundamental, uma professora apresentou noções de sexualidade e cuidados para quem fosse iniciar a vida sexual e vários pais discutiram na escola achando que a professora estava incentivando o sexo.

A falta de maturidade a que essa avó se refere não parece condizer com as leituras de romances *best sellers* que muitas jovens fazem, como a trilogia *Cinquenta tons de cinza*, analisada brevemente no Capítulo 3, na seção (3.4.2) na análise de Obras Literárias, adaptada para o cinema com estreia no mês de fevereiro de 2015. Para que uma obra seja adaptada para o cinema, é preciso que tenha sido um sucesso de venda. A trilogia em questão apresenta cenas eróticas com grande descrição de sexo explícito, além de vocabulário obsceno, conforme fragmento abaixo:

Meu pênis se contorce. Porra! Quantos anos eu tenho, quatorze? Minha reação é irritante pra cacete. Talvez essa resposta adolescente pare se eu a acorrentar, se eu comer e açoitá-la essa garota. (*Cinquenta tons de cinza*, livro 3, p.538)

Nesse caso, a inferência que se faz é que como os pais não estão preparados para abordar esse assunto com seus filhos, no caso dessa avó, com os netos, eles consideram esses jovens imaturos. Não seriam eles mesmos despreparados para esse tipo de assunto?

Em vista desses dados, o que parece é que no Brasil os pais, talvez presos a uma educação repressora, para a qual o sexo e a sexualidade eram e ainda são tabus e não podiam ser conversados com os filhos adolescentes, ainda consideram esses assuntos proibidos. Entretanto, não querer enxergar não representa evitar que uma filha inicie uma vida sexual aos treze anos, situação para a qual o governo já direcionou sua atenção quando estipulou como idade mínima para se tomar a vacina contra o HPV³⁹ a partir dessa idade. Essa atitude de não querer ver é a mesma em relação ao conto de Brandão – não querer reconhecer que existem pessoas insatisfeitas sexualmente. A adolescente Natália de Lima acha que esse tipo de informação deve ser dada em casa, mas reconhece que muitos pais têm dificuldade em conversar sobre esse tipo de assunto.

³⁹ Doença sexualmente transmissível (DST) causada pelo Papilomavírus humano (HPV).

(4) Acho que sexo deve ser abordado na escola, com orientação, mas o que está escrito em alguns contos, são coisas muito obscenas e também sobre violência, que no meu modo de pensar não deveriam ser indicadas para adolescentes.(J.L.H., 46 anos, bombeiro civil, pai de uma estudante de 16 anos da escola Hélio Penteadado de Castro, que grifou (o pai) 11 citações eróticas no conto “Obscenidades para uma dona de casa” que ele vê como preocupantes e, por isso, acredita que não devam ser lidas por menores de idade - retirado do blog *Papo de Professor*)

A referência às citações eróticas ou violentas a que esse pai se refere como impróprias para menores de 18 anos parecem se referir a uma realidade outra, de um outro país que não o Brasil. Fazer essa consideração a respeito de apenas três contos dentro de um conjunto de cem parece-nos muita “indignação” para pouca coisa. Isso sem considerarmos ainda a programação das redes televisivas, dentre as quais a rede Globo de Televisão, campeã de audiência entre jovens e adultos (muitos deles são pais e mães) com suas novelas, programas de auditório e BBB repletos de cenas eróticas, e as constantes cenas de violência diária apresentadas nos noticiários. Quanto à referência “sobre violência”, é difícil para quem de fato leu o conto encontrar uma situação semelhante a apresentada no dizer do pai J.L.H. Seja praticado de maneira conservadora ou liberal, sexo não é sinônimo de violência, excetuando-se casos de estupro, o que não ocorre no conto de Brandão, portanto, parece que para esse pai sexo é sinônimo de violência e, sendo visto dessa maneira, percebe-se uma grande contradição no motivo apresentado por ele, caracterizando a memória histórica dos dizeres familiares e a visão conservadora herdada por ele.

A partir de Baldini (2012), que se vale de estudos de Pêcheux para explicar a relação entre o sujeito e os discursos por meio de um *vínculo indissociável entre constituição do sujeito do discurso e constituição do sentido e, além disso, a também indissociável relação entre ideologia e inconsciente*, é importante ressaltar o cinismo da fala do pai, bombeiro civil, como uma maneira de *estruturação social e subjetiva* na sociedade contemporânea. É não querer ver que o problema é de âmbito muito maior do que um livro de contos distribuído nas escolas de Ensino Médio. Ele considera a terminologia imprópria para menores de 18 anos, mas a programação da TV aberta reprisa novelas do horário nobre – 21h – no período vespertino, quando menores de 18 anos estão em casa, livres e dispostos a ligar uma televisão para se distrair.

Na atualidade (século XXI), fica difícil saber o que é impróprio para menores de 18 anos quando muitos menores de idade, utilizando-se dessa prerrogativa, assaltam, roubam, matam e, quando capturados, logo se identificam com a famosa frase “sou de menor”. O que é realmente ser menor de idade? O que realmente deve ser classificado como impróprio para menores de 18 anos quando filhas de 14 e 16 anos se tornam as principais suspeitas pela morte do pai tetraplégico⁴⁰?

Devido à profissão do senhor J.L.H., a violência a que os cidadãos estão expostos no mundo contemporâneo não é algo que se possa florear ou fingir não existir; igualmente impossível é esconder dos filhos essa realidade, principalmente porque sendo um profissional que lida com problemas humanos, ele também está exposto a essa violência. Nesse caso, a análise de Baldini ajuda a explicar o dizer desse pai quando afirma que *vai mais no sentido de uma impostura, como se passássemos, no nível ideológico, da célebre formulação de Marx eles não o sabem, mas o fazem, para um eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem*, pois esse pai sabe que essa realidade apresentada na Literatura está presente também no cotidiano dos filhos, sem que ele possa, entretanto, ter uma análise explicativa do porquê de sua presença.

No livro *O Cortiço*, apesar das várias cenas em que a sexualidade é o tema principal, a violência também aparece pela denúncia da escravidão que ainda acontecia, dois anos após a Lei Áurea ter sido assinada, no Rio de Janeiro. É a obra literária cumprindo seu papel de representação (lúdica) da realidade.

De acordo com os PCN, uma vez que a compreensão dos significados e das significações da linguagem deveria permitir aos alunos uma maior *problematização dos modos de “ver a si mesmos e ao mundo”* (p. 5), a Literatura, com a sua função de retratar a sociedade em seu contexto histórico, social, econômico e psicológico, traz aos leitores uma possibilidade catártica, portanto, não deveria haver, por parte de pais e responsáveis pela formação crítica dos jovens, esse preconceito.

(5) Não sei se estou ultrapassada, mas se fosse para discutir sexualidade na sala de aula, deveria ser de outro jeito, e não por

⁴⁰ De acordo com a reportagem do G1.globo.com, de janeiro de 2015, o policial militar aposentado Reinaldo de Carvalho Santos, de 40 anos, tetraplégico após receber um tiro na coluna em 2011, foi encontrado morto em seu apartamento, no Guarujá. As filhas de 14 e 16 anos são as principais suspeitas pela morte do pai, que desapareceram antes que o corpo fosse encontrado.

meio de termos tão chulos. (R.C.F.P., dona de casa, mãe de uma jovem de 17 anos – retirado do blog *Papo de Professor*)

Apesar de se dizer chocada, o que essa dona de casa não percebeu, talvez por não ter conhecimento ou por não ter lido, é que o conto não quer discutir sexualidade, o que ele mostra, de acordo com a análise de Salles (2001) das personagens de Brandão é que suas personagens lutam contra a pressão que o espaço exerce sobre elas, em cidades (e sociedades) que acabam determinando sua conduta e sua relação com o próximo. E a personagem do conto não foge desse contexto, pois ela que, aparentemente, tem tudo para ser feliz, é infeliz, está insatisfeita, mas não sabe como agir. Ela vive um dilema: o corpo pede uma coisa, uma vida sexual mais prazerosa, e os costumes morais, que ela “herdou” da época em que vive, pede outra. Ela necessita dessa pulsão de vida para viver, o que vai originar uma luta entre duas forças: a primeira, no mais fundo de seu ser, que busca o cumprimento dos desejos reprimidos; e a segunda, que repele, uma vez que pertence ao Ego, que, de acordo com Freud (1915/1996), reprime seus impulsos instintivos como forma civilizada de conviver socialmente.

A condicional “se” no dizer dessa mãe indica que existe a possibilidade de se discutir sexualidade na sala de aula? Mas a sexualidade pode ser discutida a partir de textos, portanto esse seria um texto apropriado para se chegar às angústias existenciais e necessidades pessoais de uma dona de casa, a personagem do conto de Brandão, que não vivencia plenamente, conforme sua vontade, sua sexualidade devido à educação recebida.

O elemento que une as falas dos pais acima analisadas é o fato de fazerem parte do mesmo discurso que, de acordo com Foucault (2012, p.10), *não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar*, poder esse que seria o domínio desses pais sobre a linguagem ouvida/falada por seus filhos, como no caso da linguagem do conto de Brandão, considerada “chula”, “pesada”, “pornográfica” e “obscena” e que, de acordo com o pai de (1), é “chula para os padrões acadêmicos”. De acordo com os próprios PCN, que norteiam os conteúdos a serem trabalhados em cada série escolar,

[...] toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, precha de significados e significações que vão além do seu aspecto formal. O estudo apenas do aspecto formal, desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical própria da natureza e função da

linguagem, desvincula o aluno do caráter intersubjetivo e social da linguagem [...]

o que representa dizer que a escolha linguística do escritor Loyola Brandão está repleta de significados e significações numa inter-relação contextual e semântica caracterizadora da subjetividade da personagem que deve ser respeitada como *produto de diferentes esferas sociais* (PCN, p. 9), até mesmo para os padrões acadêmicos, que estamos entendendo como o espaço escolar, uma vez que Brandão utiliza no conto essa linguagem, provavelmente, com o propósito de caracterizar o intenso conflito vivido por uma dona de casa que nunca utilizou linguagem chula ou obscena, de acordo com sua interpretação de si mesma.

Assim como Brandão, os escritores optam por esse vocabulário, muitas vezes, para mostrar a grosseria de uma personagem que, apesar de ter enriquecido, não tem classe, como a personagem de Graciliano Ramos, Paulo Honório, que utiliza um linguajar ofensivamente de baixo calão para mostrar sua indignação com a mulher que, para preservar sua intimidade, não revelou o conteúdo da carta que havia escrito a Azevedo Gondim:

– Faz favor de mostrar isso?
 Madalena agarrou uma folha que ainda não havia sido dobrada.
 – Não tem que ver. Só interessa a mim.
 (...)
 Madalena defendia-se, ora levantando o papel com os braços estirados, ora escondendo-o atrás das costas:
 – Vá para o inferno, trate da sua vida.
 Aquela resistência enfureceu-me:
 – Deixa ver a carta, galinha.
 Madalena despreendeu-se e entrou a correr pelo quarto, gritando:
 – Canalha!
 (*São Bernardo*, p.139)

É a linguagem revelando as características da personagem Paulo Honório, sua educação, ou falta dela, já que ele parece ter sido criado por um cego que lhe puxava pelas orelhas, andando à toa pela vida; e seu conflito psicológico que, por pensar diferente da esposa Madalena – ele era capitalista e ela era socialista –, não confia nela. O que se percebe em seu ciúme é que ele pode ser causado por um sentimento de inferioridade em relação à esposa, mulher instruída e culta, apresenta uma visão de mundo diferente da do marido que, por isso, acaba se sentindo ameaçado.

Diferentemente dos dizeres anteriores, os que seguem abaixo se baseiam na questão da sexualidade, aparentemente tão difícil de ser encarada por eles (pais), por provavelmente esse ser um assunto não resolvido para eles também. Entretanto, se eles não conseguem encarar esse assunto, o Ministério da Saúde sim. De acordo com o Manual do Ministério da Saúde⁴¹, o sexo e a sexualidade há muito tempo fazem parte das preocupações dos jovens, por isso, o Ministério começou a distribuir a vacina contra o HPV⁴² – doença sexualmente transmissível – DST.

(6) Se fosse algo encontrado por curiosidade nas ruas, não iria me espantar, mas botar na escola um conto desse é um absurdo. Acho que desperta nos jovens uma sexualidade que eles ainda estão descobrindo (S.S., representante comercial, morador em Ribeirão Preto, com uma filha de 17 anos, pensou em registrar boletim de ocorrência e levar a queixa ao MEC – retirado do blog *Papo de Professor*)

Parece que a banalização dos conteúdos eróticos encontrados no cotidiano dos jovens, para muitos pais, é aceitável. Ler, ouvir ou ver, fora da escola, qualquer gênero que apresente em seu conteúdo o erotismo não despertaria nos jovens a sexualidade que os pais acham que eles estão descobrindo, mas estudar esse conteúdo na escola despertaria a sexualidade dos filhos, visão que, analisada sob um ponto de vista histórico, ideológico e cultural, vem de longa data. É a inversão total de valores em uma sociedade que assiste comumente à programação dos canais abertos de televisão sem qualquer contestação, indignação ou vontade de registrar boletim de ocorrência contra as agressões que, todos os dias, entram nas casas das famílias brasileiras. Para o senhor S.S., somente o que se estuda nas escolas é que despertaria a curiosidade e o desejo nos jovens e os influenciaria, mas não o que se encontra nas ruas ou o que se ouve nas rádios e se canta, conforme a letra da música de Luan Santana, *Sogrão Caprichou*:

No espelho do quarto, prepara o arsenal
Vem de vermelho, tô passando mal
Ela dança envolvente, mexendo a cintura
Mané quando olha derrapa na curva

⁴¹ http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08_15.pdf

⁴² Vírus adquirido sexualmente, que apresenta diversos subtipos, responsável pelo aumento da incidência do colo de útero.

Faz carinha de santa, despede do pai
 Volto cedo, juro! Sogrão, eu cuido
 Ele nem imagina o que a filha é capaz
 Tem que ser censurado o trupé que ela faz

Perto de papai, você é santinha
 Quando o sogrão não tá, você perde a linha
 Perto de papai, você é santinha
 Quando o sogrão não tá, você perde a linha

A banalização do sexo nos programas de televisão com o objetivo de alcançar índices de audiência leva o telespectador a questionar a contradição no padrão moral de algumas emissoras, como a Rede Globo de Televisão que, por um lado faz apelo sexual e, por outro, em parceria com a Unesco, mobiliza a sociedade visando transformar o futuro de crianças ao redor do Brasil, há anos, por meio do programa Criança Esperança⁴³. Se há uma preocupação social e moral com o futuro do país, por que não repensar a programação televisiva e os valores que se quer ensinar?

Apple (1982, p. 26) apresenta uma citação de Louis Wirth no prefácio da obra clássica *Ideology and Utopia*, que diz:

As coisas mais importantes [...] que podemos saber a respeito de um homem é o que ele admite como certo, e os fatos mais elementares e importantes a respeito de uma sociedade são os que raramente encontram discussão e que em geral são vistos como estabelecidos.

Essa citação, utilizada como parâmetro de análise do comportamento do pai S.S., pode revelar pelas entrelinhas de sua fala, que esse pai tem certeza de que o que se encontra nas ruas por curiosidade não afetaria a formação moral de sua filha, nem despertaria sua sexualidade, assim como a exploração da imagem sexual das jovens nas redes sociais, ou as letras de músicas dos funks, ou programas como o BBB, ou novelas, ou a leitura de obras como “Cinquenta tons de cinza” não teriam impacto suficiente no despertar de sua sexualidade. É uma contradição que, de acordo com Uyeno (2002, p.114), pressupõe *incapacidade do locutor de assumir uma determinada posição*, revelando a ilogicidade de seu julgamento a respeito do que deve ou não

⁴³ Programa Criança Esperança, uma iniciativa da Rede Globo em parceria com a UNESCO desde 2004, compreende uma mobilização social que busca transformar o futuro de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Todos os anos, uma grande campanha na mídia mobiliza os brasileiros a fazer doações para apoiar projetos sociais nas cinco regiões do Brasil.

ser trabalhado dentro das escolas, preferindo acreditar que o debate sobre sexualidade a partir da leitura de um conto poderia ser moralmente negativo para a educação de sua filha.

Na sociedade atual, os temas sexo, estupro, Aids, DST são comuns e bem aceitos como assuntos de telenovela, estudos divulgados no Jornal Nacional ou no Fantástico e até mesmo em programas como Brasil Urgente, mas muito distantes da intimidade de muitas famílias para as quais esses assuntos sequer são conversados, como se eles fossem uma doença contagiosa contra a qual a família estivesse vacinada. Entretanto, de acordo com estudos apresentados anteriormente, os brasileiros estão na lista dos que mais cedo iniciam a vida sexual.

Diferentemente do pai, o Ministério da Saúde tem se preocupado com esse tema e, para orientar adequadamente os jovens, criou um Manual do Multiplicador Adolescente orientando, por meio de dinâmicas, como trabalhar assuntos como Sexualidade, Aids, Gravidez na adolescência e outros temas de interesse dos jovens.

De acordo com o *Manual do Ministério da Saúde*⁴⁴, vários assuntos relacionados às questões sexuais *saíram da clandestinidade e estão desencadeando discussões acaloradas nos lares, nas ruas e nas mídias em geral*. O problema é que nem sempre essas discussões apresentam informações precisas e esclarecedoras, deixando-os mais confusos com essas informações. Por isso é que os pais deveriam tratar desses assuntos com seus filhos adolescentes, entretanto, de acordo com o Ministério da Saúde, muitos pais não estão preparados para conversar com os filhos sobre sexo e sexualidade, ou não têm tempo. Com a falta de tempo da família, essa função acaba sendo relegada à escola, onde, paradoxalmente, certos assuntos, de acordo com os responsáveis, não devem fazer parte do currículo escolar.

Quando o pai fala da sexualidade da filha de 17 anos como algo que ainda não foi descoberto, provavelmente ele está envolvido pela memória histórica a respeito da educação e do desenvolvimento das jovens do século passado, para as quais a sexualidade era reprimida e o assunto sexo era tabu e do qual só se falava no dia do casamento delas.

O próximo dizer analisado é de uma professora que trabalha em Capão Redondo, São Paulo, e seu dizer materializa o mesmo discurso dos pais de alunos, analisados até aqui.

(7) Uma professora de Língua Portuguesa que trabalha em Capão Redondo, zona sul de São Paulo, afirmou não se sentir capaz de abordar a sexualidade presente no conto com os

⁴⁴ http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08_15.pdf

estudantes.(retirado do site do jornal O Estado de S. Paulo, *Estadão on-line*)

Ela diz não estar preparada para trabalhar com o tema da sexualidade, mas quantos professores, homens e/ou mulheres estariam preparados para trabalhar a sua própria sexualidade? Quantos outros professores estão preparados para trabalhar temas tabus, delicados e difíceis em sala de aula?

A dificuldade dessa professora em trabalhar o tema sexualidade com os alunos demonstra a dificuldade que essa mulher tem em tratar desse tema, possibilitando estabelecer uma relação de semelhança de seu dizer com a teoria psicanalítica apresentada no início desse trabalho quando afirma que a partir do momento em que as mulheres aceitaram que os homens falassem por elas, devido à educação que receberam, perderam sua voz. Ao perder a voz, perderam o poder de mudar o próprio destino, ficando seu discurso restrito ao discurso permitido para aquela época.

De acordo com Kehl (2008), o lugar que a mulher ocupa ou deveria ocupar na sociedade é determinado pelas práticas falantes que se transformam ao longo da história pelos deslocamentos que os agentes sociais sofrem. A professora de Capão Redondo, SP, quando afirma não se sentir preparada para abordar o tema da sexualidade, mostra o lugar que ela ocupa na sociedade, talvez um lugar muito próximo da personagem; sua dificuldade pode revelar a dificuldade de encarar a sexualidade na própria vida e, assim como a dona de casa do conto de Brandão, se sentir sem voz.

Para o Ministério da Saúde, tanto pais quanto educadores não estão sabendo como agir a partir da *liberalização dos costumes*. Apesar de viver no século XXI, essa mulher/professora evita trabalhar um assunto tão polêmico com os jovens porque ela mesma pode não ter tido esse ensinamento em casa. O que parece é que em sua memória familiar existe esse discurso que determina o que as mulheres devem e o que elas não devem saber e transmitir. Falar de sexualidade, ou falar da frustração pessoal de uma mulher pode ser assunto delicado não pela temática, mas pelo espelhamento que ele representa: a professora pode ter vivido ou estar vivendo uma situação parecida, portanto, trabalhar uma história que traga esse assunto pode ser dolorido e muito difícil para ela.

Não saber como tratar o tema da sexualidade é não saber como ensinar Literatura porque esse tema aparece em várias obras, mesmo que não seja de modo explícito e com vocabulário de

baixo calção, entretanto romances como *O Ateneu*, que retrata a convivência de jovens do sexo masculino de 12 a 19 anos, dividindo o mesmo espaço durante nove meses por ano, trabalha o despertar da sexualidade dos mais jovens, tendo que saber lidar com o assédio dos mais velhos:

– Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se!”

Isto é uma multidão; é preciso força dos cotovelos para romper. [...] Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. [...] Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores. (*O Ateneu*, p.35)

O conflito em torno do conto é oriundo da educação que o brasileiro recebeu desde o século XIX, quando determinados assuntos eram proibidos, assim como as funções que o pai e a mãe tinham no processo educativo dos filhos e como isso aconteceria, ou seja, que valores seriam passados para as crianças, que conteúdos lhes seriam apresentados. A mãe cuidava dos filhos, mas o pai era o responsável por decidir o que eles deveriam aprender, conforme se observa no romance de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*. O pai, Felisberto Sousa Costa, contrata uma “professora de amor” para seu filho adolescente, sem o conhecimento da esposa, que acredita ser função da nova governanta apenas administrar a casa, ensinar piano às meninas e alemão às filhas e ao filho adolescente. De acordo com Del Priore (2009, p.239)

Os membros da família não conversam senão sobre coisas banais e sobre a educação dos filhos. O chefe da casa, o novo patriarca, o patriarca burguês, investido de doçura e compreensão, determina todas as coisas que devem acontecer. A mãe, Laura, “uma santa”, não sabe de nada sério que acontece na casa, a não ser as coisas apropriadas para mulher saber, coisas da administração doméstica.

Como resquício dessa educação patriarcal no Brasil, o que se observa ainda hoje, nas famílias, é a mesma atitude em relação aos temas provavelmente dialogados pelos membros das famílias. O silêncio dos pais ao redor de assuntos polêmicos continua deixando para as ruas e os amigos a incumbência de apresentar a sordidez do mundo aos seus filhos.

Após uma análise das falas dos pais, o que se percebe é que provavelmente não leram o conto; se leram, não entenderam o verdadeiro propósito do autor com a escolha do vocabulário. Entretanto, pela polêmica, o que fica como uma possibilidade maior é o fato de eles, ao invés de

lerem o conto, terem lido apenas as partes em itálico, tomando o conto pela superfície linguística, pela linguagem chula, descontextualizada, e pelas descrições de cenas eróticas. Se assim o fizeram, a leitura de trechos soltos, descontextualizados, não permitiu uma compreensão adequada do verdadeiro conflito da personagem, gerando todo o equívoco e levando à situação em análise – a contestação dos pais em relação à adoção do livro pelas escolas do Estado.

Com o trabalho até esse ponto, interrogamo-nos: como seria discutir a sexualidade em sala de aula de acordo com a mãe e dona de casa (5)? Será que se a escola se propusesse a discutir sexualidade nas aulas a fala dos pais seria diferente? Se a escola instituísse como temas transversais, tal como propõem os PCN, com aulas de educação sexual, esses pais interpretariam como um benefício para o bom desenvolvimento emocional, fisiológico e psicológico de seus filhos?

A polêmica levantada pelos pais se deve ao fato de desconhecerem os PCN que propõem que as escolas trabalhem temas transversais, sendo um desses a educação sexual. O objetivo que se percebe com essa proposta é que assuntos polêmicos de interesse dos jovens e pouco abordados em casa possam ser trabalhados a fim de levá-los, os jovens, à reflexão.

Relativamente aos temas transversais, em Santa Catarina, no município de Videira, foi realizado o projeto Jovens Multiplicadores: Saúde e Prevenção nas Escolas, projeto que capacitou 60 adolescentes das escolas municipais e estaduais dessa cidade para a divulgação do autocuidado dentro da escola e da comunidade. Esses jovens participaram de discussões sobre adolescência e suas principais dúvidas: sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis (DST), além das consequências do uso de álcool e drogas.

Em 2005, uma escola privada de São José dos Campos, interior de São Paulo, adotou como um projeto a proposta do Ministério da Saúde – PROSAD – Programa de Saúde do Adolescente⁴⁵. Realizado com alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, após a autorização dos pais, em horário diferente ao das aulas do curso regular, esse projeto trabalhou com temas, como: ser adolescente/ puberdade; sexualidade; métodos contraceptivos; prevenção à gravidez na adolescência; prevenção às DSTs e Aids; prevenção ao uso indevido de substâncias; construção da cultura da paz – enfrentamento à violência infanto-juvenil; qualidade de vida, nutrição, imunização e atividade física; projeto de vida e protagonismo juvenil. Para desenvolver o projeto, os alunos tiveram contato com pênis de borracha, a fim de aprenderem a usar um

⁴⁵ <http://www.uff.br/disicamep/prosad.htm>

preservativo masculino, assistiram a filmes cujas temáticas giravam em torno de violência, uso de drogas, gravidez na adolescência, estupro, dentre outros temas tabus com posterior discussão e debates entre os alunos, coordenados por professores, além de também aprenderem os diversos nomes dos órgãos genitais masculino e feminino. Importante, porém, é observar a faixa etária a que o programa se destina – 11 a 13 anos de idade, e os encontros aconteciam com um grupo misto, em torno de 25 alunos – meninos e meninas.

Em vista desse programa para alunos tão jovens, nota-se por parte dos pais e até de alguns especialistas em educação e áreas correlatas uma certa descrença na capacidade dos adolescentes para lidar com certos assuntos, pois a Doutora em Psicologia da Educação, Sônia Chebel Mercado Sparti⁴⁶, que manifestou sua opinião contrária à adoção do livro de contos no blog Papo de Professor, tem ressalvas a esse tipo de leitura por acreditar que nessa faixa etária – 16/17 anos -, como os jovens ainda estão em formação e, de acordo com ela, as famílias não estão preparadas psicologicamente para tratar de temas como sexo e sexualidade com os filhos, o impacto do conto acaba sendo negativo.

Se os PCN recomendam o trabalho da sexualidade a partir dos temas transversais no Ensino Fundamental, se o ministério da Educação produziu um material para o trabalho com adolescentes de 11 a 13 anos de idade, se faz parte do programa assistir a filmes sobre sexo, pegar em pênis de borracha e colocar camisinha nele (no pênis de borracha) sem que os idealizadores desse projeto verifiquem qualquer impacto negativo no crescimento deles, por que haveria esse impacto em alunos de idade bem superior? Pela informação da psicóloga, fica patente muito mais a dificuldade das famílias em conversar esse assunto com os filhos do que verdadeiramente uma preocupação com um possível impacto negativo na formação dos jovens.

E, sendo o problema maior a dificuldade dos pais, a análise que se faz é a existência inconsciente das vozes do passado que ditavam padrões de educação aos filhos pautados pela obediência cega, falta de diálogo devido ao autoritarismo do patriarca, para quem filho deveria obedecer ordens e jamais questionar a autoridade paterna, e preconceito a certos tipos de assuntos a serem comentados em casa. Parece que, ainda hoje, sexo se conversa na rua, entre homens, nos bares; não é assunto para se conversar dentro de casa em presença de mulheres.

Surpreendentemente, seguindo a mesma linha de pensamento dos pais, alguns jovens em idade entre 15 e 17 anos, estudantes de uma escola estadual da região central da capital paulista,

⁴⁶ <http://papodeprofessor.blogspot.com.br/2010/09/erotismo-emalta-nas-publicacoes.html>

classificaram o vocabulário utilizado em três contos do livro *Os cem melhores contos do século*, entre eles o conto de Loyola Brandão, “pesado demais” e com algumas palavras “bem fortes”. O que surpreende é que eles revelam conhecer esse vocabulário:

(8) Acho que não é uma boa ideia ter a distribuição gratuita. Achei algumas palavras bem fortes, apesar da gente já estar acostumado com isso na rua. (O.L.L., estudante de 15 anos da Escola Estadual Caetano de Campos)

(9) Estou acostumada a ler outros livros indicados pelos professores, sem esse tipo de conteúdo. O pessoal mais jovem já encontra isso na internet, mas no meio de um livro de escola, acho estranho (M.O., estudante de 16 anos da Escola Estadual Caetano de Campos)

Os dizeres acima, reproduzidos pelos jovens considerados os “pivôs” da geração da polêmica que, na visão dos pais e da avó, supostamente não teriam maturidade para ler e compreender o conto de Brandão, afirmam conhecer esse vocabulário e encontrar esse material na internet. Portanto, a linguagem do conto, bem como o tipo de texto “conto”, não são desconhecidos dos jovens. Entretanto, aqui, seus dizeres são a materialização do mesmo discurso dos pais, discurso filiado à mesma formação discursiva e ideológica em relação à sexualidade e ao sexo. Segundo esse discurso, em relação ao sexo, o que se vê e vivencia fora da escola não poderia saltar para dentro dos muros escolares. Esses dizeres, de acordo com Foucault (2012, p.47), funcionam

(...) como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. De modo a que sua riqueza fosse aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais incontrolável; tudo se passa como se tivesse querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da linguagem.

Parece-nos que os jovens, receosos do julgamento que os pais podem fazer deles, tentam reproduzir sem avaliação os dizeres dos pais, uma vez que declaram encontrar esse vocabulário nas ruas, mas acham inapropriado quando inserido em uma obra literária, revelando a desinformação a respeito do motivo dessa inserção e a leitura superficial que fizeram do conto.

Tais como os pais, vale a regra do “vigiar e punir” (FOUCAULT, 2013b, p.30) uma vez que *só pode haver saber onde as relações de poder estão suspensas e que o saber só pode se desenvolver fora de suas injunções, suas exigências e seus interesses*. Segundo esses alunos ainda que de forma inconsciente, dentro das escolas é preciso manter a relação de poder, portanto, o livro *Os cem melhores contos do século* não deveria adentrar essas instituições, porque pelo menos um dos contos seria literatura (com letra minúscula) de rua. Ainda segundo a ótica desses alunos, caso um pai viesse a encontrar seu filho lendo tal livro, poderia “procurar seus direitos”, indo à polícia para fazer boletim de ocorrência, reclamando junto ao MEC, porque, caso permitisse que seu filho lesse livros dessa natureza, seria o mesmo que legitimar o início de práticas sexuais de seu filho. Entretanto, se esses jovens levarem para ler, durante os intervalos das aulas, livros como *Cinquenta tons de cinza* não haverá problema porque é “leitura de entretenimento”.

Tais como os pais, o que incomodou os jovens foi a linguagem, especificamente os termos chulos, de baixo calão, tomados em completa descontextualização em relação ao conto. Esses jovens, que se apresentam como “conhecedores passivos” dos termos chulos, pois afirmam não empregarem em sua linguagem, concordam que o conto não deva ser trabalhado na escola. Isso caracteriza um paradoxo, pois é difícil de acreditar que não usem com frequência termos chulos, devido à facilidade com que os adolescentes empregam palavrões em suas expressões cotidianas, não se esquecendo de que muitos gostam de funk, estilo musical repleto de palavras de baixo calão e/ou sugestões sexuais, como a música *Quero Te Provar*, de Naldo, Mc Koringa e Mr. Catra:

A dança se mistura
Com a pegação
É mão naquilo e aquilo na mão
Muita ousadia e muita sucessagem
Meu, mané covardia
Que tesão

A adolescente M.O. diz que o pessoal mais jovem “encontra isso na internet”. A que faixa etária ela está se referindo se ela mesma só tem 16 anos? Mais estranha ainda fica essa declaração, pois os pais acreditam que seus filhos de 16 e 17 anos, faixa etária para a qual os livros foram destinados, não têm maturidade para ler esse tipo de Literatura, mas os mais jovens leem esse tipo de texto na internet, sabe-se lá de que autor ou com qual proposta. E se a adolescente M.O. sabe

que os mais jovens encontram textos obscenos na internet é porque ela conversa com eles sobre esse assunto.

Portanto, fica difícil saber se o conto que supostamente chocou os jovens foi devido às falas dos pais ou porque o texto estava em um livro entregue nas escolas pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e eles, os jovens, verdadeiramente acreditam que essa Literatura deva ser excluída do currículo escolar. Ou ainda, será que a opinião concordante com as vozes contrárias não ocorreu por medo de serem julgados pelos pais caso defendessem o estudo dessa Literatura erótica?

CONCLUSÃO

A partir das análises apresentadas, conclui-se que o elemento motivador da polêmica dos pais em relação ao conto de Loyola Brandão foi o despreparo desses pais para trabalhar com assunto tão profundo.

Apesar de aparecerem posicionamentos femininos, as maiores reclamações vieram de pais, do sexo masculino, que trazem em sua memória histórica os dizeres de seus pais e avós a respeito do papel da mulher na sociedade. Uma mulher como a personagem do conto, quando nas cartas, não condiz com os padrões femininos defendidos pelos valores de uma sociedade patriarcal, mesmo sendo uma mulher do século XX.

De acordo com esses pais, suas filhas adolescentes não estão preparadas para um assunto envolvendo a sexualidade, porque elas ainda não despertaram para a sexualidade. Entretanto, muitas dessas jovens já iniciaram sua vida sexual, de acordo com profissionais da área da Saúde, segundo o Ministério da Saúde, sem pedir orientação em casa a respeito de procedimentos de segurança para evitar não só uma gravidez indesejada, como doenças sexualmente transmissíveis.

Não querer encarar a possibilidade, ou o fato, de os filhos já terem iniciado suas vidas sexuais, pode representar uma dificuldade pessoal, de acordo com a educação repressora recebida por cada um. Para esses pais, deve ser muito difícil tirar a venda dos olhos e perceber que não será apenas um conto apresentando um conflito intenso de uma dona de casa que vai despertar a sexualidade dos adolescentes. A sexualidade está sendo despertada o tempo todo e de várias maneiras: por meio da televisão com seus programas e novelas, das músicas, do cinema, das propagandas em outdoors com modelos sensuais acompanhadas de homens bonitos; a informação, entretanto, está vindo deturpada.

Não conversar com os filhos sobre sexo e sexualidade, muitos pais alegando falta de tempo, é fugir do assunto e criar problema, porque as informações virão de outras fontes e, muitas vezes, equivocadas, levando os jovens a adotarem atitudes nem sempre as mais satisfatórias para solucionarem problemas tardios. Ter educação sexual em todas as escolas, e não apenas em algumas, seria uma opção, assim como preparar o corpo docente para desenvolver esse assunto de modo a levar os jovens à reflexão, situação que não acontece.

As dúvidas sobre sexo e sexualidade sempre existiram, assim como a curiosidade, principalmente entre as jovens, que tinham uma educação diferente de seus irmãos e primos. Perguntas a respeito de como os bebês nascem e como eles entram na barriga das mães surgem desde tempos remotos e, desde tempos remotos, muitos pais evitam esse momento que, para muitos, é constrangedor. Mas se a expectativa desse momento constrangedor existe, por que as famílias não se preparam para trabalhar esse assunto tão pertinente para o amadurecimento dos jovens? Se perguntas relacionadas às questões sexuais surgem da mera curiosidade das crianças que estão descobrindo o mundo, não é difícil elas surgirem quando os adolescentes estão descobrindo esse novo mundo. Para que assuntos assim não sejam alvo de medo por parte de pais e educadores, a educação, tanto a familiar, quanto a escolar, deveria ser revista. Enquanto isso não acontecer, muitos pais e professores continuarão se sentindo despreparados para trabalhar os assuntos, sexo e sexualidade.

As políticas públicas, por sua vez, no caso, representadas pelo principal órgão educacional, o MEC, deveriam manter suas decisões, já que foram tomadas a partir de determinados critérios, e não recuarem diante de polêmicas levantadas por pais de estudantes e, muitas vezes, apoiadas e incentivadas pelos meios de comunicação, sobretudo TV, jornais (impressos e a online) e rádio. O MEC deveria se manter firme diante das propostas e defender os preceitos dos PCN quando declaram ser o espaço social, com todas as suas normas, costumes, rituais, comportamentos e ações influenciados na e pela linguagem, que se mostra, por sua vez, como produto e produtora da comunicação social. Se o funcionamento do espaço social é desse modo, a Literatura, como produto que é de seu meio, reflete através da linguagem as angústias que o ser humano inserido nesse contexto vivencia em qualquer época e contexto social.

Quando os jovens recebem uma lista de livros de leitura obrigatória para o vestibular incluindo muitos livros cujas narrativas envolvem sexo explícito, homossexual ou heterossexual, drogas como cocaína, LSD e crack, relação sadomasoquista, conflitos existenciais intensos, entre outras temáticas de profunda complexidade, os pais não questionam, não proíbem, não fazem boletim de ocorrência e não procuram as emissoras de televisão para denunciar como fizeram com o livro *Os cem melhores contos do século*, por causa de três contos, entre eles o conto de Brandão “Obscenidades para uma dona de casa”. Assim como os pais, a mídia também não se mobiliza para criticar a lista de leitura obrigatória dos vestibulares, porque as universidades que têm listas de livros são as mais famosas e ricas (USP, UNICAMP e UNESP, e talvez mais uma ou outra) e a maior parte dos pais (das camadas mais ricas) também desconhecem o conteúdo

dessas obras. Nesse caso, se o filho está se preparando para o vestibular, logo ele deve ter conhecimento abrangente e variado. Entretanto, esse preparo para o vestibular começa no ensino médio, com uma leitura diversificada, com obras de escolas literárias que ora se voltam mais para o amor idealizado, como o Romantismo, ora para uma análise comportamental do homem, como o Realismo, seja o psicológico – que se volta para denunciar o homem a si mesmo, seja o naturalista – que apresenta o homem como um ser animalizado, ora para as obras modernas de autores que vivenciaram conflitos sociais, pessoais e psicológicos intensos – do Modernismo de 1922 até os dias atuais.

Quando a Universidade ou a organização contratada para elaborar as questões de vestibular opta pela Literatura moderna, os temas tendem a ser mais polêmicos, pois trabalhando os conflitos dos dias atuais, a sexualidade aparece como pauta do momento com todas as suas implicações: DST, AIDS, gravidez, prostituição, estupro e todos os outros conflitos que a esses se ligam, como o problema das drogas, violência e bullying.

Esses assuntos estão na mídia televisiva e jornalística, estão nas músicas, nas telenovelas, nos filmes, portanto, não é possível tratá-los como se fossem algo muito distante do jovem de carne e osso, restrito apenas ao mundo virtual, pois até o mundo virtual entra nas casas e pode corromper e desvirtuar adolescentes de ambos os sexos. Pela cartilha da cultura de massa, a sexualidade explícita das modelos, das socialites, das atrizes, das passistas das escolas de samba é apresentada como a chave para um mundo maravilhoso de sucesso e conquistas.

Portanto, se não for repensada a educação dada aos jovens dentro de casa e, por extensão, nas escolas, se pais, antes de polemizarem em relação a qualquer obra literária não fizerem uma leitura apurada, tentando compreender a implicação do que o autor apresentou, se esses mesmos pais, preocupados que parecem estar, pela atitude em relação ao conto, com o que pode ser maléfico na formação moral de seus filhos, não questionarem a programação televisiva, se professores da área de Literatura não se sentirem equilibrados emocionalmente para trabalhar assuntos que estão em todas as partes, na sociedade atual, a hipocrisia vai continuar imperando, porque esses responsáveis pelos jovens, assim como os professores, responsáveis pela educação desses jovens, continuarão a abominar e rejeitar textos como os de Loyola Brandão, colocando o Estado em situação delicada e levando-o a rever seu posicionamento de adoção da obra.

O Estado precisa ter firmeza em suas atitudes, ter muito claro quais foram os critérios utilizados para a escolha do livro doado para as escolas de Ensino Médio, saber com que objetivo, de acordo com os PCN, a escolha foi feita. A partir desse critério, embasado em razões

educacionais consistentes, ao invés de recuar, recolhendo os livros ou cancelando a entrega para as escolas que ainda não os haviam recebido, defender seu posicionamento perante os pais, evidenciando a importância da obra escolhida e a necessidade de, nos dias atuais e pela própria proposta de trabalho com temas transversais, provenientes do PCN, utilizar esses contos para desenvolver polêmicas que levem os alunos à reflexão sobre sexo e a própria sexualidade.

O trabalho de professores com obras de Literatura poderá ser elucidativo de questões pouco conhecidas e poderá provocar ampliação não só do conhecimento dos estudantes, como também funcionar de maneira catártica para suas possíveis aflições. Entender as motivações das personagens para determinadas atitudes pode levar os adolescentes a enxergar a vida, seu contexto social e o mundo de diferentes formas.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

APPLE, Michael W., *Ideologia e currículo*; tradução: Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BALDINI, Lauro José Siqueira, *Discurso e cinismo*. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.. (Org.). *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7 Letras; Faperj, 2012, p. 103-112.

BEAUVOIR, Simone de, *O segundo sexo 1*. Lisboa: Bertrand Editora, 2008.

BRANDÃO, Junito de Souza, *Mitologia Grega*. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, *Ignácio de Loyola Brandão*. nº 11. Instituto Moreira Salles, 2001

DEL PRIORE, Mary, (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. *Histórias e conversas de mulher*. 1.ed. São Paulo: Planeta, 2013.

ECO, Humberto, *Apocalípticos e Integrados*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 – (Debates, 19)

FERNANDES, Cleudemar Alves, *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 8 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio, 22 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete, 41 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013b.

FREUD, Sigmund (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV.

FUENTES, Maria Josefina Sota. *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*; tese de Doutorado, USP – Instituto de Psicologia, São Paulo, 2009.

KEHL, Maria Rita, *Deslocamentos do feminino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2008.

MERTON, Robert K.; LAZARSELD, Paul F. *Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social*. LIMA, Luiz Costa (Org.) *Teoria da cultura de massa*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*; São Paulo: Contexto, 2011

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Capítulo 1; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SALLES, Cecília A., *A planta da cidade*. In Cadernos de Literatura Brasileira, Instituto Moreira Salles, número 11, 2001.

SOLER, Colette, *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

TOURAINÉ, Alain; *O mundo das mulheres*, tradução de Francisco Morais. 2 ed. Revista. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

UYENO, Elzira Yoko, *A dogmatização da teoria: a contradição como negação da falta no discurso do professor de línguas*. Campinas, SP: (s.n.), 2002.

OBRAS CONSULTADAS

AZEVEDO, Aluísio, *O cortiço*. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.

JAMES, Erika Leonard. *Cinquenta tons de cinza*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

_____. *Cinquenta tons mais escuros*. Tradução de Juliana Romeiro de Carvalho Stanton, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

_____. *Cinquenta tons de liberdade*. Tradução de Maria Carmelita Dias, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

MORICONI, Ítalo (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. 14 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

_____. *O primo Basílio*. São Paulo: Moderna, 1995.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 40 ed. Rio de Janeiro: Record. 1983.

SITES PESQUISADOS

A PÁGINA - <http://www.apaginadistribuidora.com.br/noticias/detalhe/c/119>- acesso em 10/08/2014

BLOG DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO -
<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/russomano-pelo-reporter-que-escreveu-seu-perfil-em-1994> - acesso em 05/01/2015

BLOG ESPIADINHA - <http://wp.clicrbs.com.br/espiadinha/2014/02/06/bomba-no-bbb-ministerio-publico-recebe-representacao-contragaucho-cassio-por-racismo/?topo=69,2,18,2000> - acesso em 10/08/2014

BLOG PAPO DE PROFESSOR - <http://papodeprofessor.blogspot.com.br/2010/09/erotismo-emalta-nas-publicacoes.html> - acesso em 20/09/2014

BLOG PRA KHD RIR - <http://prakhdrir.blogspot.com.br/2014/02/bbb-14-as-cinco-maiores-baixarias.html> - acesso em 10/08/2014

BLOG – VEREADOR SILAS FARIA - vereadorsilasfaria.blogspot.com.br/2010/09/livro-escolar-cria-polemica-em-ferraz_15.html – acesso em 15/08/2014

CENSO IBGE - <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2240&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-mais-frequentes> – acesso em 24/01/2015

COMO TUDO FUNCIONA - <http://pessoas.hsw.uol.com.br/anos-80.htm> - acesso em 05/08/2014

CONHECENDO O PROSAD - <http://www.uff.br/disicamep/prosad.htm> - acesso em 07/01/2015

CONSCIÊNCIA NET - <http://consciencia.net/o-perfil-instituente-do-movimento-das-beguinas-na-baixa-idade-media/> acesso em 05/01/2015

CRIACIONISMO- <http://www.criacionismo.com.br/2010/08/conto-erotico-usado-em-escola-causa.html> - acesso em 30/09/2014

DIÁRIO DE BARRELAS - <http://www.diariodebarrelas.com.br/game-of-thrones-supera-biblia-na-lista-de-livros-de-fantasia-mais-vendidos-do-seculo/> - acesso em 28/11/2014

EDUCACIONISTA -

http://www.educacionista.org.br/jornal/index.php?option=com_content&task=view&id=6653&Itemid=41 – acesso em 06/01/2015

ESCOLA MOPPE - <http://www.moppe.g12.br/site/adolescentes-multiplicadores/> acesso em 07/01/2015

ESTADÃO - <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,conto-causa-polemica-nas-escolas-estaduais-imp-,591716> – acesso em 18/08/2014

FOLHA ONLINE - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u89898.shtml> acesso em 05/01/2015

FOLHA UOL - <http://www1.folha.uol.com.br/olha/ilustrada/ult90u65281.shtml> - acesso em 23/08/2014

FOLHA UOL - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0309200607.html> - acesso em 01/12/2014

FOLHA UOL - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml> - acesso em 07/02/2015

FORA RUSSOMANO - <http://forarussomanno.tumblr.com/post/30591655138/as-33-razoes-para-nao-votar-em-russomano> - acesso em 05/01/2015

GCN - <http://www.gcn.net.br/imprimir/noticia/105563> 1/1 - acesso em 23/08/2014

GLOBO - <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/08/livro-com-conto-erotico-usado-em-escola-dejundiai-causa-polemica.html> - acesso em 05/08/2014

GLOBO - <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2015/01/policia-diz-que-pm-morto-em-guaruja-foi-estrangulado-filhas-sao-suspeitas.html> - acesso em 29/01/2015

GTP - <http://www.gtp.org.br/historia-aids.htm> - acesso em 05/08/2014

GUIA DO ESTUDANTE - <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/literatura-esta-censurada-612913.shtml> - acesso em 05/08/2014

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO - <http://www.ignaciodeloyolabrandao.com/> acesso em 20/12/2015

INADEC - http://www.inadec.org.br/noticias10/index_noti.asp?idassunto=1229 – acesso em 10/08/2014

INFOESCOLA - <http://www.infoescola.com/biografias/ignacio-de-loyola-brandao/> acesso em 20/12/2014

INSANIDADE TEMPORÁRIA -

<http://insanidadetemporariabyge.blogspot.com.br/2012/01/bbb-baixaria-besteirol-brasileiro.html>
- acesso em 10/08/2014

IPEA http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2328:catid=28&Itemid=23 - acesso em 20/07/2014

MANUAL DO MULTIPLICADOR – http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08_15.pdf - acesso em 02/02/2015

MUNDO DAS MARCAS - <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/05/durex-safe-sex.html> - acesso em 26/01/2015

NA TV - <http://natv.ig.com.br/index.php/2013/01/08/bbb-13-estreia-com-menor-audiencia-de-todas-as-edicoes/> acesso em 28/11/2014

NOTÍCIAS DA TV - <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/furioso-datena-invade-estudio-de-radio-e-xinga-milton-neves-ao-vivo-4541> - acesso em 11/01/2015

NOTÍCIAS VOTORANTIM - <http://noticiasvotorantim.blogspot.com.br/2010/08/livro-com-conto-erotico-causa-polemica.html> - acesso em 07/01/2015

O GLOBO - <http://oglobo.globo.com/brasil/livro-didatico-com-conto-erotico-causa-polemica-em-jundiai-sp-2963092> - acesso em 05/08/2014

O REGIONAL - http://www.oregional.com.br/2013/11/alunos-das-escolas-catanduvenses-recebem-kits-do-apoio-ao-saber_305670 - acesso em 05/10/2014

PALAVRA ESCRITA - <http://wp.clicrbs.com.br/palavraescrita/tag/literatura-erotica/?topo=87,1,1,,87> acesso em 28/11/2014

PORTAL DO MEC - http://portal.mec.gov.br/seb/arq\uiivos/pdf/14_24.pdf – PCN - acesso em 10/08/20

PROGRAMA JOVENS MULTIPLICADORES -

<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/noticias/4184-programa-jovens-multiplicadores-e-realizado-na-regional-de-videira> - acesso em 15/01/2015

PROSAD - <http://www.uff.br/disicamep/prosad.htm> - acesso em 20/12/2014

PROVAS DE VESTIBULAR - <http://www.provasdevestibular.com.br/fuvest#2009> – acesso em 06/01/2015

PROVAS DE VESTIBULAR - <http://www.provasdevestibular.com.br/unesp> - acesso em 06/01/2015

PROVAS DE VESTIBULAR - <http://www.provasdevestibular.com.br/unicamp/> - acesso em 06/01/2015

PROVAS DE VESTIBULAR - <http://www.provasdevestibular.com.br/unifesp/> - acesso em 06/01/2015

PURE PEOPLE http://www.purepeople.com.br/famosos/bruna-surfistinha-raquel-pacheco_p2406 - acesso em 19/08/2014

PURE PEOPLE - http://www.purepeople.com.br/noticia/novela-imperio-audiencia-supera-em-familia-e-gera-boa-expectativa-na-globo_a24622/1#lt_source=external,manual – acesso em 28/11/2014

R 7 – <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/relembre-as-maiores-baixarias-da-historia-do-bbb-20130110> - acesso em 10/08/2014

RECANTO DAS LETRAS - <http://www.recantodasletras.com.br/resenhas/2434122> - acesso em 15/08/2014

REPORTAR É VIVER - <http://daizalacerda.wordpress.com/2010/08/14/das-obscuridades-de-loyola-manifesto-contruma-puta-falta-de-sacanagem/> - acesso em 20/07/2014

REVISTA CONSULTOR JURÍDICO http://www.conjur.com.br/1998-ago-13/entidade_mover_acao_deputado_stf acesso em 05/01/2015

SAÚDE PLENA -

http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2013/11/19/noticia_saudeplena,146453/pesquisa-feita-em-37-paises-mostra-que-o-brasileiro-inicia-a-vida-sexu.shtml - acesso em 11/01/2015

SUA PESQUISA - http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_80.htm - acesso em 15/08/2014

SOUNDCLOUD – BRANCOALA - <https://soundcloud.com/brancoala/caue-moura-pracaba-prodbrancoala> - acesso em 25/11/2014

TRAVESSIA POÉTICA - <http://valiteratura.blogspot.com.br/2011/10/bom-crioulo-adolfo-caminha-estilo.html> acesso em 07/02/2015

ÚLTIMO SEGUNDO - <http://ultimosegundo.ig.com.br/celso-russomanno/4f7dfcead14d951b120000b5.html> - acesso em 06/01/2015

UNESCO - <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/youth/crianca-esperanca-programme/> - acesso em 30/08/2014

VAGALUME - <http://www.vagalume.com.br/raul-seixas/anos-80.html#ixzz35wLidM8> - acesso em 28/08/2014

VEJA. ABRIL - veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/imperio-a-melhor-novela-das-nove-desde-avenida-brasil – acesso em 28/11/2014

VEJA SÃO PAULO - <http://vejasp.abril.com.br/materia/bailes-funk> - acesso em 10/08/2014

WEBDIÁRIO.COM.BR - DIÁRIO DA REGIÃO
http://www.webdiario.com.br/novo_site/dinamico/imprimir_noticias.php?id=50555
5 – acesso em 05/01/2015

WHIPLASH. NET - http://whiplash.net/materias/news_813/207541-nirvana.html - acesso em 26/01/2015

WIKIPEDIA - http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Urgente - acesso em 11/01/2015

WIKIPEDIA - http://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Cultura - acesso em 16/09/2014

YAHOO!Respostas
<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100822140020AAHMw64> – acesso em 30/07/2014

YOUTUBE - <https://www.youtube.com/watch?v=OfPZzkrvS8U10> – acesso em 15/07/2014

YOUTUBE - <https://www.youtube.com/watch?v=XAGFEiFFCZ8> – acesso em 28/11/2014